



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

MARIA VITÓRIA FREIRE DE SOUZA BEZERRA

MEU QUILOMBO:

Territorialidade feminina em Conceição das Crioulas/PE em perspectiva decolonial.

PAU DOS FERROS

2024

MARIA VITÓRIA FREIRE DE SOUZA BEZERRA

MEU QUILOMBO:

Territorialidade feminina em Conceição das Crioulas/PE em perspectiva decolonial.

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Damião Esdras Araujo Arraes

PAU DOS FERROS
2024

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

B574m Bezerra, Maria Vitória Freire de Souza.
Meu quilombo: territorialidade feminina em
Conceição das Crioulas/PE em perspectiva
decolonial. / Maria Vitória Freire de Souza
Bezerra. - 2024.
151 f. : il.

Orientador: Damião Esdras Araujo Arraes.
Monografia (graduação) - Universidade Federal
Rural do Semi-árido, Curso de Arquitetura e
Urbanismo, 2024.

1. Quilombo. 2. Territorialidade. 3. Paisagem.
4. Mulheres quilombolas. 5. Decolonialidade. I.
Arraes, Damião Esdras Araujo, orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade
com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Biblioteca Campus Pau dos Ferros
Bibliotecária: Erlanda Maria Lopes da
Silva CRB: 15/966

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

Maria Vitória Freire de Souza Bezerra

MEU QUILOMBO:

Territorialidade feminina em Conceição das Crioulas/PE em perspectiva decolonial.

Monografia apresentada à Universidade Federal Rural do Semi-Árido como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Defendida em: 25/03/2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **DAMIAO ESDRAS ARAUJO ARRAES**
Data: 26/03/2025 09:29:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Damião Esdras Araujo Arraes, Prof. Dr. (UFERSA)
Presidente

Documento assinado digitalmente
 **ANNA CRISTINA ANDRADE FERREIRA**
Data: 26/03/2025 07:32:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Anna Cristina Andrade Ferreira, Profa. Dra. (UFERSA)
Membro examinador

Documento assinado digitalmente
 **GLAUBER BARRETO LUNA**
Data: 25/03/2025 21:15:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Glauber Barreto Luna, Prof. Dr. (UFERSA)
Membro examinador

Dedico este trabalho a todas as mulheres que enfrentaram batalhas silenciosas, que tiveram seus caminhos desafiados por dificuldades, mas seguiram em frente. Que, mesmo diante do medo, da exaustão e das incertezas, encontraram dentro de si a força para continuar. Que cada conquista, por menor que pareça, seja celebrada, pois seguimos resistindo e avançando.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, que me fortaleceu em cada etapa da minha vida e foi minha base para chegar até aqui. Durante toda a graduação, senti sua presença constante, dando-me força nos momentos mais desafiadores e renovando minha fé quando tudo parecia difícil. Aos 18 anos, ingressei na Universidade Federal Rural do Semi-Árido e enfrentei uma das maiores mudanças da minha vida: deixar minha casa, minha família e tudo o que era familiar para morar em um lugar completamente novo, cercada por pessoas que eu não conhecia.

Essa jornada foi marcada por desafios, que testaram meus limites de maneira profunda, inclusive situações que abalaram minha confiança, minha autoestima e minha saúde emocional. Enfrentei momentos em que me senti completamente sozinha e à beira de desistir, mas foi nesses períodos de escuridão que encontrei a força dentro de mim para seguir em frente. Deus segurou minha mão, acalmou meu coração e me mostrou que, mesmo nas circunstâncias mais difíceis, há um propósito maior.

Essas experiências dolorosas, apesar de tudo, moldaram minha resiliência e me fizeram enxergar minha força interior. Hoje, ao olhar para trás, reconheço que foi essa força, sustentada pela fé, que me trouxe até aqui, mais forte e pronta para continuar escrevendo minha história.

Agradeço aos meus pais Anderson Fabrício Bezerra dos Santos e Maria de Fátima Freire de Souza, por todo apoio, direcionamento e investimento dados a mim durante toda minha vida, desde pequena fui preparada para esse momento e graças a dedicação de vocês estou conseguindo. Obrigada por me ajudarem em todos os momentos e por fazerem absolutamente tudo por mim, nós sabemos dos desafios enfrentados para isso.

Agradeço aos meus irmãos Beatriz Freire de Souza Bezerra, Manoel Tavares Bezerra e Elisa Tavares Bezerra, por todo carinho, por todas ligações que eram diárias e me fortaleceram quando eu estava longe e sozinha. Agradeço pela admiração que vocês têm a mim, e prometo honrar toda a responsabilidade de irmã mais velha.

Agradeço ao meu grande amor, companheiro de vida, Thiago José Lima Rosa, que tanto me ajudou nessa minha fase de graduação sendo meu porto, ele me levantou da cama em dias que eu não conseguia levantar, ele sempre esteve ao meu lado me apoiando e me incentivando.

Thiago trouxe um novo significado à minha vida, com ele, ganhei novos sonhos que passaram a me inspirar a suportar o processo e a enxergar um futuro ainda mais bonito. Sua presença foi minha fortaleza e meu maior estímulo para não desistir, mesmo nos dias mais sombrios. Amo você.

Agradeço a todos os meus amigos, em nome de: Eutice Yandra Leite Lopes, Maria Eduarda do Amaral, Maria Júlia Carvalho Rufino Cecílio e Nathália de Sá Vasconcelos, que me acompanham desde o maternal, com vocês compartilho vivências e sonhos, é incrível ter amizades que te acompanham durante toda a vida, estamos vendo nossos sonhos se realizando. A todos os meus amigos, obrigada pelo gigantesco apoio e pelas alegrias proporcionadas.

Agradeço também a minhas amigas de curso: Gláucia Silveira de Oliveira, Laura Beatriz Arruda da Silva e Amanda Estevam Nogueira. Obrigada por toda troca, pela companhia, pelo apoio e suporte, vocês foram fundamentais para que eu continuasse e chegasse até aqui

Agradeço ao meu orientador Damião Esdras Araujo Arraes por toda dedicação e comprometimento que foram fundamentais e enriquecedores para meu trabalho, professor sou extremamente grata pela sua orientação. Desejo uma vida abençoada, feliz e próspera para o senhor.

Agradeço a minha banca, professor Glauber e professora Anna Cristina, obrigada pelo tempo dedicado, pelos comentários e sugestões. Suas considerações foram de grande importância para o aprimoramento do meu trabalho.

Agradeço especialmente a mulheres que fizeram toda diferença na minha pesquisa, as mulheres da comunidade, em nome de Fabiana Vencezlau, Maria Aparecida Mendes e Lourdinha Silva, obrigada por toda escuta e receptividade, por me guiarem nas andanças dentro da comunidade, pelos materiais fornecidos para pesquisa, sem vocês eu não teria chegado ao fim.

Agradeço a João Ataíde pela dedicação e generosidade que foram fundamentais para a concretização deste trabalho, obrigada pela disposição e pela colaboração.

Agradeço a minha psicóloga, Nancy Maia, por ter me acompanhado durante meu trabalho, pelo apoio emocional e profissional e orientação durante a minha jornada. Obrigada por toda escuta, disponibilidade e cuidado foi fundamental para eu conseguir lidar com os desafios da graduação.

Agradeço o meu cachorro Fred por ser alegria e motivação nos dias mais difíceis, você me motivou a continuar.

Agradeço a mim, pela coragem, força, dedicação, organização, comprometimento, responsabilidade e principalmente por não ter desistido.

A todos que contribuíram direta ou indiretamente durante minha jornada acadêmica, meu muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho é uma análise da percepção de paisagem das mulheres da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas/PE sob perspectiva decolonial. A pesquisa, de abordagem qualitativa e quantitativa, inclui pesquisa bibliográfica e documental, levantamento de campo, observação direta, entrevistas, elaboração de mapas temáticos e afetivos. Os resultados apontam que Conceição das Crioulas é um território de resistência, onde a identidade negra é mantida por meio da valorização e transmissão de saberes ancestrais. As mulheres são protagonistas nesse agenciamento e fundamentais para a organização territorial e comunitária, na preservação da cultura e da paisagem. Conclui-se que a territorialidade e a paisagem da comunidade são lugares de memória, pertencimento e resistência.

Palavras-chave: quilombo; territorialidade; paisagem; mulheres quilombolas; decolonialidade.

ABSTRACT

This study analyzes the perception of landscape by women from the quilombola community of Conceição das Crioulas/PE from a decolonial perspective. The research, which uses a qualitative and quantitative approach, includes bibliographic and documentary research, field surveys, direct observation, interviews, and the development of thematic and affective maps. The results indicate that Conceição das Crioulas is a territory of resistance, where black identity is maintained through the valorization and transmission of ancestral knowledge. Women are protagonists in this agency and fundamental to territorial and community organization, in the preservation of culture and landscape. It is concluded that the territoriality and landscape of the community are places of memory, belonging, and resistance.

Keywords: quilombo; territoriality; landscape; quilombola women; decoloniality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Caroá.....	24
Figura 2	– Pintura mural que inspirou o título do trabalho.....	30
Figura 3	– Planta do quilombo Buraco do Tatu	41
Figura 4	– Resumo de todas as pessoas livres, e captivas, Fogos, e Fazendas da Cidade, Villas e Sertões da Capitania de S. Jozé do Piahy	46
Figura 5	– Localização do povoado “Conceição” em mapa do início do século XX	49
Figura 5	– Sede da AQCC.....	52
Figura 7	– Vila União	58
Figura 8	– Vila Centro	58
Figura 9	– Escola Municipal José Nêu de Carvalho (Vila Centro)	60
Figura 10	– Escola Municipal Quilombola Professor José Mendes (Vila Centro)	60
Figura 11	– Escola Quilombola Pro. Rosa Doralina Mendes (Vila Centro)	60
Figura 12	– Creche Quilombola Maria Auxiliadora de Jesus (Vila Centro)	60
Figura 13	– Unidade de saúde da família Margarida Domingas da Silva (Vila Centro)	60
Figura 14	– Biblioteca Afro-indígena Conceição das Crioulas (Vila Centro)	60
Figura 15	– Igreja Evangélica Avivamento Bíblico (Vila Centro)	61
Figura 16	– Casa das Juventudes Girlene Rosa (Vila Centro)	61
Figura 17	– Correios (Vila Centro)	61

Figura 18	– Mercado Público (Vila Centro)	61
Figura 19	– Academia pública (Vila Centro)	62
Figura 20	– Cemitério (Vila Centro)	62
Figura 21	– Igreja Nossa Senhora da Conceição (Vila Centro)	62
Figura 22	– Ruínas da edificação chamada de Casa-Grande (Vila Centro)	62
Figura 23	– Serra das Crioulas (Vila União)	63
Figura 24	– Serra das Princesas (Vila União)	63
Figura 25	– Açude (Vila Centro)	63
Figura 26	– Buraco dos Ossos (Vila União)	63
Figura 27	– Vista da Pedra do Matame (Vila União)	63
Figura 28	– Umbuzeiro (Vila União)	63
Figura 29	– Juazeiro (Vila União)	64
Figura 30	– Baobá (Vila União)	64
Figura 31	– Caldeirão do emborcado (Vila União)	65
Figura 32	– Caldeirão da Pedra da Mão (Vila União)	65
Figura 33	– Pedra Preta (Vila União)	65

Figura 34	– Pedra da mão (Vila União)	65
Figura 35	– Pintura rupestre na Pedra da mão (Vila União)	66
Figura 36	– Peça bordada	75
Figura 37	– Tigela de barro	75
Figura 38	– Bolsas	76
Figura 39	– Bonecas de Caroá	77
Figura 40	– Peça expostas em feira	77
Figura 41	– Mulheres dançando o trancelim em frente a Igreja de Nossa Senhora da Conceição	78
Figura 42	– Benzedeira	78
Figura 43	– Desenho MAM	89
Figura 44	– Desenho MM	90
Figura 45	– Desenho FV	91
Figura 46	– Desenho ACMS	91
Figura 47	– Desenho TM	92
Figura 48	– Desenho JVO	93
Figura 49	– Desenho MLS	93
Figura 50	– Desenho E	94
Figura 51	– Desenho MMO	95
Figura 52	– Desenho FMO	96

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	– O que significa Quilombo para você?- mulheres em geral	82
Gráfico 2	– O que significa Quilombo para você?- Lideranças	83
Gráfico 3	– Como você percebe a paisagem a sua volta?- Lideranças	84
Gráfico 4	– Como você percebe a paisagem a sua volta?- mulheres em geral	85
Gráfico 5	– Como você se relaciona com o espaço? Qual sua rotina? Que caminhos você percorre?- mulheres em geral	86
Gráfico 6	– Como você se relaciona com o espaço? Qual sua rotina? Que caminhos você percorre?- Lideranças	86
Gráfico 7	– Qual o papel das lideranças femininas dentro do quilombo?- Lideranças.....	87
Gráfico 8	– Qual impacto que sua posição de liderança causa na comunidade?- Lideranças	88
Gráfico 9	– O que significa pertencer ao quilombo?- Lideranças.....	130
Gráfico 10	– Como você percebe a paisagem à sua volta?- Lideranças.....	131
Gráfico 11	– Qual o papel das mulheres dentro do quilombo?- Lideranças.....	133

Gráfico 12	–	Quais dificuldades você encontrou para chegar nessa posição?- Lideranças	136
Gráfico 13	–	Quais dificuldades você encontra ao exercer o papel de líder?- Lideranças	137
Gráfico 14	–	Que maneiras você busca para superar as dificuldades encontradas?- Lideranças.....	138
Gráfico 15	–	Quais iniciativas você desenvolve?- Lideranças	139
Gráfico 16	–	O que significa pertencer ao quilombo?- mulheres em geral	143

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	– Mapa de localização.....	22
Mapa 2	– Localização do quilombo Santa Joana.....	43
Mapa 3	– Localização do quilombo Lagoas	45
Mapa 4	– Localização do quilombo Timbaúba	47
Mapa 5	– Mapa geral localização de imagens.....	54
Mapa 6	– Mapa geral localização de imagens- parte 1.....	54
Mapa 7	– Mapa geral localização de imagens- parte 2.....	55
Mapa 8	– Mapa geral localização de imagens- parte 3.....	55
Mapa 9	– Mapa geral localização de imagens- parte 4.....	56
Mapa 10	– Mapa geral localização de imagens- parte 5.....	56
Mapa 11	– Mapa geral localização de imagens- parte 6.....	57
Mapa 12	– Mapa geral localização de imagens- parte 7.....	57
Mapa 13	– Mapa do Projeto Nova Cartografia Social do Povos e Comunidade Tradicionais do Brasil	58
Mapa 14	– Recursos Naturais	67
Mapa 15	– Cheios e Vazios	68
Mapa 16	– Distribuição de áreas no perímetro territorial do quilombo	71
Mapa 17	– Traçado viário da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas	74

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	–	Comparação entre comunidades quilombolas.....	48
Quadro 2	–	Perfil das entrevistadas	81
Quadro 3	–	Entrevistas às lideranças femininas	103
Quadro 4	–	Entrevistas às mulheres	104
Quadro 5	–	Comparativo respostas Q01	129
Quadro 6	–	Comparativo respostas Q02	130
Quadro 7	–	Comparativo respostas Q03.....	131
Quadro 8	–	Comparativo respostas Q04	132
Quadro 9	–	Comparativo respostas Q05	133
Quadro 10	–	Comparativo respostas Q06	134
Quadro 11	–	Comparativo respostas Q07	135
Quadro 12	–	Comparativo respostas Q08	136
Quadro 13	–	Comparativo respostas Q09	137
Quadro 14	–	Comparativo respostas Q10	138
Quadro 15	–	Comparativo respostas Q11	139
Quadro 16	–	Comparativo respostas Q01	140
Quadro 17	–	Comparativo respostas Q02	142
Quadro 18	–	Comparativo respostas Q03	144
Quadro 19	–	Comparativo respostas Q04	146
Quadro 20	–	Comparativo respostas Q05	148

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AQCC	Associação Quilombola de Conceição das Crioulas
ASPAPP	Associação dos Produtores Agrícolas do Poço da Pedra
CCN	Centro de Cultura Negra
CONAQ	Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas
CRFB	Constituição da República Federativa do Brasil
FCP	Fundação Cultural Palmares
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
M/C	Modernidade/Colonialidade
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
SIG	Sistema de Informação Geográfico
SIRGAS	Sistema de Referência Geocêntrico para as Américas

SMDH	Sociedade Maranhense de Direitos Humanos
STTR	Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais
TEN	Teatro Experimental do Negro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UTM	Universal Transverse Mercator (sistema de coordenadas geográficas)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	22
1.1. Metodologia	31
1.1.1. Pesquisa bibliográfica e documental	31
1.1.2. Levantamento de campo	31
1.1.3. Observação direta	32
1.1.4. Entrevistas	32
2 REFERENCIAL TEÓRICO	34
2.1. Estudos decoloniais/contracoloniais	34
2.2. Interseccionalidade	36
2.3. Anotações sobre o conceito de território na perspectiva decolonial	37
3 QUILOMBOS	39
3.1. Outros quilombos no brasil	43
3.1.1. Comunidade Quilombola Santa Joana	43
3.1.2. Comunidade Quilombola Lagoas	44
3.1.3. Comunidade Quilombola Timbaúba	47
4 CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS	49
4.1. História de conceição das crioulas	49
4.2. Caracterização da paisagem e do espaço urbano de conceição das crioulas	52
4.3. Tecendo territorialidades: culturas material e imaterial de conceição das crioulas	75
5 PERTENCIMENTO E LUGAR: RELAÇÃO ENTRE A COMUNIDADE, O TERRITÓRIO, A PAISAGEM	80
5.1. Entrevistas	81
5.1.1. Análise das entrevistas	82
5.1.1.1. Territorialidade das mulheres de Conceição das Crioulas	82
5.1.1.2. Significado de paisagem	83
5.1.1.3. Pertencimento e lugar	85
5.1.1.4. Lideranças femininas da comunidade	87
5.1.2. Análise dos desenhos	89
5.1.2.1. Paisagem, território e cotidiano	89
5.1.2.2. Ancestralidade e pertencimento	92
5.1.2.3. Coletividade e Territórios de interação Comunitária	94
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	98
APÊNDICE A	103

APÊNDICE B- TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	104
APÊNDICE C	129
ANEXO A: Autorização de uso do mapa Thiago José Lima Rosa	150
ANEXO B: Autorização de uso dos mapas Next Soluções e Consultoria	151

cerca de 14 léguas (98 quilômetros), para vender os novelos de linha e os tecidos por elas fabricados. Com o dinheiro que ganhavam das vendas, conseguiram, por volta de 1802, comprar as terras que haviam escolhido para viver e cultivar. Juntamente com as fundadoras, chegou um homem chamado Francisco José com uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, e com elas fizeram uma promessa que, se conseguissem pagar o tributo das terras, ergueriam uma capela dedicada à santa (Carvalho, 2016, p. 2-3).

No ano de 1988, Conceição das Crioulas foi reconhecida como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural dos Palmares; Em 2000, a instituição titulou uma área de 16.865 hectares à comunidade; porém, sem retirar os ocupantes externos (Carvalho, 2016, p. 2).

De acordo com o Projeto *Nova Cartografia Social* (2007, p. 3-4), a comunidade possui vínculos sociais fortes. Seus moradores costumam se reunir em reuniões, associações e/ou mutirões. Nos anos 1980, lideranças sentiram a necessidade de criar uma associação para discutir as demandas econômicas, políticas, culturais e sociais do quilombo; então foi criada a Associação dos Produtores Agrícolas do Poço da Pedra - ASPAPP. Posteriormente, nos anos 2000, foi fundada a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC). A coordenação da associação envolve comissões temáticas, como as de patrimônio, geração de renda, saúde e meio ambiente, educação, mulher, juventude e comunicação. De fato, hoje o quilombo é um território dinâmico!

A economia do local gira em torno do aproveitamento da fibra do caroá (*Neoglasiovia variegata*), uma planta nativa das Caatingas, utilizada para confeccionar bolsas, bonecas, painéis, entre outros artefatos. Além da fibra vegetal, os moradores de Conceição das Crioulas se entrelaçam com a “terra”, outro elemento da natureza. Do barro encontrado em algumas serras são moldados, por mãos femininas, copos, tigelas e colares. Soma-se a isso a criação de animais e o cultivo de hortas manuseadas de forma sustentável para rentabilizar a economia doméstica e comunitária (Projeto Nova Cartografia Social, 2007, p. 5).

Figura 1 - Caroá



Fonte: https://nema.univasf.edu.br/index.php?page=newspaper&record_id=73 , acesso: 26 Jan 2025.

O território e a sociedade quilombola Conceição das Crioulas são um campo fértil de análise decolonial/contracolonial, interseccional, de compreensão sensível e objetiva do “lugar” e de pertencimento. Examinar a construção do território e a percepção de paisagem das mulheres da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas é o objetivo central deste trabalho. Nesse sentido, pretende-se averiguar o protagonismo de mulheres no contexto em que estão inseridas no agenciamento de construção do território quilombola, na apreensão sensível da paisagem e do lugar.

A perspectiva decolonial/contracolonial parece-nos se alinhar bem à busca por tal agenciamento. Com efeito, a decolonialidade é a retomada de histórias, conhecimentos e saberes invisibilizados/subalternizados. É a resignificação potente de conhecimento, costumes e subjetividades de uma realidade inferiorizada pela modernidade/colonialidade (Mignolo, 2016), assim como a investigação da forma em que as estruturas de poder continuam produzindo colonialidade e buscam uma mudança dessas atitudes. A colonização trouxe, dentre alguns aspectos, heranças como a língua, a religião, a ciência, o direito e a culinária, mas também o patriarcado, a violência epistemológica e o capitalismo (Santos, 2022). Em decorrência disso, culturas foram apagadas e memórias esquecidas. O processo colonizador modelou as instituições latino-americanas, causando uma dependência que afeta diretamente a

maneira como visualizamos o mundo. Dessa forma, pensar de forma decolonial/contracolonial é subverter ou desmantelar tudo o que nos foi imposto, ressignificando o que é nosso.

Segundo Boaventura de Sousa Santos (2023, p. 72), o processo de descolonização se baseia no pressuposto de que não há uma entidade única denominada História que advoga a introdução ou exclusão de outras “histórias”. A História (eurocêntrica) tem-se afirmado desde o século XVI como único relato que pode dar conta do passado. A descolonização seria então um confronto de diferentes modos de dominação moderna. Além da História, Santos lista como estruturantes o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado.

A história da criação política e epistemológica da “descolonização” ou “decolonização” evoca o mundo pós Segunda Guerra Mundial. Em 1955, na Conferência de Bandung, reuniram-se 29 países com o objetivo de encontrar as bases e a visão comum de um futuro que não fosse nem capitalista nem comunista, o caminho encontrado foi a “descolonização” (Mignolo, 2016, p. 5). Já em 1961, na Conferência de Países não Alinhados, em Belgrado, estados latino-americanos estabeleceram os fundamentos políticos e epistêmicos da decolonialidade (Mignolo, 2016, p. 2). Nesse sentido, de acordo com o contextualizado, podemos considerar o pensamento decolonial como um movimento de resistência contra-hegemônico que rompe com a herança epistemológica colonial, a qual foi denominada por Santos (2022) de “epistemologias do Sul”. Nos termos desse autor:

As epistemologias do Sul pretendem mostrar que aquilo que são os critérios dominantes do conhecimento válido na modernidade ocidental, ao não reconhecerem como válidos outros tipos de conhecimento para além daqueles que são produzidos pela ciência moderna, deram origem a um epistemicídio massivo, ou seja, à destruição de uma imensa variedade de saberes que prevalecem sobretudo no outro lado da linha abissal – nas sociedades e sociabilidades coloniais (Santos, 2022, p. 27).

Assim como o nome do sociólogo peruano Aníbal Quijano, figura de proa nos estudos decoloniais da América Latina, o grupo Modernidade/Colonialidade reuniu um bom número de estudiosos interessados em reposicionar o conhecimento produzido no territórios latino-americanos em paridade com aquele formulado no ambiente acadêmico europeu. Luciana Ballestrin (2013, p. 89) define o grupo Modernidade/Colonialidade como uma união de intelectuais latinos-americanos de diversas universidades das Américas, constituído no final de 1990. Foi um movimento que visou a renovação crítica e utópica das ciências sociais na América latina no século XIX. Por meio da noção de “giro decolonial”, o Grupo M/C atualiza a tradição crítica de pensamento latino-americano, oferecendo releituras históricas e problematizando velhas e novas questões para o continente.

No Brasil, registram-se experiências decoloniais como o Teatro Experimental Negro – TEN, fundado por Abdias do Nascimento em 1944, quando o cenário das artes cênicas era majoritariamente ocupado por pessoas brancas. A proposta do TEN era a valorização social do negro por meio da educação, cultura e estética. A ideia era resgatar valores ancestrais africanos que foram deixados de lado pelos processos de colonização e neocolonização (Nascimento, 2004, p. 209-225 *apud* Portela, 2021, p. 5).

Ainda no âmbito brasileiro, outra figura de proa no processo de descolonização foi Paulo Freire, que, no início da década de 1960, na cidade de Angicos, no estado do Rio Grande do Norte, iniciou uma proposta de educação que foi uma das experiências mais significativas no Brasil republicano. O experimento chamado *40 horas de Angicos* foi executado com 300 jovens e adultos em 1963, sendo demonstração político-pedagógica crítica e de luta contra o analfabetismo. O exercício pedagógico serviu de piloto para o programa de alfabetização nacional mais amplo, implementado pelo governo federal nas reformas de base sob o comando de João Goulart (Silva & Sampaio, 2017, p. 56 *apud* Portela, 2021, p. 5).

O livro *Pedagogia do Oprimido* foi publicado em 1968, consolidando a experiência das 40 horas de Angicos. A educação libertadora de Freire é uma perspectiva decolonial, pois repensa o local de violência de opressão em que a escola está inserida a partir da crítica social dos conteúdos estudados (Portela, 2021, p. 5).

Outra importante experiência decolonial brasileira foi o trabalho de Lélia Gonzalez, que introduz o termo Amefricanidade. Ela analisa as relações político-culturais do Brasil e da América-latina (Gonzalez, 1988, p. 69 *apud* Portela, 2021, p. 7). Segundo Gonzalez (1988, p. 69) “o Brasil, devido à ordem geográfica e inconsciente, não vem a ser o que geralmente se afirma: um país cujas informações do inconsciente são exclusivamente europeias e brancas”. A autora então afirma que o país é uma entidade em processo constante de hibridação da América com a África; portanto, ela troca o “t” pelo “d”, introduzindo o termo América Ladina Gonzalez (1988, p. 6).

Lélia Gonzalez (1988, p. 76) propõe o termo Amefricanos e a categoria Amefricanidade com implicações democráticas. As expressões permitem ultrapassar limitações territoriais, linguísticas e ideológicas, abrindo assim entendimento transfronteiriço e transcultural mais profundo da parte do mundo que ela se manifesta, a América (sul, central, norte e insular). A categoria de Amefricanidade incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural afrocentrada que nos encaminha no sentido de construção de identidade étnica (Gonzalez, 1988, p. 76).

Outra heurística decolonial se circunscreve no “Perspectivismo Ameríndio”, uma síntese conceitual elaborada pelos antropólogos Eduardo Viveiros de Castro. Esse conceito se trata de uma reação à experiência secular do modelo de produção de conhecimento propagado pela Europa. Para a compreensão do mundo, é premente lançar luz no conhecimento e cosmogonia indígenas, em seus pontos de vista, para que, assim, haja uma democracia cognitiva de fato. A ideia central desse conceito consiste na relação que alguns povos do noroeste da Amazônia guardam com os humanos e não-humanos (Castro, 2020, p. 300). O perspectivismo ameríndio oferece uma nova forma de ver o mundo e a natureza. É um discurso contra-hegemônico ao padrão de degradação ambiental fundado no antropoceno e na sua capacidade de modificar o ambiente em benefício do desenvolvimento capitalista (Castro, 1996, p. 118 *apud* Portela, 2021, p. 7-8).

No entanto, como base heurística e metodológica deste trabalho, o giro decolonial se complementa com a interseccionalidade bem estudada por Patrícia Hills Collins e Sirma Bilge (2021). De acordo com as autoras (2021), a interseccionalidade investiga como as relações de poder influenciam as relações sociais em sociedades que são marcadas pela diversidade. Para o entendimento dos fenômenos sociais e a própria materialidade dos objetos do mundo, é preciso inter-relacionar raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e idade. Nesse aspecto, a interseccionalidade é um instrumento analítico que permite a compreensão mais completa das experiências individuais e coletivas. Ela é usada para encontrar estruturas melhores para solucionar problemas sociais. A cidade, os territórios, a arquitetura e a paisagem são dimensões nas quais é possível observar os fundamentos da interseccionalidade em suas construções (Hills; Bilge, 2021).

Além da decolonialidade e da interseccionalidade, este trabalho se ancora na percepção sensível e objetiva da paisagem. A percepção da paisagem é a construção de sentimentos do indivíduo em relação ao meio que o cerca, é algo particular, pois varia em cada indivíduo e depende das experiências de vida de cada um. Segundo Yves Lacoste (2003 *apud* Pereira e Santos, 2023), a paisagem é como um espaço geográfico que se pode ver desde um certo ponto. Já Trissier (2003 *apud* Pereira e Santos, 2023) comenta que a paisagem é um enquadramento do território que se apresenta à/ao observadora/observador, ou seja, ela depende da experiência particular de cada indivíduo. Esse aspecto se alinha ao perspectivismo proposto por Viveiros de Castro.

De acordo com Milton Santos (1999 *apud* Pereira e Santos, 2023), a paisagem é história congelada que se alterna no espaço de acordo com suas funções e atividades sociais em constante transformação.

Além da paisagem, o conceito de *lugar* também direciona nosso entendimento sobre os territórios estudados nesta pesquisa. Da Silva e Lopes (2014 apud Pereira e Santos, 2023) destacam que o conceito de lugar está associado à ideia de afetividade e de subjetividade construídas ao longo do tempo. O lugar é modificado pela ação humana, sejam modificações físicas, mentais ou simbólicas, mas também por meio de histórias, vivências e memórias pessoais e compartilhadas. Nesse sentido, a experiência interfere na construção do lugar. A tessitura entre os "fios" do lugar, paisagem e território cria o "pertencimento", aqui pensado a partir do entendimento da intelectual feminista bell hooks (2022), isto é, o laço subjetivo e material inquebrantável com a terra, com os modos de se comunicar e com as pessoas.

Tendo em vista o exposto, verifica-se o peso capital de examinar a construção do território e das paisagens da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas em lentes decoloniais/contracoloniais e interseccionais, na medida em que um de seus eixos envolve as dimensões de raça, sociedade e gênero. Assim, esta monografia tece comentários não peremptórios na tentativa de desvelar o significado da presença negra, eclipsado, até pouco tempo, dos estudos da construção dos territórios e paisagens dos sertões do Nordeste brasileiro, reafirmando a potência de reconhecer e valorizar a contribuição histórico-cultural dessa presença. A narrativa busca dar voz a essas mulheres que assumem liderança na comunidade e assimilar como elas percebem e apreendem o território e a paisagem em que vivem. Outro fato basilar é compreender qual a relação dessas mulheres na construção do território da comunidade quilombola.

Este trabalho também deixará registrado uma discussão da ideia de território e arquitetura para além do cânon da historiografia europeia. Como antes mencionado, é necessário que os habitantes de Conceição das Crioulas, sobretudo a dimensão feminina, conceba o significado da casa, da rua, da comunidade, enfim do território e da paisagem.

Sendo assim, as principais questões que subsome este trabalho são: como ressignificar e entender a forma que as mulheres da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas percebem e constroem seu território? Qual a ideia de território e paisagem que atravessa a perspectiva feminina e outros moradores? De que maneira o protagonismo feminino interferiu a configuração dos territórios e paisagens? Como este trabalho pode contribuir para a divulgação da cultura material e imaterial de Conceição das Crioulas?

Nesse aspecto, intenta-se estudar a noção de território e paisagem em termos contracoloniais. Conforme a acepção do pensador e líder quilombola Antônio Bispo dos Santos (2023), a contracolonialidade auxilia no entendimento do território e da paisagem da comunidade quilombola a partir de pessoas subalternizadas perante a sociedade em geral. As

questões decoloniais na arquitetura e no urbanismo ainda são iniciais; portanto, não é pretendido esgotar o tema e sim lançar a luz em perspectiva inovadora.

Como objetivos específicos têm-se: (1) compreender a relação das mulheres na construção do território e da paisagem de Conceição das Crioulas; (2) apreender a percepção de paisagem das mulheres da comunidade quilombola; (3) discutir a ideia de território e arquitetura em perspectiva decolonial/contracolonial e interseccional; e (4) entender o papel das lideranças femininas na construção do território e na divulgação das culturas material² e imaterial³ da comunidade quilombola.

O interesse em estudar a comunidade possui para a autora um significado especial tanto pessoal quanto acadêmico. Conceição das Crioulas é uma emblemática comunidade de Pernambuco, estado de nascimento da autora, além do interesse de trabalhar com mulheres, que acaba encontrando terreno fértil na comunidade. O quilombo localiza-se em Salgueiro, cidade natal da autora, e é marcado pelo protagonismo das mulheres negras, bem como possui uma rica herança histórica, cultural e social. Dessa forma, o trabalho busca fomentar o protagonismo das mulheres quilombolas da comunidade no âmbito acadêmico e divulgar a cultura material e imaterial do local.

O título do trabalho justifica-se na arte mural representada na **figura 2**. A pintura mural reflete o agenciamento de mulheres negras quilombolas na construção do território, da cultura material e da paisagem por meio do entrelaçamento social e afetivo, historicamente engendrado na construção dos diversos e plurais sertões do Nordeste.

² De acordo com a portaria Portaria nº 375, de 19 de setembro de 2018, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que institui a Política de Patrimônio Cultural Material (PPCM), cultura material é entendida como bens tangíveis que fazem referência à identidade, ação ou memória de grupos da sociedade brasileira.

³ O Decreto nº 5.753, de 12 de abril de 2006, promulga a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, adotada pela UNESCO em 17 de outubro de 2003, traz a definição de cultura imaterial no artigo 2º, como práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas, que é transmitido de geração em geração.

Figura 2 - Pintura mural que inspirou o título do trabalho⁴



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

O trabalho se desdobra em seis capítulos. O primeiro capítulo é a introdução, na qual há um subtópico relativo à construção do percurso metodológico. O segundo aborda o referencial teórico com fontes primárias e secundárias utilizadas para elaboração da narrativa, sendo divididos em quatro partes: na primeira envolve as questões do colonialismo, das quais surgem a problemática para realização da pesquisa; na segunda parte é discutida a interseccionalidade, após isso será apresentado a ideia de território na perspectiva decolonial/contracolonial. No terceiro capítulo são apresentados a história de outros quilombos do Brasil e o significado dessas comunidades na territorialidade negra. O quarto capítulo trata da apresentação da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, sendo dividido em caracterização da paisagem e do espaço urbano, história da comunidade, cultura material e imaterial e mulheres na construção do espaço. Por fim, são relacionados os conceitos apresentados mediante o perspectivismo da comunidade, apresentando entrevistas e as suas análises para discussão. O trabalho conclui com as considerações finais.

⁴ Créditos das pinturas, perfis no instagram: @thor081 @rlarissas @guerra.zo @natheferreira_

1.1. Metodologia

1.1.1. Pesquisa bibliográfica e documental

A pesquisa bibliográfica do trabalho foi feita a partir de artigos, cartilhas, entrevistas, dissertações, livretos, livros, teses e sites de instituições de pesquisa diversas. Entre os principais autores destacam-se os trabalhos de Boaventura de Sousa Santos (2023), Fernando Luiz Lara (2023), Ivo e Velame (2023), Walter Mignolo (2007; 2017) e Antônio Bispo dos Santos (2018) para compreender a perspectiva decolonial (ou contracolonial, como preferia Bispo dos Santos). Lélia Gonzalez (1988), Patricia Hill Collins e Sirma Bilge (2021) para entender o feminismo tanto na abordagem decolonial, bem como interseccional. A cartilha *Terra de Quilombos: Comunidade Quilombola Conceição das Crioulas*, de Maria Leticia Alvarenga Carvalho (2016), o fascículo 6 *Nova Cartografia Social dos Povos* (2007) e *Comunidades Tradicionais do Brasil* como norteadores heurísticos acerca da composição socioespacial de Conceição das Crioulas.

A pesquisa possui propósito qualitativo de compreender a forma como a colonização modelou os territórios negros do Brasil. Por isso, a decolonialidade e a interseccionalidade são teorias centrais para entender o que é paisagem, sua percepção e o território de Conceição das Crioulas por meio das lentes dos agentes construtores, no caso do presente trabalho a sensibilidade do quilombola, sobretudo da mulher quilombola. A pesquisa documental foi feita no intuito de se obter dados historiográficos da influência feminina na construção do território e sua percepção de paisagem.

1.1.2. Levantamento de campo

A fim de buscar conhecer o território de estudo, foi realizado um levantamento fotográfico da comunidade com o intuito de compreender a relação que as mulheres têm com a paisagem e seu lugar traçados ao seu redor, como elas contribuem para a construção e permanência de seu território de vida e divulgar, sem pretensões de totalidade, a cultura imaterial e material do quilombo.

Com vistas a adquirir entendimento em relação à morfologia do território de Conceição das Crioulas, foram elaborados mapas temáticos de uso e ocupação, traçado e “cheios e vazios”, detalhando as especificidades formais e sociais da condição urbana, mapa de recursos naturais. Os mapas temáticos se destinam a compreender qual o grau de ocupação da comunidade, o que será uma estratégia para análise da percepção de paisagem. Os dados coletados referentes ao limite territorial da comunidade foram obtidos mediante visitas *in situ* e na plataforma on-line *Google Earth*, sendo processados no Sistema de Informação Geográfico (SIG) QGIS versão

3.22.5 Ltr. O mapa de recursos naturais foi desenvolvido com o sistema de referência SIRGAS 2000 / UTM zona 24S (Universal Transverse Mercator – UTM) e EPSG 31984, tendo como fontes o IBGE (2023) e o MapBiomias Uso e Cobertura Coleção 9 (2023). O mapa de uso e ocupação do solo utilizou o mesmo sistema de referência e EPSG, com fontes de delimitação territorial fornecida pelo IBGE (2023), dados de edificações doados pela Next Consultoria (2025), malha viária do Open Street Map (2024), dados de uso do solo do MapBiomias Coleção 9 (2023) e base cartográfica do OpenTopoMap e Open Street Map. O mapa de traçado urbano e “cheios e vazios” também foi elaborado com o sistema de referência SIRGAS 2000 / UTM zona 24S e EPSG 31984, tendo como fontes a delimitação territorial do IBGE (2023) e a malha viária do Open Street Map (2024).

1.1.3. Observação direta

A metodologia da observação direta será utilizada para entender o entrelaçamento das mulheres com a comunidade, a fim de obter informações de como estas apreendem a paisagem de Conceição das Crioulas. Isso ocorreu mediante visitas da autora ao lugar estudado, realizadas nas seguintes datas: 20 de janeiro de 2024, 16 de dezembro de 2024 e 8 de janeiro de 2025.

As visitas ao quilombo propiciam a compreensão empírica e sensível da paisagem urbana da comunidade, além de possibilitar a confecção de “mapas afetivos”. Segundo Bonfim et al. (2010 p. 131), **Mapa Afetivo** é uma categoria ambiental e social que mostra a afetividade do habitante com local onde transcorre sua vida. Esse instrumento empírico relaciona os ambientes como um território emocional, denotando o entrelaçamento profícuo da subjetividade e do corpo na construção de territórios. As idas à comunidade foram ocasiões para conversar com as mulheres, aplicar as entrevistas e pedir para elas elaborarem mapas afetivos. Os mapas afetivos serão analisados com base na teoria de Kevin Lynch elaborada em seu livro *A imagem da Cidade* (1960), no qual propõe cinco elementos para analisar como as pessoas percebem o espaço: marcos, vias, pontos nodais, distrito e limites.

1.1.4. Entrevistas

Com a intenção de consultar as mulheres quilombolas de Conceição das Crioulas, como elas percebem a paisagem de sua comunidade e como interagem com o território, assim como desvelar qual o papel das lideranças femininas no quilombo e quais são as culturas materiais e imateriais ali elaboradas, foram aplicados questionários (um para mulheres da comunidade e outro para as que ocupam cargos de liderança) que resultam em entrevistas exemplares voltadas a obter informações precisas sobre os temas centrais deste trabalho. Soma-se a isso o fato de

que as perguntas terão o intuito de entender a realidade e rotina femininas, para que assim seja possível relacioná-las com a paisagem e o território, assim como entender propriamente o que é a paisagem para essas mulheres. Após a realização das entrevistas os dados foram tabulados em quadros e analisados de forma quantitativa e qualitativa por meio de gráficos (ver apêndices). Com o objetivo de preservar a identidade da pessoa entrevistada, seus comentários serão identificados somente com as iniciais de seu nome.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Estudos decoloniais/contracoloniais

De acordo com Aníbal Quijano (2009), a colonialidade é um dos pilares do capitalismo. Baseia-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo, sendo inserida nos mais diversos aspectos da vida social. No entanto, ainda segundo Quijano (2009), a colonialidade se diferencia do colonialismo, pois este refere-se a uma estrutura de dominação/exploração, no qual o controle da autoridade política, dos recursos de produção e do trabalho está nas mãos de um império/nação que domina povos de diferentes identidades submetidos à violência do poder colonial. Nesse aspecto, a colonialidade culmina na destruição de uma estrutura social, na qual a população colonizada teve seus saberes retirados reduzidos à condição de indivíduos sem conhecimento (Quijano, 2009, p. 111).

Segundo João Paulo Pereira do Amaral (2015), o colonialismo é uma relação política e econômica de dominação de um povo sobre outro, é a constituição de uma estrutura de poder. A colonialidade é um padrão de poder no qual relações intersubjetivas se articulam a partir de posições de domínio e subalternidade. Esse aspecto se alinha com o pensamento de Walter Dignolo (2017), para quem a colonialidade é uma resposta à globalização iniciada no século XVI, sendo, portanto, constitutiva da modernidade. Não há modernidade sem colonialidade; por isso, a polaridade modernidade/colonialidade no pensamento de Dignolo (2017) constitui duas faces da mesma moeda. Já Almeida e Silva (2015) comenta que o colonialismo chega ao fim com a independência dos países colonizados. Por outro lado, a colonialidade é o violento sistema que o sucede (Grosfoguel 2010 *apud* Almeida e Silva 2015), isto é, a colonialidade como a continuidade das formas coloniais após o fim do colonialismo.

Assim, a colonialidade se torna estrutural nos países do Sul Global, subalternizados historicamente pela violência material e subjetiva perpetrada pelos impérios coloniais. Quijano (2009) cita que, com a invenção da América, o capitalismo se torna global, a colonialidade e a modernidade se convertem em pilares do modelo de dominação. Ao longo do tempo foi imposta identidade societária da colonialidade aos povos indígenas, negros, mestiços, asiáticos e africanos. Esses estão localizados na América, África, Ásia e Oceania, regiões do planeta que sofreram historicamente os abusos do poder colonial. As relações intersubjetivas foram moldadas pela experiência do colonialismo e pelas necessidades do capitalismo, criando um novo conjunto de dominação com um viés eurocêntrico (Quijano, 2009, p. 74). O conceito de Eurocentrismo, segundo Quijano (2009), refere-se à perspectiva cognitiva firmada pelos

europeus e tratada como verdade para as pessoas que estão sob controle do capitalismo, mesmo que inconscientemente.

O pensamento eurocêntrico surge no século XVIII, sobretudo a partir da filosofia e ciências naturais do Iluminismo. Foi elaborada uma narrativa de que a Europa era o umbigo do mundo. Esse continente e seus habitantes situavam-se, idealmente, num patamar mais avançado da espécie humana. Concomitante com essa ideia, foi consolidada a visão dualista de que as pessoas eram diferenciadas em inferiores e superiores, racionais e irracionais, primitivos e civilizados, tradicionais e modernos (Quijano, 2009). Ao longo da história, segundo Quijano (2009), certos atributos vêm sendo utilizados para classificação social, anteriormente eram utilizados gênero, idade e força de trabalho, com a colonização o fenótipo foi acrescentado aos atributos. A produção da categoria “raça” deu-se por meio das diferenças fenotípicas e fisionômicas; mas, nas entrelinhas dessa concepção está o intuito de manter relações de dominação e preconceito, que eclodem no apagamento e silenciamento de diversas pessoas na história (Wilson, 2020, p. 25).

A luta contra a exploração/dominação eurocêntrica (a contracolonialidade) seria um dos caminhos possíveis para a socialização e redistribuição do poder, ou seja, devolver aos indivíduos silenciados o controle das instâncias básicas de sua existência social (Quijano, 2009, p. 113 e 114).

Infelizmente, a colonialidade é uma estrutura de dominação ainda em curso no tempo presente, de maneira que a descolonização surge como alternativa de reelaboração de identidades, territórios e saberes subalternizados. Segundo Aimé Césaire (2010, p. 15), a colonização desciviliza o colonizador, despertando o pior dos instintos. A colonização cria sociedades esvaziadas, que são comunidades que perderam sua identidade, suas tradições culturais são desvalorizadas, as instituições corrompidas e os territórios desapropriados (Césaire, 2010, p. 28).

Para Frantz Fanon (2008, p. 34), todo o povo colonizado perdeu sua autenticidade cultural. Fanon (2008, p. 190-191) deseja que a dominação de pessoa seja extinguida, pois não há superioridade racial. Para ele é preciso acontecer uma desalienação para que se atinja a liberdade. A colonização destitui o sistema de referências científicas e culturais dos povos colonizados (linguagem, vestuário, técnicas, saberes). Sendo assim, a descolonização é essencial para a desconstrução de estruturas impostas pela colonialidade, buscando valorizar saberes, histórias e culturas que foram historicamente marginalizados (Fanon, 2021, p. 9-10).

2.2. Interseccionalidade

A interseccionalidade não é simplesmente um método de fazer pesquisa, também é uma ferramenta de empoderamento de pessoas. (Collins, Bilge, 2021, p. 57).

As sociólogas norte-americanas Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2021) informam no livro - *Interseccionalidade* (2021) - que a interseccionalidade vem sendo amplamente empregada nas ciências sociais, sobretudo, desde o início do século XXI. A interseccionalidade é a investigação de como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais e as experiências individuais. As relações de poder envolvem classe, raça e gênero que se manifestam unicamente e de maneira sobreposta (Collins; Bilge, 2021, p. 17)

As autoras elaboram também o conceito de “domínio disciplinar do poder”, que seria a imposição de uma regra ou regulamento com base na classe, raça, gênero, idade e etc. (Collins; Bilge, 2021, p. 26). Analisando o conceito, é possível encontrar elo com o colonialidade, a qual, como antes observado, é a injunção de uma classificação racial/étnica inserida em aspectos coletivos e pessoais, sendo assim uma estrutura de poder.

Conforme as reflexões das sociólogas (2021), a interseccionalidade posiciona as pessoas de maneira diferente no mundo, respeitando as individualidades, pois, como alguns grupos são mais vulneráveis às mudanças globais, outros se beneficiam delas. Não seria justo enxergar os indivíduos de forma indiferenciada. Assim, o exercício interseccional promove mudança de pensamento principalmente no que se refere à desigualdade econômica: como se sabe, nem todo grupo social consegue contratação em emprego, consegue um trabalho seguro, legalizado e com outros benefícios.

Para Collins e Bilge (2021), existem seis ideias centrais da interseccionalidade: a desigualdade social, as relações de poder interseccionais, o contexto social, a relacionalidade, a justiça social e a complexidade. A desigualdade social é causada por vários fatores e é possível entendê-la segundo a interação entre diferentes categorias de poder. As relações de poder interseccionais devem ser organizadas por meio de intersecções específicas, por exemplo racismo e sexismo, e também domínio de poder estrutural ou disciplinar. O terceiro tema central é o contexto social, um fator importante para análise interseccional. O quarto é a relacionalidade, que abrange uma estrutura analítica que muda o foco da oposição entre categorias para o exame de suas interconexões. O quinto aspecto é a complexidade, a interseccionalidade é multifacetada e requer estratégias complexas. Para finalizar, a sexta ideia é a busca incessante por justiça social.

A interseccionalidade será uma metodologia fundamental para compreender a percepção de paisagem das mulheres de Conceição das Crioulas. As complexas dinâmicas sociais investigadas pela interseccionalidade ajuda-nos a compreender como a mulher quilombola e habitante do um sertão apreende a paisagem de acordo com suas vivências e experiências cotidianas. Nesse caso, a interseccionalidade ultrapassa a teoria e se torna instrumento de pesquisa.

2.3. Anotações sobre o conceito de território na perspectiva decolonial

Para Rogério Haesbaert (2021, p. 157), o território é um modo/espço de vida moldado por interseccionalidade de relações de poder. É onde se observa a resistência e luta por reconhecimento. Alinhando-se a esse entendimento, Bonnemaïson (2000, p. 130) sublinha que o território é o outro lado do espaço, sendo uma visão do mundo antes de ser organização. O território possui organização própria, variando em cada sociedade, é uma unidade de identidade e de questões políticas. O geógrafo Haesbaert define território como um elo antes de ser fronteira, e como confluência entre antropologia e geografia.

Para Souza (1995 *apud* Velame, Silva e Oliveira, 2023, p. 158), o território é um campo de forças vinculado a processos identitários. O espaço físico pode permanecer inalterado; mas o que cria territorialidade são as relações sociais e de poder.

No universo eurocêntrico, a noção de território possui o viés de dominação e subalternização (Alencar *et al.*, 2023, p. 9). No começo da era moderna (século XVI), entendia-se o território numa perspectiva funcional de abrigo de recursos naturais inesgotáveis e alicerce para construção de novas identidades em sociedades. No entanto, na contemporaneidade surge um discurso de desterritorialização devido aos fenômenos engendrados pela globalização. O mundo vem se tornando cada vez mais sem fronteiras, embora algumas nações insistam em construir fronteiras físicas para evitar o contato com povos marginalizados pelo capital neoliberal. A fim de enfrentar as forças homogeneizantes do mundo globalizado, engendra-se a descolonização como discurso potente voltado a lançar luz na pluralidade de saberes e identidades (Alencar *et al.*, 2023).

Para a cultura ocidental, a desterritorialização significa liberdade, já para os povos originários e tradicionais significa o oposto, pois, para eles, a identidade e o pertencimento diz respeito ao enraizamento a certo território (Cooper, Holt e Scott, 2005, p. 45 *apud* Alencar *et al.* 2023 p. 16). O processo de colonização trouxe destruição dos costumes autóctones e transformou o território em mercadoria por meio da propriedade privada, marginalizando a territorialidade a fim de acumular riquezas (Alencar *et al.* 2023).

Os comentários de uma liderança quilombola, Antônio Bispo dos Santos, são luminosos ao expor o significado de território para povos historicamente submetidos à colonialidade do poder e saber. Conforme Bispo dos Santos (2015, p. 45 *apud* Alencar *et al.* 2023), “a guerra da colonização nada mais é que uma guerra territorial, de disputas de territorialidades”. Nesse sentido a colonização foi prejudicial para as comunidades originárias e tradicionais que tiveram suas identidades territoriais negadas e usurpadas.

Kayapó; Lima-Payayá; Schubert-Tupinambá (2023, p. 156) demonstram que a ancestralidade está em conhecer e pensar nossos saberes, histórias e experiências. Explicitam a urgência de se alinhar a uma necessidade ancestral que orienta e guia ações não somente individuais, como também coletivas. Ela fornece senso de identidade, pertencimento e vínculo em uma comunidade. Suprimir a ancestralidade é marginalizar a história de um povo, desconsiderando suas subjetividades.

Os estudos da Geografia, Sociologia, Urbanismo e Antropologia relacionam a indissociabilidade do entrelaçamento entre corpo e território, duas dimensões da condição humana que merecem ser compreendidas em sua complementariedade. Nesse aspecto, Kayapó, Schubert e Ulrich (2020, p. 78) mostram que o corpo-mulher é como um corpo étnico que coexiste com o corpo território livre das amarras neocoloniais. Assim, para Santos e Miranda (2022, p. 25), o corpo-território é um texto vivo que narra experiências atravessadas por esse corpo, ou seja, ele se torna indissociável do lugar onde habita, das memórias ali criadas e do conhecimento de histórias vividas que formam a identidade individual ou coletiva. Com efeito, como revela a pintura mural da figura 1, o território e a paisagem de Conceição das Crioulas são como extensões corpóreas do agenciamento feminino e negro na construção do lugar, dos afetos, do território e da paisagem.

3 QUILOMBOS

Com relação aos estudos históricos e sociológicos dos quilombos no Brasil, a literatura é ampla e profícua. Por isso, uma breve seleção foi necessária para apresentar alguns títulos fundamentais. A obra já clássica de Nina Rodrigues ([1933] 2010) – *Os africanos no Brasil* – foi sequenciada pelo trabalho de Ernesto Ennes (1938) – *A guerra nos Palmares* -, que lançou luz nos eventos beligerantes de destruição definitiva de Palmares, conforme os mandos da Coroa portuguesa e seus agentes coloniais. Além desses, podemos mencionar o estudo do sociólogo Clóvis Moura – *Quilombos: resistência ao escravismo* – e, enfocando os assuntos “arquitetura”, “território” e “espaço”, o mais recente livro organizado por Fábio Velame e Any Brito Ivo – *Arquiteturas dos quilombos da Bahia: território, natureza, tempo, cultura, etnicidade*.

De acordo com Munanga (1996, p. 58), a palavra *kilombo* é originária da língua dos povos Bantu. Sua definição em África dizia respeito a uma sociedade transétnica iniciática, na qual os jovens do gênero masculino eram ensinados e preparados para a fase adulta (Furtado, 2002, p. 185). O Conselho Ultramarino da Coroa portuguesa define quilombo como “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte desprovida, ainda que não tenha ranchos levantados nem se achem pilões neles” (Pedreira, 1962, p. 76 *apud* Silva, 2023, p. 90). Contudo, a historiadora Junia Ferreira Furtado (2022, p. 185) nos informa que, até o final do século XVII, no momento das investidas da Coroa contra o quilombo dos Palmares, a documentação utiliza com maior frequência o termo *mocambo*, cuja semântica na língua quimbundo (também de origem bantu) significa “esconderijo”.

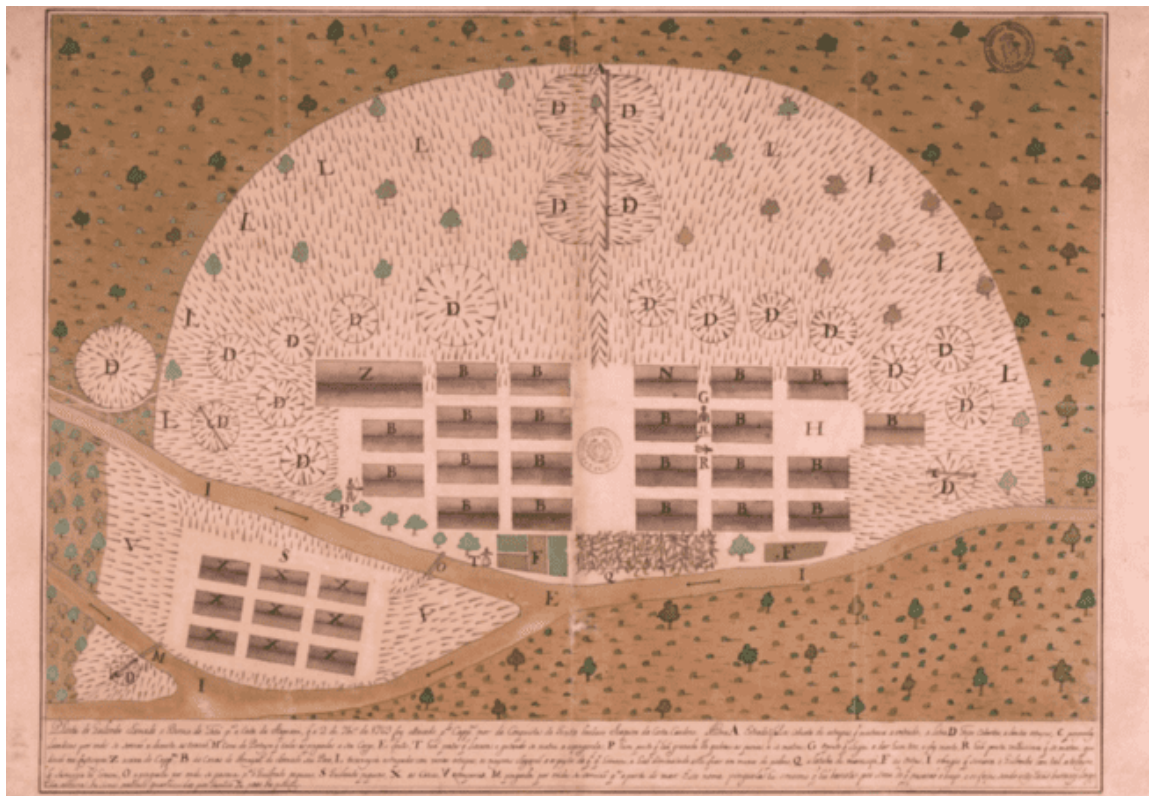
A autora Maria Alice Silva conceitua a palavra quilombo à luz de alguns teóricos. Muniz Sodré (2002, p. 68 *apud* Silva, 2023, p. 91), por exemplo, afirma que quilombo é um espaço organizado pelo africano em terras brasileiras. Para Cunha Júnior (2019, p. 51 *apud* Silva, 2023, p. 91) o conceito de quilombo é uma comunidade de resistência e história de autodeterminação revolucionária. Abdias Nascimento (2009, p. 203 *apud* Silva, 2023, p. 92) comenta que o quilombo é um movimento amplo e permanente de resistência de africanos e seus descendentes. Já Lélia Gonzalez (1988, p. 78-79 *apud* Silva, 2023, p. 93) situa o quilombo numa categoria político-cultural vinculada à “amefricanidade”, signo de reflexão da resistência dos povos negros na América. Em suma, o quilombo é um espaço de resistência, autonomia, transculturalidade e preservação da cultura afro-brasileira. É a resistência contra todos os tipos de violência sofridas pelo povo africano escravizado e seus descendentes, bem como de indígenas e pobres brancos que para lá buscavam abrigo contra as opressões do colonialismo.

De fato, o quilombo brasileiro segue o modelo social do quilombo afro-bantu, na medida em que foi construído para se opor à ordem escravocrata colonial vigente por meio de estrutura política e material na qual se reuniram as pessoas oprimidas (Munanga, 2023, p. 46).

De acordo com o portal Projeto Geoafro Brasil⁵, coordenado pelo professor Rafael Sanzio Araujo dos Anjos, o Brasil registra os maiores números de importações forçadas de pessoas africanas ao longo dos séculos XVI e XIX, recebendo aproximadamente 5 milhões de pessoas, cujos corpos seriam forçados à escravização (Silva, 2017, p. 50 *apud* Silva, 2023, p. 91). Os negros escravizados entregaram-se forçadamente ao trabalho nas plantações de cana-de-açúcar, tabaco, algodão, nas atividades comerciais e domésticas, na extração de ouro e metais preciosos e na criação de gado vacum; porém, resistiram de diversas formas. Mesmo sob ameaça, eles se opuseram aos senhores e autoridades régias, fugiram e rebelaram-se, criaram sociedades solidárias entre si e viram os sertões como território de esperança, onde poderiam reiniciar e renovar suas vidas de acordo com suas heranças africanas.

⁵ Para maiores informações sobre o portal ver <https://www.portalprojetoafro.com>.

Figura 3 - Planta do quilombo Buraco do Tatu



Fonte: <https://www.historia.uff.br/impressoesrebelde/revolta/quilombo-do-buraco-do-tatu/>, acesso em 16 Jan 2025.

A forma espacial de alguns quilombos do século XVIII apresenta geometria regular, com casas desenhadas linearmente. No quilombo do Buraco do Tatu (Figura 5), da capitania da Bahia, observa-se, além das áreas destinadas à habitação, terreiros regulares (letra H) e locais destinados a hortas e cultivos de maracujá (letras Q e F). Na realidade, esse território quilombola buscava sua autodeterminação, construindo lugares protegidos e solidários. Era uma estrutura complexa e hierárquica formulada por pequenas pontes (pinguelas), casa do capitão (letra Z), trincheiras de proteção contra os assaltos de invasores (letra L) e caminhos que conectavam aquele território com os sertões e outras povoações afins.

Palmares é, sem dúvida, o quilombo mais representativo da história de resistência negra no Brasil colonial. Resistiu por anos aos ataques orquestrados pelos representantes do rei. Segundo Veiga (2024), Zumbi esteve à frente do quilombo dos Palmares entre os anos de 1678 e 1695. Ele resistiu não só a escravidão, como ao domínio de Portugal. Em fevereiro de 1694, uma expedição liderada pelo violento sertanista e mestre de campo, Domingos Jorge Velho, invadiu e destruiu o quilombo. Em 20 novembro de 1695, Palmares foi atacado por portugueses, Zumbi foi morto e decapitado (Cf. Ennes, 1938), e essa data se tornou o Dia da Consciência Negra no Brasil.

Ao longo da história brasileira, houve alguns ganhos institucionais para a luta das comunidades quilombolas. Ainda são poucas, pois a reparação histórica deve dismantlar a estrutura colonial, patriarcal e do capitalismo formadora de nossa sociedade. Por exemplo, a Constituição Federal, de 1988, reconhece no artigo 68, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), o direito de remanescente das comunidades dos quilombos ocupem suas terras, a propriedade definitiva de terra e o Estado deve emitir os títulos de posse (Oliveira, 2023, p. 257). O Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, regula o procedimento para identificação, reconhecimento, demarcação e titulação de remanescentes de quilombo, reconhecendo a história e a ancestralidade das comunidades quilombolas.

Art. 2º Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. (Brasil, 2003)

Há ainda a Fundação Cultural dos Palmares (FCP), criada em 1988, sendo o primeiro órgão federal fundado para tratar de questões raciais e culturais mediante políticas de preservação e promoção da cultura negra (Xavier, 2018). Outro órgão representativo da luta quilombola é a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais e Quilombolas (CONAQ), criada, em 1996, para substituir a Comissão Nacional Provisória das Comunidades Rurais Negras Quilombolas (Freitas, 2023, p. 58 e 59). A CONAQ tem como objetivos a luta por garantia do uso coletivo do território, implementação de projetos sustentáveis, assim como políticas públicas que considerem a forma de organização das comunidades, educação adequada à cultura quilombola, promoção do protagonismo feminino negro, promoção de políticas que mobilizem a permanência dos jovens nos territórios quilombolas, luta pelo uso comum da terra e dos recursos naturais, denúncia contra a desigualdade imposta pela herança colonial e pelo neocolonialismo (Freitas, 2023, p. 62).

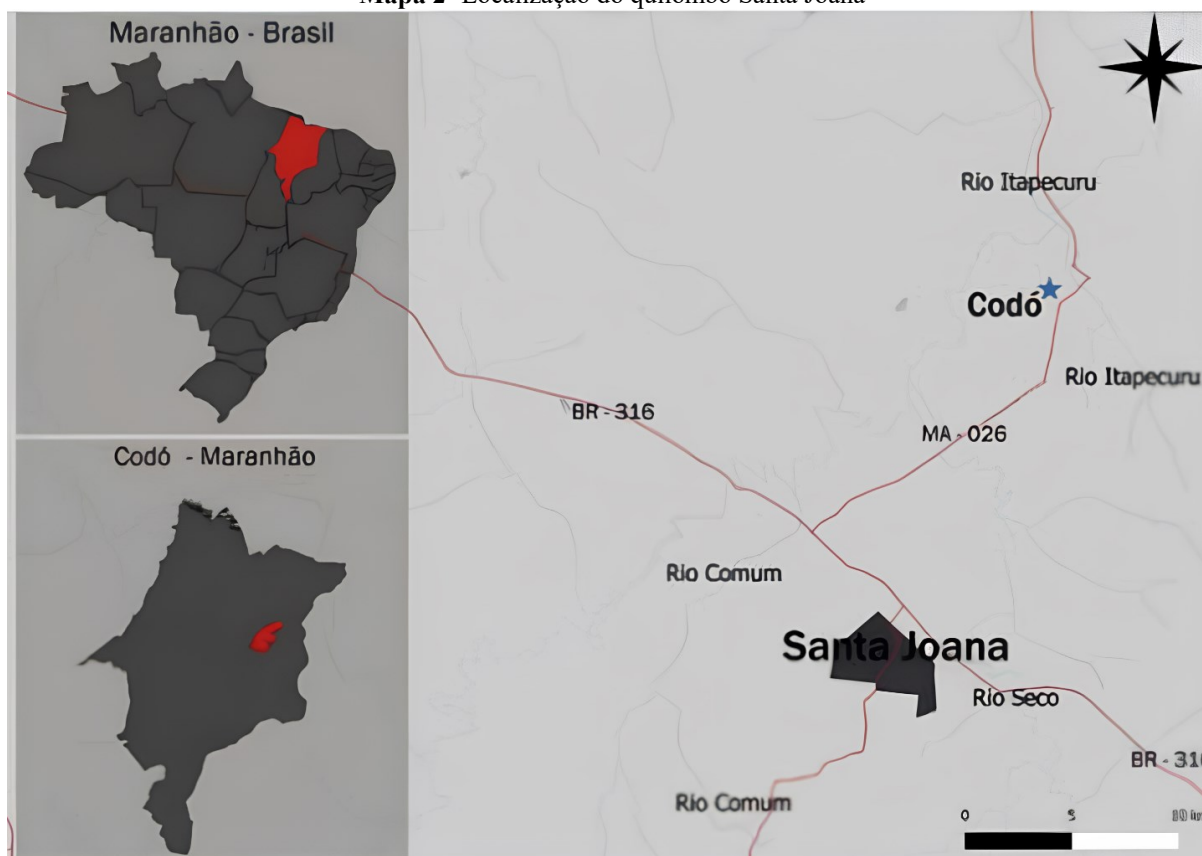
Nesse aspecto, no tempo presente, o conceito de quilombo ultrapassa a noção de um local de refúgio para negros escravizados. Representa um símbolo de resistência, autonomia, autodeterminação, liberdade e valorização da cultura afro-brasileira. Reconhecidos pela Constituição de 1988, os povos de comunidades quilombolas continuam lutando por seus direitos. Os quilombos são uma parte indissociável da identidade e cultura brasileiras.

3.1. Outros quilombos no brasil

3.1.1. Comunidade Quilombola Santa Joana

O quilombo Santa Joana está localizado a 25 km do município de Codó, estado do Maranhão. Segundo dados coletados por Gaioso (2016), a comunidade é composta por 18 famílias; entretanto, apenas 5 residem na comunidade. Em 2005, o quilombo obteve certidão de autorreconhecimento pela FCP e 1.119 hectares delimitados pelo INCRA. Santa Joana teve início com pessoas escravizadas que trabalhavam em lavouras de algodão, economia que fundamentou os processos de urbanização e povoamento das margens do rio Itapicuru no início do século XIX. A história relata que a Fazenda Santa Cruz, localizada em data de sesmaria, foi ofertada aos quilombolas pela antiga sesmeira, que havia retornado a Portugal (Gaioso, 2016, p. 1-3).

Mapa 2- Localização do quilombo Santa Joana



Fonte: Gaioso (2016)

A principal atividade de Santa Joana é o cultivo da roça, herança cultural de trabalhar com a terra por grupo familiar. Os principais produtos cultivados são arroz, milho, mandioca, hortaliças e feijão. Desses, a mandioca é comercializada para produção de farinha. As famílias da comunidade moram em casa de taipa. O acesso à eletricidade só foi possível, em 2005, devido ao Programa “Luz para Todos” do Ministério de Minas e Energia. O abastecimento de

água local se dá por meio de poço artesiano construído em 2008. As crianças têm acesso à educação em uma escola de ensino fundamental I. Mas o ensino fundamental II e médio são possíveis em outras localidades (Gaios, 2016, p. 7-10).

No final da década de 1950, começou a ameaça da perda de terras, quando um senhor arrendou 200 hectares para exploração de jazidas de calcário. Infelizmente, naquela altura, os quilombolas assinaram documentos sem entendimento da causa, e a partir daí principiou a comercialização intensa das terras (Gaios, 2016, p. 10 e 11). Com a luta para retomada da posse, o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR), no final dos anos 1990, com apoio do Centro de Cultura Negra (CCN), da Sociedade Maranhense do Direito dos Homens (SMDH) e a Associação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (ACONE-RUQ), deu início ao processo de reconhecimento e regularização das terras. Depois desses eventos, foi criada a Associação Comunitária dos Pequenos Produtores Rurais de Santa Joana. Ainda conforme Gaios (2016), a comunidade conseguiu a emissão do decreto de desapropriação do território pelo INCRA (Gaios, 2016, p. 10-12).

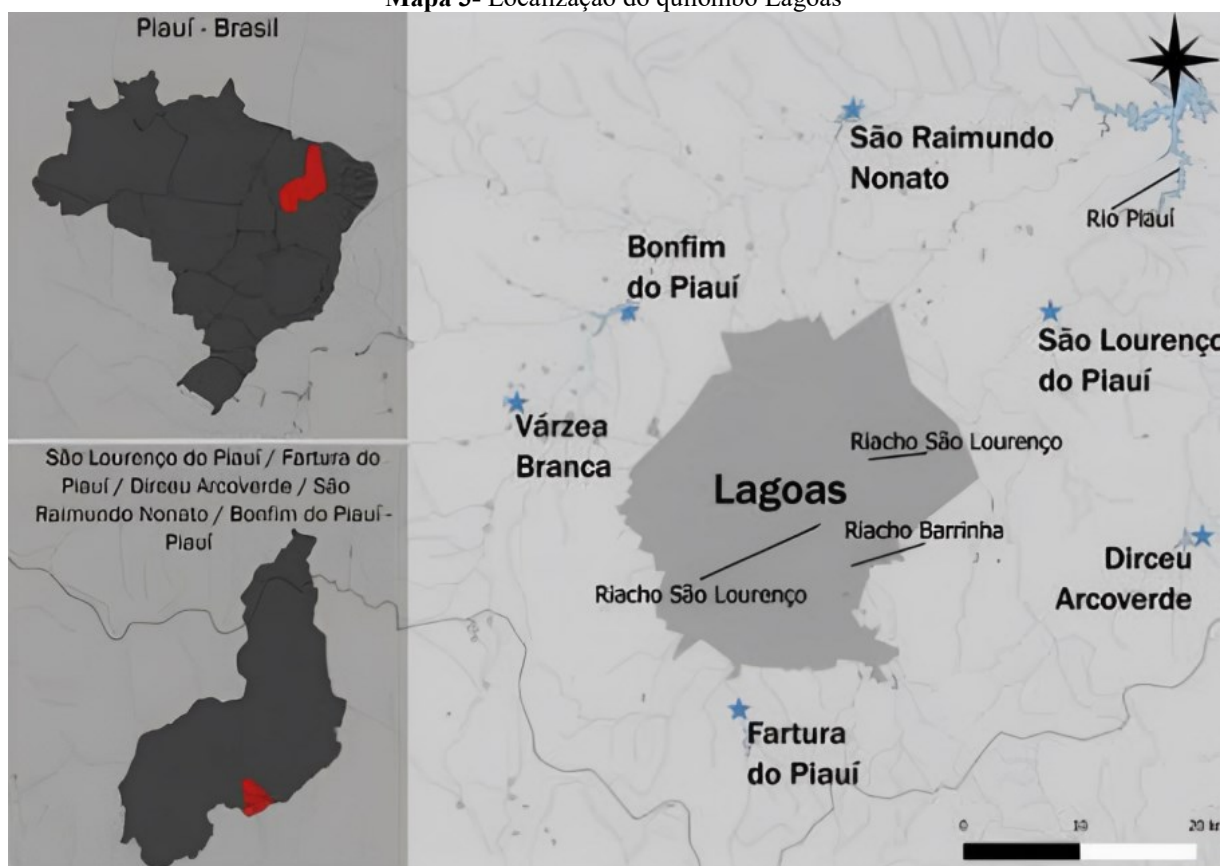
Em Santa Joana é possível encontrar festividades e expressões culturais diversas, como prática de tambor ou terecô. Antigamente, os quilombolas possuíam uma devoção a uma divindade chamada Verequete, atualmente cultuam a Léguas Bogi Buá (Gaios, 2016, p. 6). De acordo com o site *Artesanato do Maranhão*⁶, em Santa Joana é possível encontrar produções artesanais de instrumentos musicais, coco, cabaça, cuia e artefatos de pesca.

3.1.2. Comunidade Quilombola Lagoas

Lagoas é uma das maiores comunidades quilombolas do Brasil, formada por mais de 100 comunidades distribuídas em um território de 62.365,8 ha, abrangendo seis municípios na bacia do sudoeste do estado do Piauí: São Raimundo Nonato, Fartura do Piauí, Várzea Branca, São Lourenço do Piauí, Dirceu Arcoverde e Bonfim do Piauí (Faria, 2016). O território quilombola era composto por seis diferentes datas de sesmarias concedidas no período colonial: São Victor, Sítio da Aldeia, Conceição, Dois Irmãos, Barrinha, Serra Velha e Fazenda Nova (Faria, 2016).

⁶ Disponível em: <<https://artesanatodomaranhao.art.br/cidades/povoados/18110/santa-joana>>. Acesso em: 21 fev. 2025.

Mapa 3- Localização do quilombo Lagoas



Fonte: Faria (2016)

A sesmaria São Victor concentrou o maior número de ex-escravizados que viriam a ocupar o território de Lagoas (Faria, 2016, p. 1-2). Com efeito, as fazendas de gado e as povoações oficiais da capitania do Piauí reuniram um bom número de pessoas escravizadas. No documento intitulado *Rezumo de todas as pessoas livres, e captivas, Fogos, e Fazendas da Cidade, Villas e Sertoens da Capitania de S. Jozé do Piuhy*, redigido pelo primeiro governador João Pereira Caldas, em 1765, são identificadas 4.644 pessoas cativas e 8.102 livres que poderiam, inclusive, abranger antigos escravizados que obtiveram a “carta de alforria”.

Figura 4 – Resumo de todas as pessoas livres, e captivas, Fogos, e Fazendas da Cidade, Villas e Sertões da Capitania de S. Jozé do Piauhy.

Localidade	1782	1783	1784	1785
Cidade Capital da Capitania, e suas Suburbs, por acção da Junta, e do Conselho. E 1782...	270			
O Campo Militar, e praga, que guarnecia a dita Cidade, e os muros e campos de Engenho de açúcar, e praga...				
Freguesia de Santo Antonio, e do povoado de São João. E 1782, que engrenha o Reg. da Fazenda de São João...				
No Distrito da Freguesia de São João, e do povoado de São João, e do povoado de São João...				
No Distrito da Freguesia de São João, e do povoado de São João, e do povoado de São João...				
No Distrito da Freguesia de São João, e do povoado de São João, e do povoado de São João...				
Villa de Vitoria, e do povoado de São João, e do povoado de São João...				
Freguesia de São João, e do povoado de São João, e do povoado de São João...				
Villa de Moura, e do povoado de São João, e do povoado de São João...				
Freguesia de São João, e do povoado de São João, e do povoado de São João...				
Villa de Camargo, e do povoado de São João, e do povoado de São João...				
Freguesia de São João, e do povoado de São João, e do povoado de São João...				
Villa de São João, e do povoado de São João, e do povoado de São João...				
Freguesia de São João, e do povoado de São João, e do povoado de São João...				
Villa de São João, e do povoado de São João, e do povoado de São João...				
Freguesia de São João, e do povoado de São João, e do povoado de São João...				
Villa de São João, e do povoado de São João, e do povoado de São João...				
Freguesia de São João, e do povoado de São João, e do povoado de São João...				
Villa de São João, e do povoado de São João, e do povoado de São João...				
Freguesia de São João, e do povoado de São João, e do povoado de São João...				
Summa tudo.	2050	536	8102	4644
				12744

Fonte: Projeto Resgate Barão do Rio Branco. Arquivo Histórico Ultramarino, Administração Central, Conselho Ultramarino, Piauí, Cx. 9, D. 547 in Arraés, 2012.

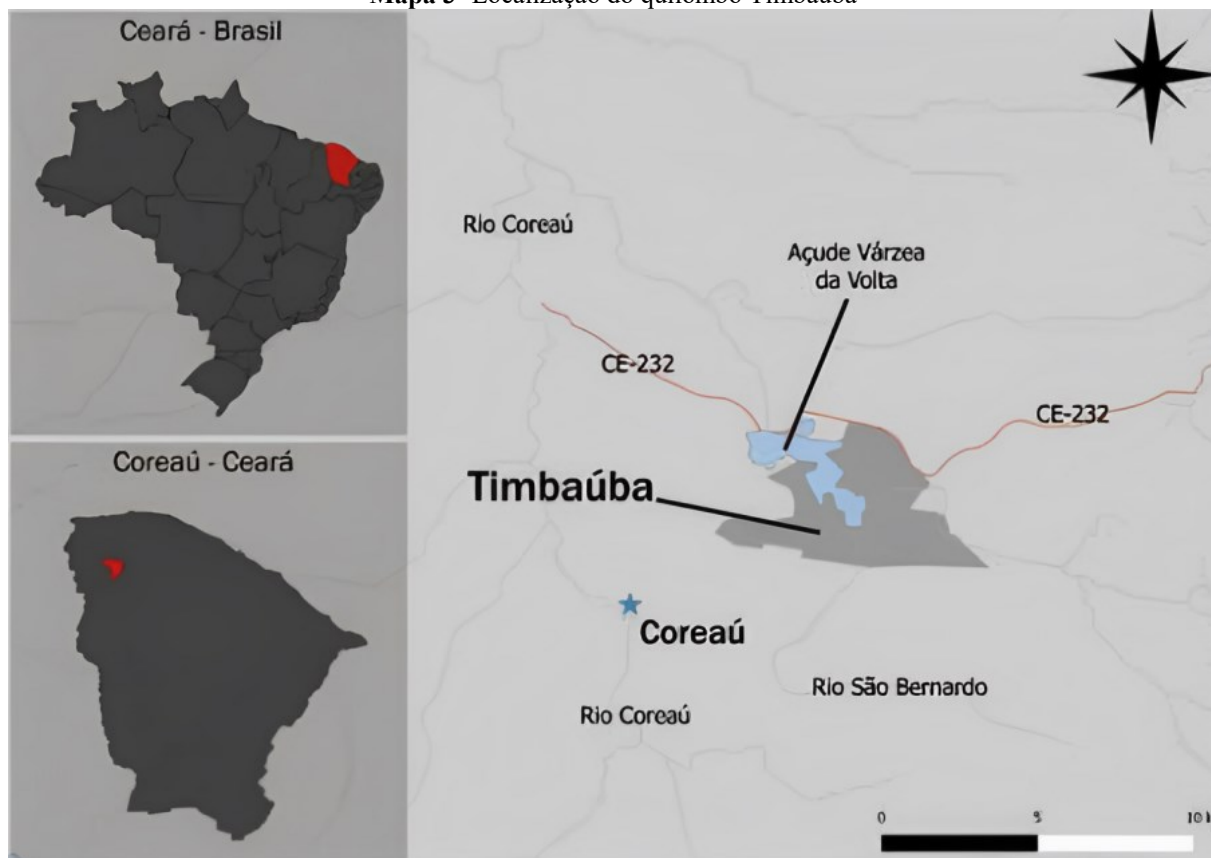
Lagoas localiza-se em área de caatinga caracterizada por chuvas concentradas em determinados meses e altas temperaturas. As pequenas comunidades foram se distribuindo nas proximidades da água, sobretudo em áreas baixas que acumulam água no período chuvoso, formando espécies lagoas ou açudes, daí decorre o topônimo do quilombo (Faria, 2016, p. 5).

Todas essas comunidades apresentam a transculturalidade como qualificativo. Conforme Faria (2016), o quilombo de Lagoas abrange religiões de matrizes africanas, católicas e evangélicas. Entre as diversas expressões religiosas destacam-se Rodas de São Gonçalo, Festa de Reis, novenas, cultos evangélicos e rodas de terreiro (Faria, 2016, p. 10). A principal fonte de subsistência da comunidade é a agricultura familiar e a criação de animais, sendo pouco ou nenhum produto comercializado. As terras são insuficientes para a subsistência, provocando o movimento, especialmente de homens, na busca de trabalho nas cidades e no corte de cana de açúcar (Faria, 2016, p. 11).

3.1.3. Comunidade Quilombola Timbaúba

O quilombo de Timbaúba está localizado no Vale do Coreaú, na divisa entre os municípios Coreaú e Moraújo, estado do Ceará. No ano de 2006, a comunidade recebeu a certidão de autorreconhecimento da Fundação Cultural dos Palmares. No mesmo ano, foi aberto um processo de regularização fundiária, pelo INCRA, reivindicando a titulação de 2.033 hectares de terra (Veiga, 2016, p.1).

Mapa 3- Localização do quilombo Timbaúba



Fonte: Veiga (2016)

De acordo com Veiga (2016), a população de Timbaúba surgiu de 5 famílias negras de ancestrais escravizados. Os quilombolas da comunidade dividem o território em três áreas:

- Área de serra: antigamente utilizada para a caça, extrativismo, cultivo de roça e criação de animais;
- Área de planície: principal área para moradia. Possui carnaubais, cuja palha é utilizada na construção de coberturas de casas e artesanato. É também um território destinado à criação de animais, retirada de lenha e coleta de frutos, retirada de argila para confecção de artesanato e peças cerâmicas;
- Área de vazantes: área das melhores terras cultiváveis da região (Veiga, 2016, p. 6 a 8).

Timbaúba registra expressões da cultura imaterial, como reisado, leruá e Casimiro de Côco. Quanto à religiosidade, seus moradores são predominantemente católicos (Veiga, 2016, p. 10-12).

Comparação entre os quilombos e Conceição da Crioulas

Com intuito de caracterizar e comparar diferentes comunidades quilombolas do Nordeste brasileiro, foi elaborado o quadro 1 para compreender semelhanças e diferenças em relação à Conceição das Crioulas, destacando aspectos como: configuração espacial, atividades agrícolas, artesanato e religiosidade.

Quadro 1- Comparação entre comunidades quilombolas

Aspectos	Santa Joana (MA)	Lagoas (PI)	Timbaúba (CE)	Conceição das Crioulas (PE)
Configuração espacial	1.119 hectares, comunidade com território pequeno	62.365,8 hectares, comunidade com território grande	2.033 hectares, comunidade com território pequeno	16.865 hectares, comunidade com território grande
Atividade agrícola	Cultivo de arroz, milho, feijão, mandioca e hortaliças	Agricultura familiar e criação de animais	Agricultura e criação de animais	Agricultura e criação de animais
Artesanato	Instrumentos musicais, coco, cabaça, cuia e artefatos de pesca	Artesanato com cerâmica e palha de carnaúba.	Utilizam argila para a confecção de peças artesanais e cerâmica	Artesanato com caroá, cerâmica, bolsas, bonecas
Manifestações religiosas	Culto a Lêgua Bogi Buá, tambor/terecô.	Roda de São Gonçalo, Festa de Reis, cultos evangélicos, terreiro.	Catolicismo predominante, reisado, leruá, casimiro de côco.	Benzedeiros, trancelim, festas religiosas diversas católicas

Fonte: Autoria própria (2024)

A partir das informações do quadro, nota-se a diversidade cultural como qualificativo social dos quilombos. A diversidade, como categoria premente dos territórios quilombolas, é um aspecto social historicamente construído, como relatamos anteriormente no breve estudo sobre quilombos de origem colonial. Contudo, Conceição das Crioulas apresenta algumas especificidades territoriais e culturais que lhes são próprias, como veremos no próximo capítulo.

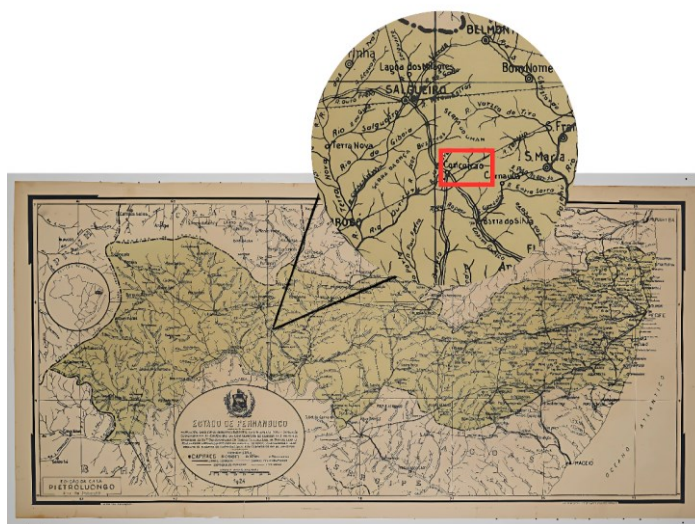
4 CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS

4.1. História de conceição das crioulas

O processo de povoamento de Conceição das Crioulas iniciou em meados do século XVIII, quando seis mulheres decidiram se fixar no sertão central da comarca de Pernambuco. A memória e oralidade identificam essas atrizes sociais: Mendencha Ferreira, Francisca Macário, Romana, Francisca Presidente, Germana e Francisca Ferreira. Elas encontraram nessa terra oportunidade de abrigo (Silva, 2022). Sua condição de “livres” possibilitou o arrendamento de uma área de 3 léguas em quadra (a dimensão legal de uma sesmaria) pago mediante o lucro obtido na produção artesanal de algodão e na lavoura.

À medida que sucedia o tempo, chegou às terras um homem chamado Francisco José, que trouxe a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Então, as mulheres e ele fizeram uma promessa de que se conseguissem conquistar o território construiriam uma capela. No ano de 1802, obtiveram o documento de concessão de uso de aproximadamente 17 mil hectares e a capela foi edificada (Nascimento, 2017). Mapas elaborados no início do século XIX não identificam em seu simbolismo o povoado de Conceição. Nossa pesquisa encontrou, em um mapa do estado de Pernambuco, desenhado em 1924, a localização de Conceição ainda sem o topônimo “Crioulas” adjunto (Figura 36).

Figura 5- Localização do povoado “Conceição” em mapa de 1924.



Fonte: Adaptado de Arquivo Nacional. Disponível em <https://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/login.asp>.

No entanto, mesmo com as terras já conquistadas, na segunda década do século XIX, poderosos sesmeiros conseguiram enganar os moradores com o objetivo de se apossar das terras e se tornarem fazendeiros (Nascimento, 2017). Disso, surgiu a necessidade de defesa de seus territórios, engendrando embates que ocorreram no final do século XIX e no início do século

XX. Um desses conflitos foi a chamada “Guerra dos Urias”, por meio da qual os Simão, negros, enfrentaram os Urias, brancos. Nessa época, a oficialização das terras conquistadas pelas mulheres acabou se perdendo (Nascimento, 2017).

Segundo Silva e Oliveira (2017), e de acordo com a história oral, os Urias chegaram nas terras de Conceição por meio do auxílio do Coronel Pedro da Luz, da família Alencar. Alguns compraram terrenos e outros foram tomados para criação de gado. O gado invadia a roça dos moradores e, em certo momento, Januário Simão matou um animal, dando início ao conflito. Os Urias buscaram apoio em Cabrobó/PE, e os Simão se aliaram aos indígenas da Serra de Umã (Silva e Oliveira, 2017). O cordel canta poeticamente como a guerra foi marcante para o povo de Conceição e para construção de sua territorialidade. Conforme registrado por Silva e Oliveira (2017), o cordel a seguir retrata esse conflito:

Guerra dos Urias
Gercino foi a mine
Miné quero a questão
Já que rifle eu tenho
Mando comprar munição
Subo na Serra do Umã
Conta minha geração
Da família do Simão
Não deixo mais nem pagão
Chegar pra cá velho Uria
Vem se divertir com Simão
Tu só é cabra pra home
Se for com a colher na mão
Um dia Minervino
Parece que tava com o cão
Foi atentar o espírito de Januário
Simão
O negro se enraivou
Bateu o branco no chão
Só não sangrou nessa hora
Mode o mano Zé Simao
Ai foi e vei Urias
Atacando a cartucheira
Dizendo dentro de Conceição
Muleque não faz feira
Meu Deus o que há no mundo
Que o céu ta tão azul
Não morreu nem boi nem vaca
De onde vem tanto urubu
Quando os Urias se viu aperriado
Foi ao coroné e disse
Coroné Pedro da Luz
Vim lhe pedir proteção
Que os danados desses nego
Querem me botar cambão
Me puxar pro tabuleiro
E piar de pé e mão (Autores desconhecidos, apud Silva; Oliveira, 2017).

Ainda segundo os autores antes mencionados, os Urias foram expulsos da terra; porém, tiveram cobertura da família Alencar, que continuava exercendo poder sobre a terra daqueles sertões. As famílias Carvalho e Pereira também estavam adentrando nas terras (Silva e Oliveira, 2017). A determinação legal do território do quilombo esperaria décadas para sua concretização.

Em 1988, com a Constituição da República Federativa do Brasil (CRFB) ocorreu o reconhecimento de cerca de 17 mil hectares de terra como “remanescente de quilombo” e também sua titulação. A área demarcada do território de Conceição das Crioulas é de 16.865,0678 ha. Entretanto, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) identificou aproximadamente 30 fazendas, as quais, em sua maioria, foram obtidas por invasores (Nascimento, 2017). No ano de 2000, ocorreu a titulação das terras pela Fundação Cultural dos Palmares. Antes dos processos de desintrusão, o percentual de terras pertencente aos quilombolas era muito pequeno, e boa parte ficava em áreas de pedregulhos, ou seja, improdutivas para o cultivo da terra. Doze anos após a titulação, em 2012, foi entregue o primeiro título de posse definitiva a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC) (Nascimento, 2017).

A AQCC foi fundada, em 26 de junho de 2000, com o intuito de atender exigências burocráticas governamentais e lutar pela regularização de terras e recebimento do título pela Fundação Cultural dos Palmares (FCP). Em 16 de fevereiro de 2002, foram criadas comissões temáticas na associação, a saber: Saúde e Meio Ambiente; Geração de Renda; Educação, Cultura e Transporte; Patrimônio; Comunicação; Juventude e, por fim, a Comissão de Mulheres (Nascimento, 2017).

Figura 6 - Sede da AQCC



Fonte: <https://ccrioulas.org>. Acesso em 11 dez. 2024.

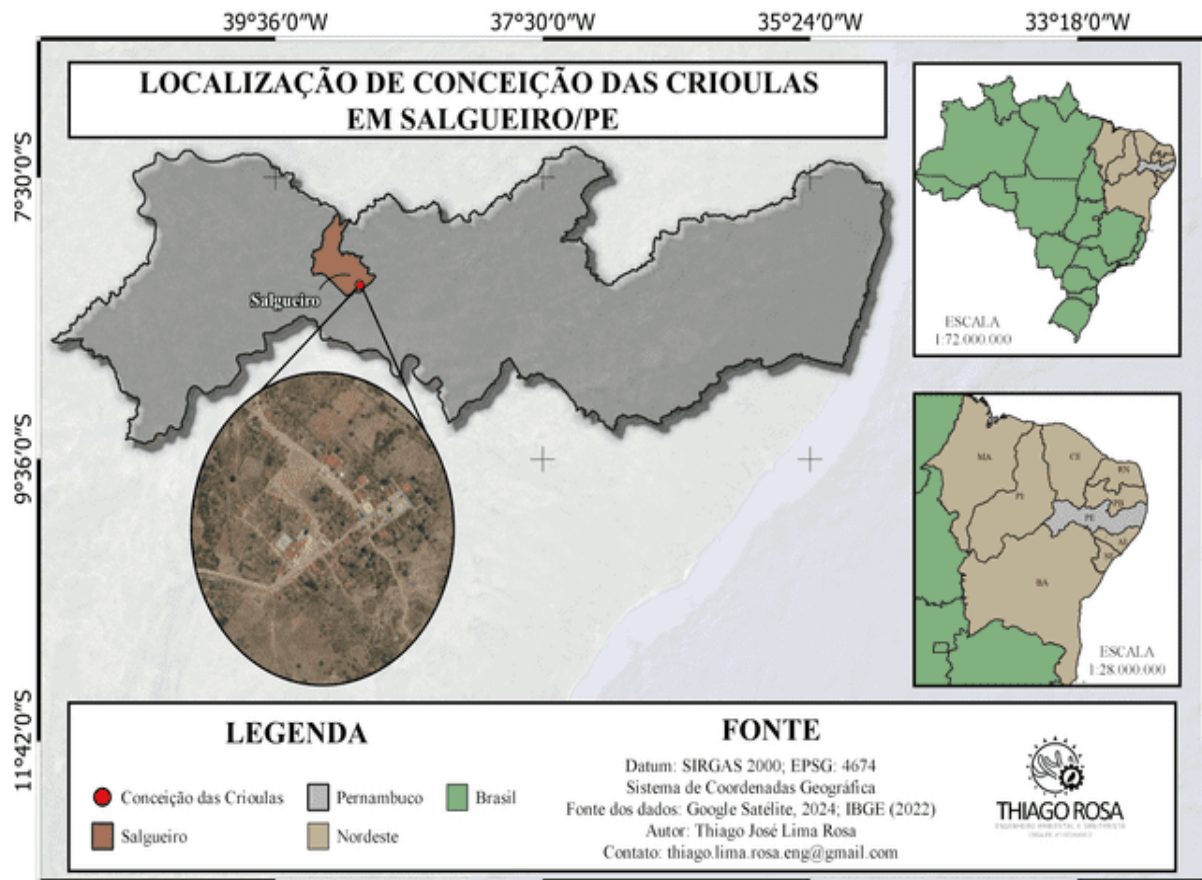
De acordo com a pesquisa de Carvalho (2016, p. 12), no ano de 2000, Givânia Maria da Silva foi eleita vereadora no município de Salgueiro, e reeleita em 2004, ano em que foi aberto um novo processo de titulação das terras no INCRA. Esse evento causou revolta nos fazendeiros que estavam ocupando as terras inapropriadamente. Além disso, muitas lideranças foram ameaçadas e a sede da AQCC foi queimada (Carvalho, 2016, p.12).

Até os dias atuais, a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas segue resistindo. Hoje, a luta se mobiliza por acesso a políticas públicas e pela preservação de sua identidade ancestral. A AQCC assumiu a dianteira da luta, além de publicizar a resistência quilombola por meio de transmissão de saberes ancestrais seja por oficinas, formações ou palestras, bem como a preservação do artesanato, práticas sustentáveis e expressões culturais. Conceição segue resistindo e reafirmando sua identidade territorial e sua importância para a história quilombola dos sertões.

4.2. Caracterização da paisagem e do espaço urbano de conceição das crioulas

No ano de 1988, Conceição das Crioulas foi reconhecida como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural dos Palmares; e, em 2000, a instituição titulou uma área de 16.865 hectares à comunidade (Carvalho, 2016, p. 2). Trata-se hoje de um distrito da cidade de Salgueiro/PE (mapa 1), estando a cerca de 515 quilômetros da capital pernambucana.

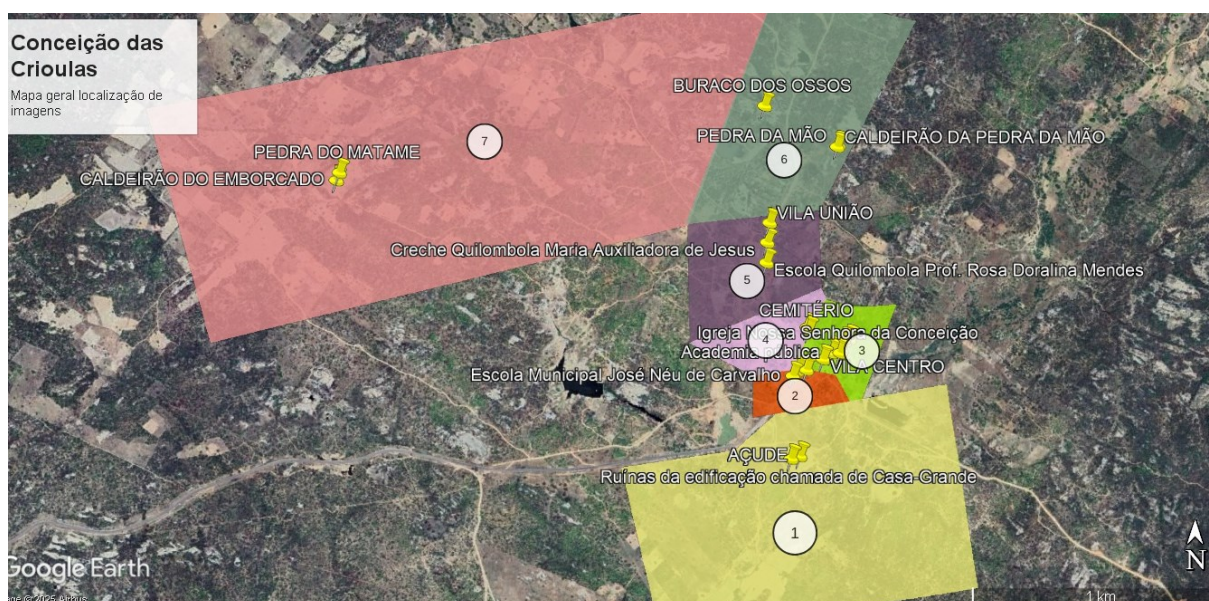
MAPA 1 - Mapa de localização



Fonte: Rosa (2024)

Os moradores têm acesso a pelo menos 30% do território, pois, das 30 fazendas existentes, apenas 8 foram reintroduzidas. A comunidade possui outras duas vilas: União (Figura 7) e Vila Centro (Figura 8). A Vila Centro é o centro do quilombo; já Vila União situa-se um pouco mais afastada em relação à Conceição das Crioulas. Desde o surgimento da comunidade, no final do século XVIII, até o tempo presente, a população quilombola luta por seus direitos, o que gera senso de autodeterminação e pertencimento à terra, ao lugar, que não é só visto no âmbito econômico, mas por laços de parentesco, coletividade, solidariedade, identidade, luta e resistência (Projeto Nova Cartografia Social, 2007, p. 4; Nascimento, 2017, p. 22).

MAPA 5- Mapa geral localização de imagens⁷



Fonte: Google Earth Pro, 2024.

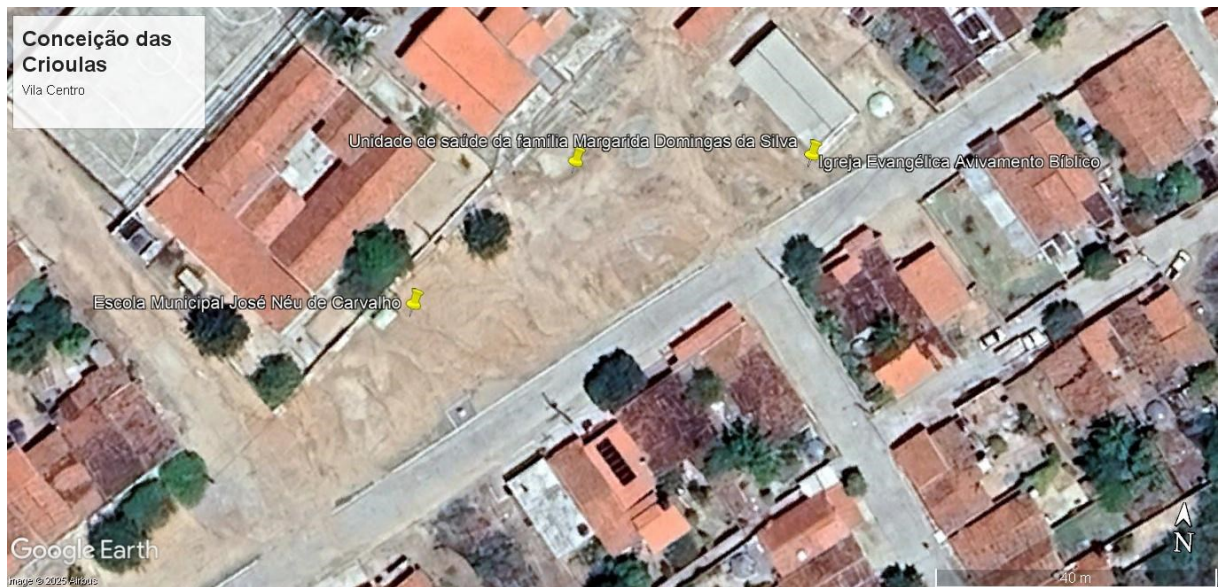
MAPA 6 - Mapa geral localização de imagens- parte 1



Fonte: Google Earth Pro, 2024.

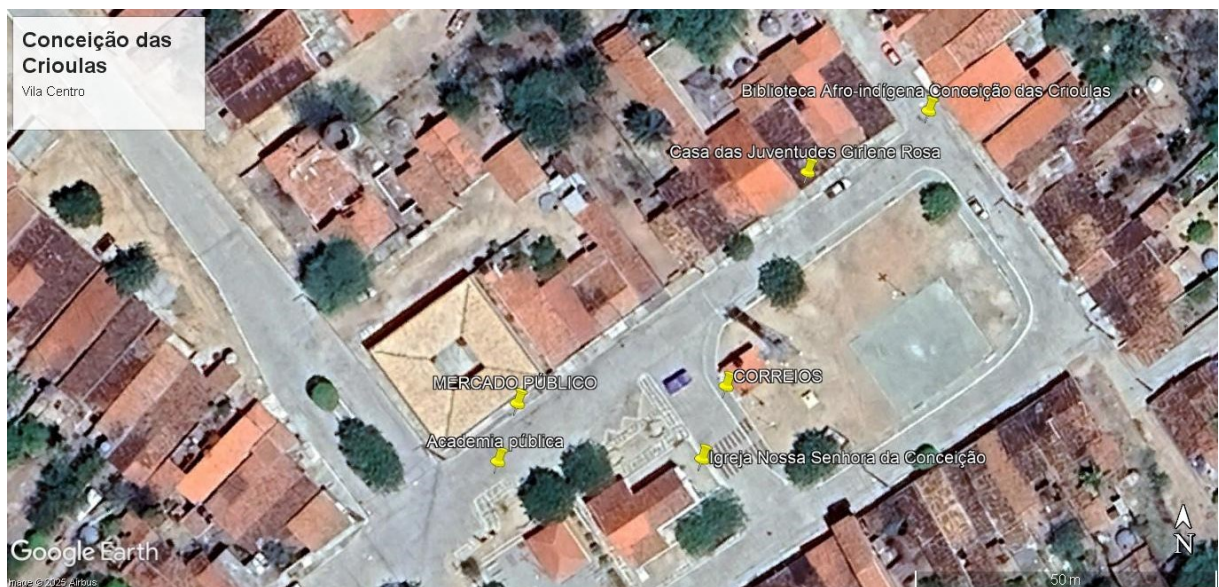
⁷ Os mapas a seguir representam a localização das imagens que serão utilizadas para caracterizar o espaço urbano de Conceição das Crioulas.

MAPA 7 - Mapa geral localização de imagens- parte 2



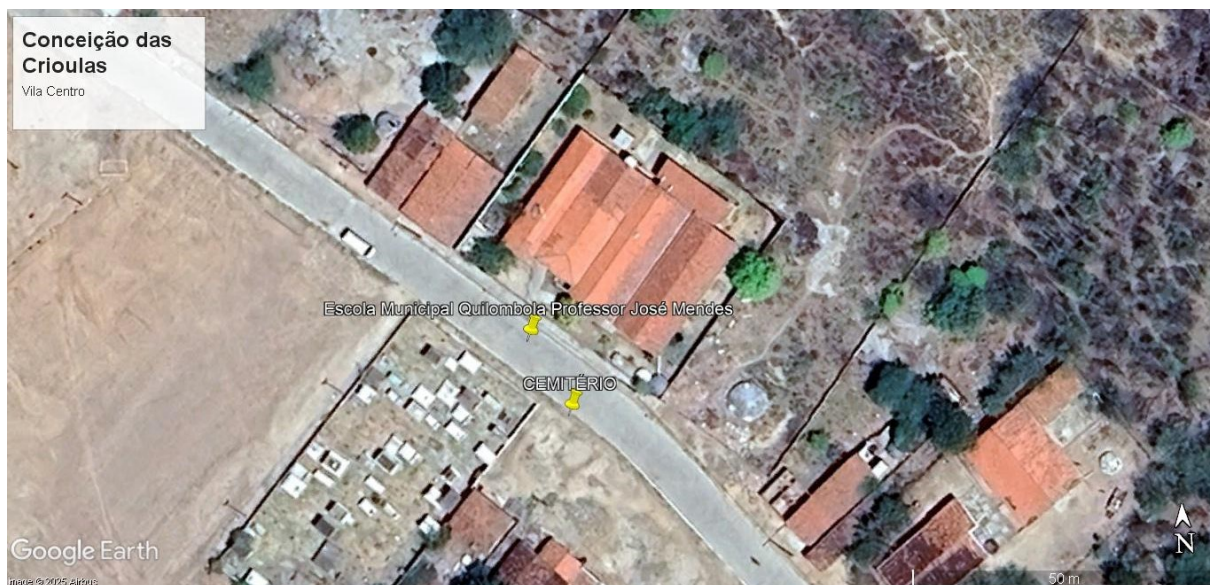
Fonte: Google Earth Pro, 2024.

MAPA 8- Mapa geral localização de imagens- parte 3



Fonte: Google Earth Pro, 2024.

MAPA 9- Mapa geral localização de imagens- parte 4



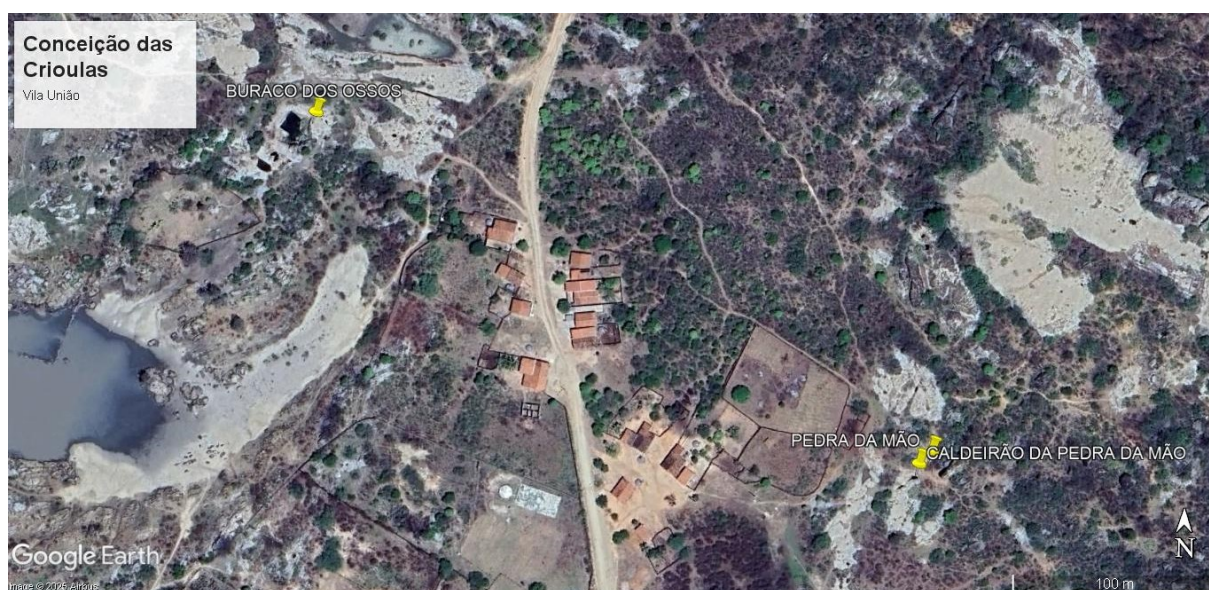
Fonte: Google Earth Pro, 2024.

MAPA 10- Mapa geral localização de imagens- parte 5



Fonte: Google Earth Pro, 2024.

MAPA 11- Mapa geral localização de imagens- parte 6



Fonte: Google Earth Pro, 2024.

MAPA 12- Mapa geral localização de imagens- parte 7



Fonte: Google Earth Pro, 2024.

Figura 7- Vila União



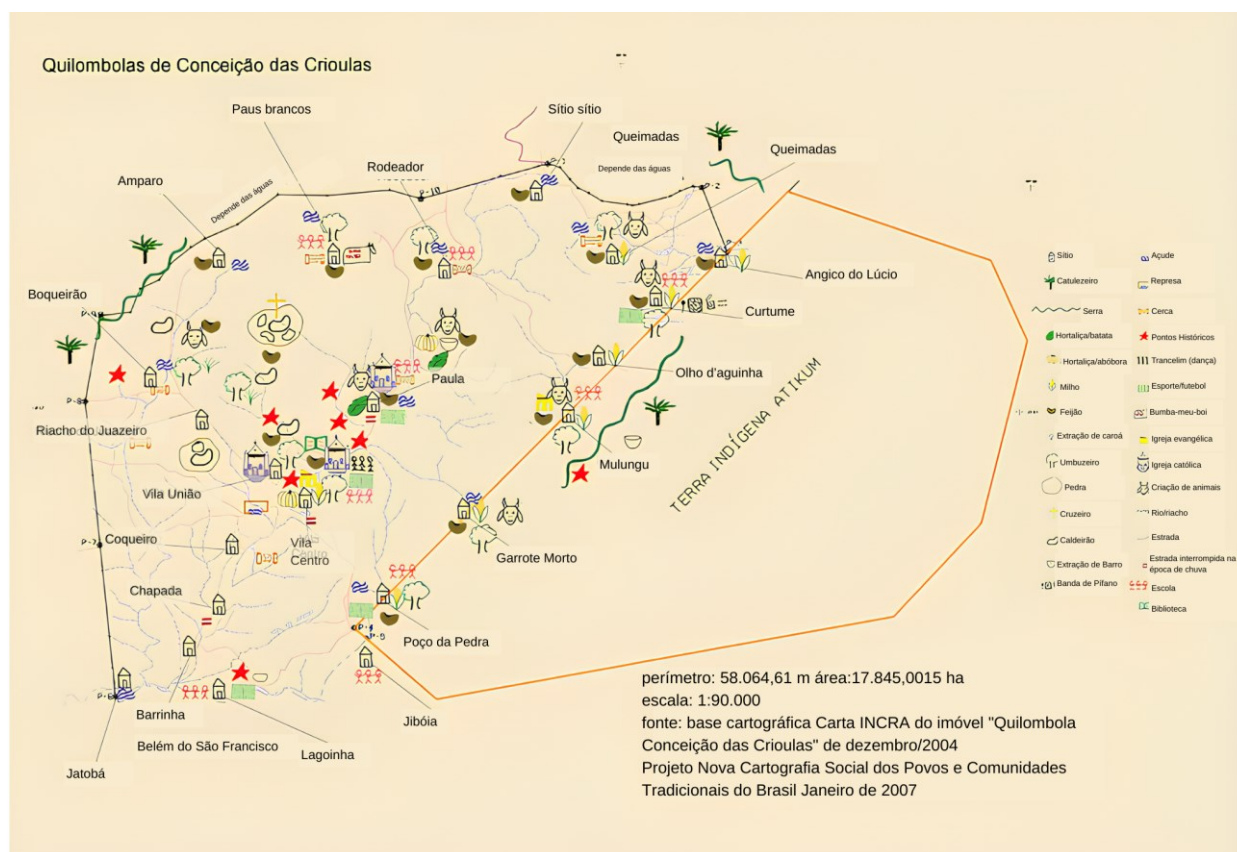
Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figura 8- Vila Centro



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Mapa 2 - Mapa do Quilombo Conceição das Crioulas elaborado pelo Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidade Tradicionais do Brasil



Fonte: Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidade Tradicionais do Brasil, 2007

O mapa acima, elaborado em 2007 pelo Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidade Tradicionais do Brasil, representa o território de Conceição das Crioulas. Na imagem, observam-se áreas ocupadas e áreas cercadas, ou seja, o povo não tem acesso a elas. Soma-se o território indígena Atikum demonstrando as relações ancestrais intercomunitárias, transétnica e transcultural entre indígenas e quilombolas. O desenho chama a atenção para

aspectos paisagísticos como serras, pedras, açudes, caldeirões, represas e riachos, objetos da natureza que os quilombolas se sintonizam para caracterizar seu lugar.

Outra dimensão cartográfica que o mapa representa refere-se à natureza. Alguns pontos identificam cajueiros e umbuzeiros, sublinhando o significado cultural e paisagístico dessas árvores para o povo do território quilombola. As plantações de batatas, abóbora, milho, feijão, assim como a criação de animais são vistas no mapa. Os locais apresentados também são onde ocorrem extração do caroá e do barro, matérias primas para artesanatos e criação de objetos de uso cotidiano. Manifestações culturais como bumba meu boi, banda de pífano e trancelim estão a imagem conforme a marcação dos locais onde ocorrem. Escolas, biblioteca, igreja e locais de esporte são igualmente identificados, reforçando o papel dos serviços e instituições em Conceição das Crioulas. Essa imagem transmite o território que o intelectual e ativista quilombola Antônio Bispo dos Santos (2023) reportou como sendo o território da “confluência”, oposto às cidades colonialistas e onde os modos de ver, sentir, experienciar, ouvir e fazer se dão no âmbito da vida e do respeito com a natureza envolvente (Santos, 2023, p. 23).

Em termos infraestruturais, podemos destacar que Conceição das Crioulas conta com 4 escolas (Figuras 9, 10, 11, 12, e 13) com quadras poliesportivas, um posto de saúde (figura 13), biblioteca (figura 14), correios (Figura 17), mercado público, casa comunitária Francisca Ferreira, igrejas de diferentes credos, cemitério, Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, Centro Comunitário de Artesanato e Casa das Juventudes (Figura 18). Com relação à história da arquitetura e do povoamento do lugar, há a capela local dedicada à Nossa Senhora da Conceição (Figura 21), que apresenta elementos da arquitetura europeia e a edificação rural conhecida como “Casa-Grande”⁸ (Figura 22).

⁸ A Casa-Grande é um local simbólico para os moradores da comunidade, antigamente pertencia a fazendeiros e foi o primeiro espaço recuperado para a comunidade (Cf. Nascimento, 2017, p. 138).

Figura 9- Escola Municipal José Nêu de Carvalho (Vila Centro)



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figura 10- Escola Municipal Quilombola Professor José Mendes (Vila Centro)



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figura 11- Escola Quilombola Prof. Rosa Doralina Mendes (Vila Centro)



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figura 12- Creche Quilombola Maria Auxiliadora de Jesus (Vila Centro)



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figura 13- Unidade de Saúde da Família Margarida Domingas da Silva (Vila Centro)



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figura 14- Biblioteca Afro-indígena Conceição das Crioulas (Vila Centro)



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figura 15- Igreja Evangélica
Avivamento Bíblico (Vila Centro)



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figura 16- Casa das Juventudes
Girleene Rosa ⁹ (Vila Centro)



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figura 17- Correios (Vila Centro)



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figura 18- Mercado Público (Vila Centro)



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

⁹ A Casa das Juventudes Girleene Rosa é um espaço dedicado ao desenvolvimento de jovens que realiza oficinas de teatro, grafite, música, informática e etc. Para mais informações, ver: **Prefeitura do Salgueiro**. Casa das Juventudes - Espaço de Conquistas - Conceição das Crioulas. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MPVINbwM0aI>. Acesso em: 8 mar. 2025.

Figura 19- Academia Pública
(Vila Centro)



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figura 20- Cemitério
(Vila Centro)



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figura 21- Igreja Nossa Senhora
Da Conceição (Vila Centro)



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figura 22- Ruínas da edificação
chamada de Casa-grande (Vila Centro)



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

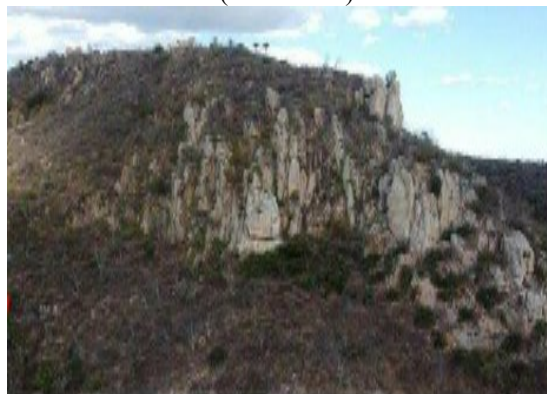
Um aspecto paisagístico marcante de Conceição das Crioulas são as serras. De acordo com Nascimento (2017, p. 106), o quilombo possui duas serras principais, a Serra das Crioulas (Figura 23) e a Serra das Princesas (Figura 24). Narra-se que a Serra das Crioulas foi onde as “crioulas” e seus descendentes plantavam milho, feijão e fava, bem como retiravam o barro para produzir artesanato (Silva, 2022, p. 62).

Figura 23- Serra das Crioulas
(Vila União)



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figura 24- Serra das Princesa
(Vila União)



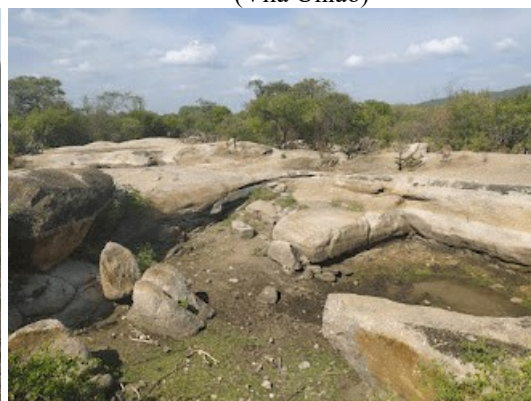
Fonte: Arquivo de Allisson Sobrinho

Figura 25- Açude
(Vila Centro)



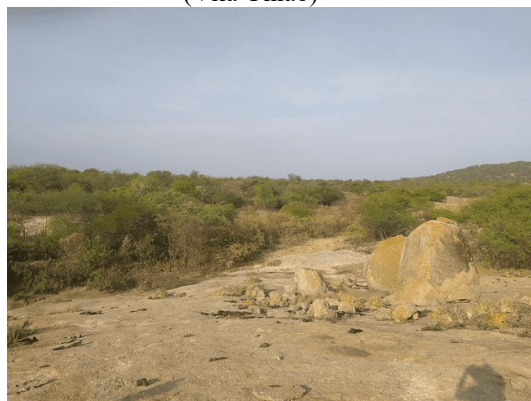
Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figura 26- Buraco dos ossos
(Vila União)



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figura 27- Vista da Pedra do Matame
(Vila União)



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figura 28- Umbuzeiro
(Vila União)



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figura 29- Juazeiro
(Vila União)



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figura 30- Baobá
(Vila União)



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Outro marco paisagístico da comunidade são os caldeirões, espécies de buracos em pedras utilizados para armazenamento de água (Nascimento, 2017, p. 106). A comunidade possui os seguintes caldeirões: Caldeirão Dois Irmãos, Caldeirão da Asa Branca, Caldeirão de João Bilo, Caldeirão da Pedra Da Mão, Caldeirão da Pedra Preta, Caldeirão da Jurema, Caldeirão dos Ossos, Caldeirão do Boi, Caldeirão dos Viturino, Caldeirão dos Coitinhos, Caldeirão da Burra, Caldeirão da Pedra Das Abelhas, Caldeirão do Veado, Caldeirão do Cachorro, Caldeirão da Coã, Caldeirão do Saco entre outros (Nascimento, 2017, p. 97).

No território do quilombo, a paisagem abriga a dimensão simbólica e mística. A Pedra Preta é um símbolo histórico de Conceição das Crioulas. A história oral relata que nela há o rastro do “Pé de Deus” (Figura 31) quando criança e quando adulto, além do rastro do pé de uma mulher preta gigante (Nascimento, 2017, p. 60). A memória das mulheres negras, que fundaram o quilombo, tem seu lugar materializado na “Pedra da Mão” (Figura 34). Segundo se conta, nessa pedra elas descansaram e registraram sua passagem com a pintura de uma mão sobre a pedra (Nascimento, 2017, p. 93-94). É interessante frisar que, conforme Nascimento (2017, p. 99), arqueólogos, em atividade de prospecção, encontraram registros materiais da presença humana datados de períodos pré-cabralinos.¹⁰

¹⁰ Não foi possível encontrar as informações da data exata desses vestígios.

Figura 31- Caldeirão do Emborcado
(Vila União)



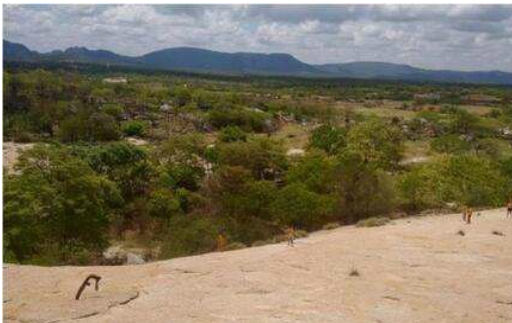
Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figura 32- Caldeirão da Pedra da Mão
(Vila União)



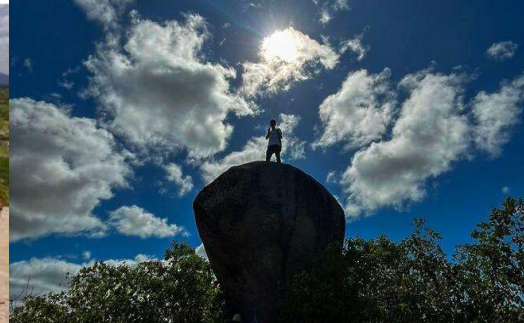
Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figura 33- Pedra Preta
(Vila União)



Fonte: Arquivo pessoal de Márcia
Jucilene do Nascimento

Figura 34- Pedra da mão
(Vila União)



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figura 35 - Pintura rupestre na Pedra da mão¹¹ (Vila União)

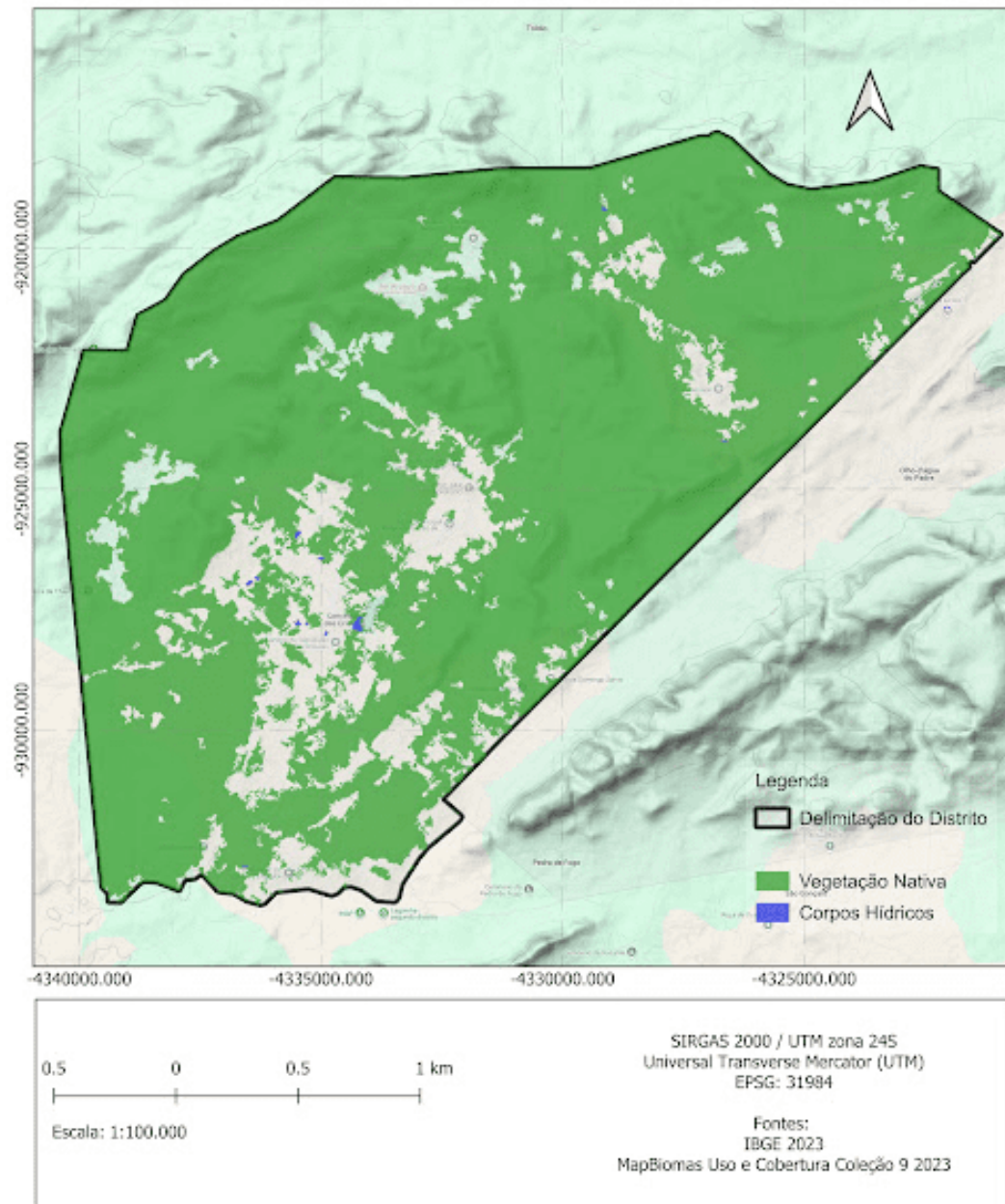


Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Como é possível observar nas imagens, nota-se na comunidade a forte presença de marcos paisagísticos simbólicos, intensificando a necessidade premente de compreender a paisagem a partir desses elementos. Ao observar o mapa dos recursos naturais (Mapa 11), verifica-se que a vegetação é predominantemente preservada, contribuindo para a riqueza natural e conservação paisagística do território. Além disso, enfatiza o sentido de preservação da natureza nas comunidades quilombolas, pois as pessoas que lá habitam respeitam a Terra convivendo com seus recursos de forma harmoniosa. A visão geral oferecida pelo mapa destaca a presença dos elementos naturais – vegetação nativa e orografia – que podem ser responsáveis direta (ou indiretamente) na percepção de paisagem das mulheres de Conceição das Crioulas.

¹¹ Não foi possível encontrar registros da data aproximada desses vestígios.

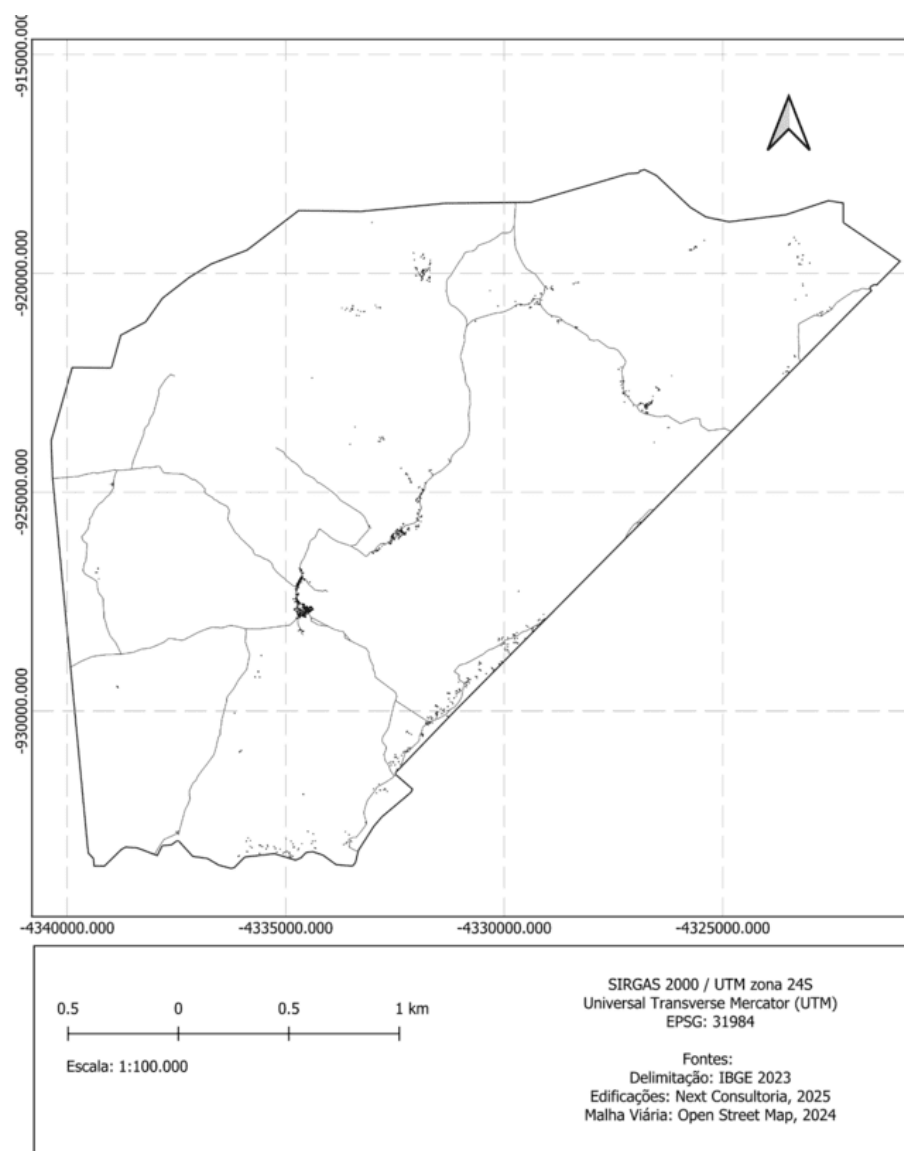
Mapa 11 - Recursos Naturais



Fonte: Next Soluções e Consultoria (2024)

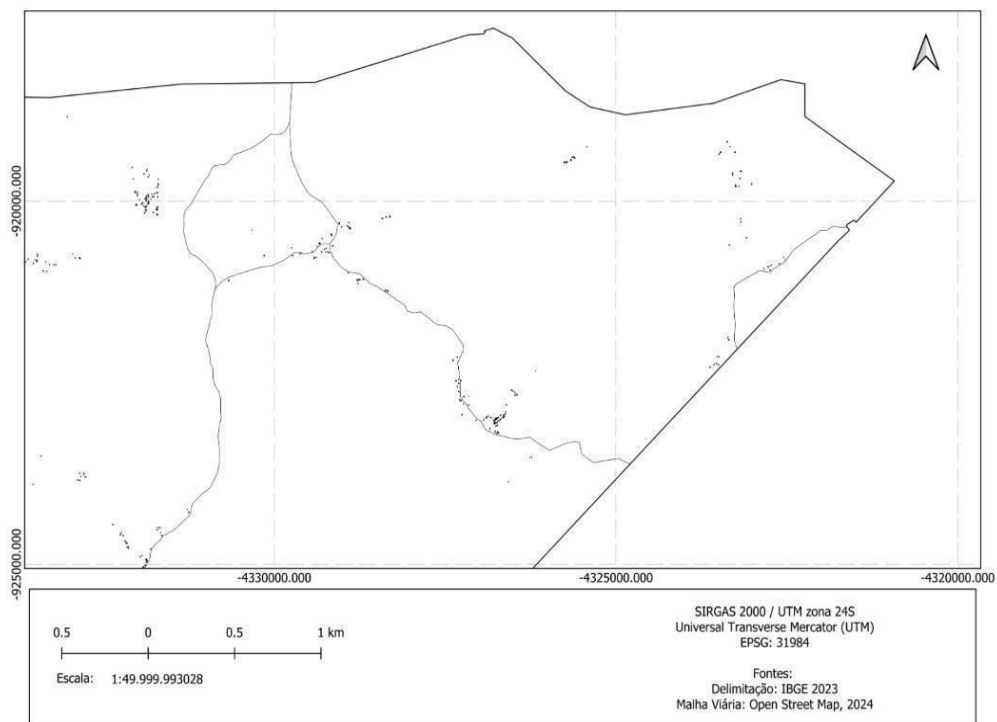
O mapa de cheios e vazios (Mapa 12) permite identificar as edificações e a malha viária em relação ao espaço não edificado. A localização das casas em relação às vias e à vegetação nativa influencia no modo de perceber a paisagem e nas interações sociais da população. As edificações estão distribuídas de maneira dispersa e concentradas em algumas áreas. Esse fator pode ser explicado devido à significativa presença de roças na paisagem do lugar, que requerem mais áreas para o cultivo de hortaliças e árvores frutíferas. A malha viária destaca como funciona a circulação e a conexão entre os territórios.

Mapa 12 - Cheios e Vazios (mapa inteiro)



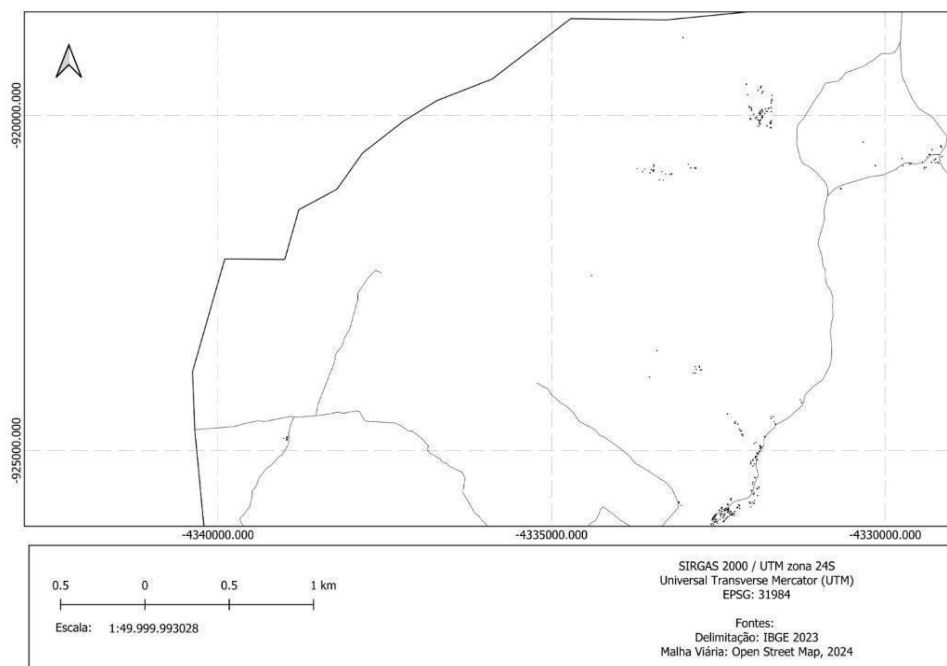
Fonte: Next Soluções e Consultoria (2024)

Mapa 12- Cheios e Vazios- Parte 1



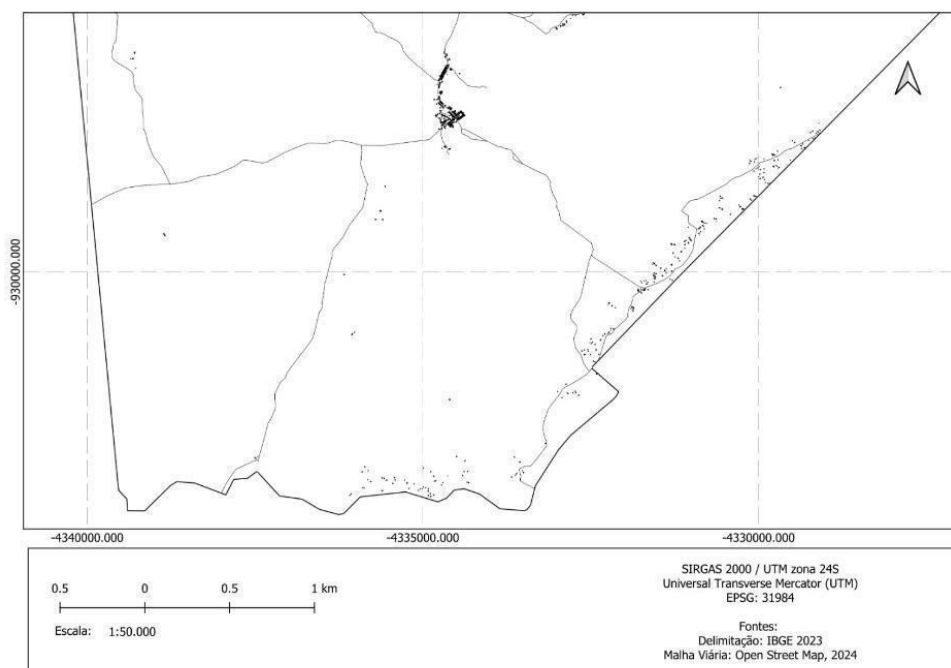
Fonte: Next Soluções e Consultoria (2024)

Mapa 12- Cheios e Vazios- Parte 2



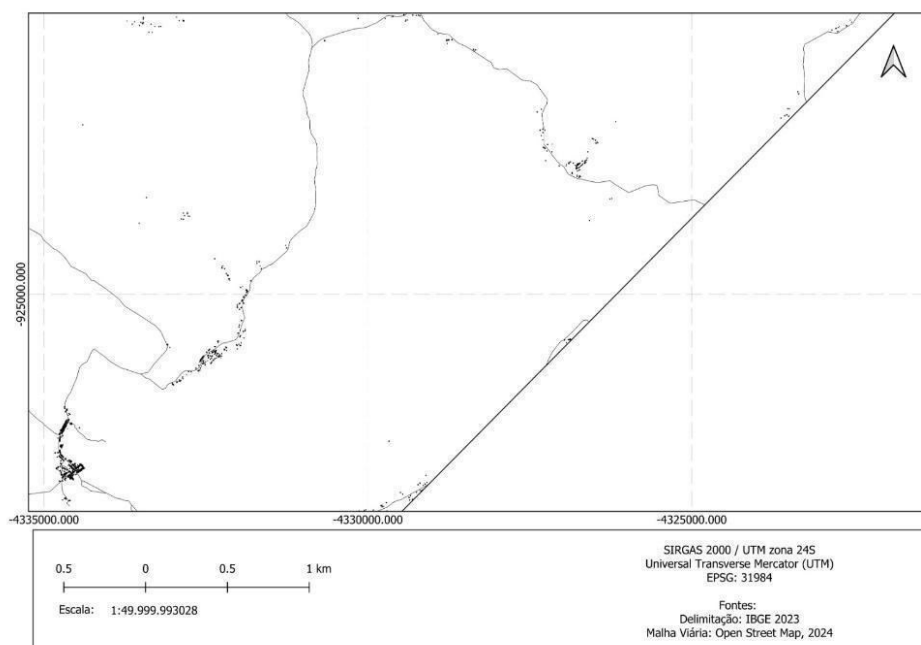
Fonte: Next Soluções e Consultoria (2024)

Mapa 12- Cheios e Vazios- Parte 3



Fonte: Next Soluções e Consultoria (2024)

Mapa 12- Cheios e Vazios- Parte 4

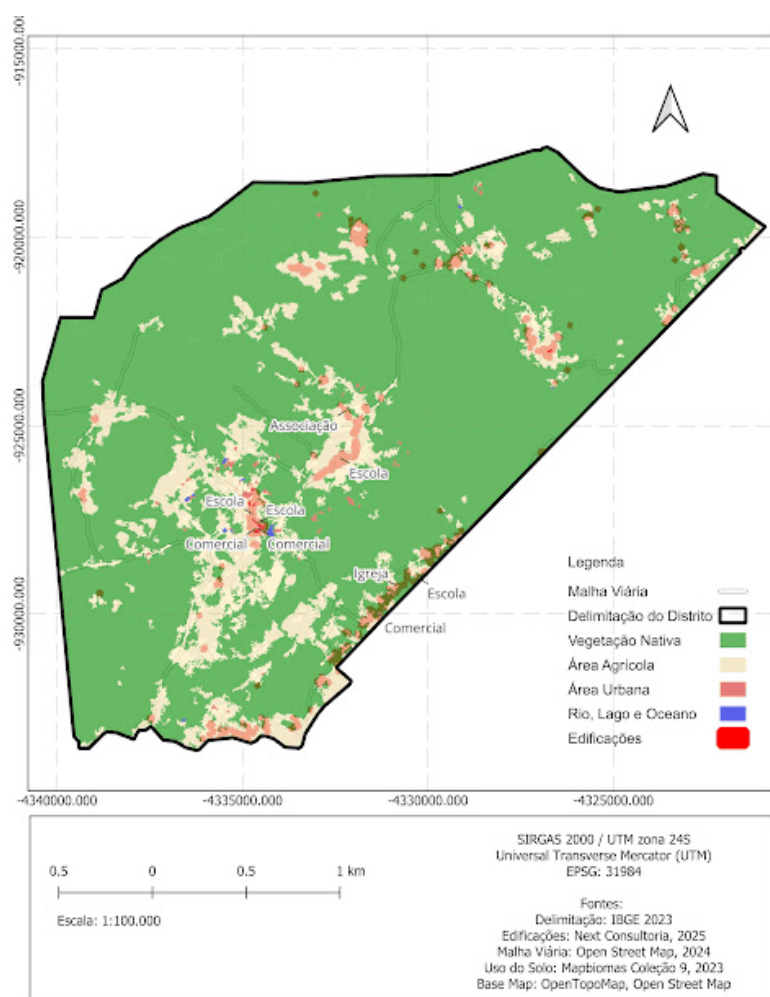


Fonte: Next Soluções e Consultoria (2024)

O mapa de distribuição de áreas (Mapa 13) no contexto do território do quilombo representa a divisão territorial da comunidade e seus devidos usos. A imagem enfatiza a área urbanizada,

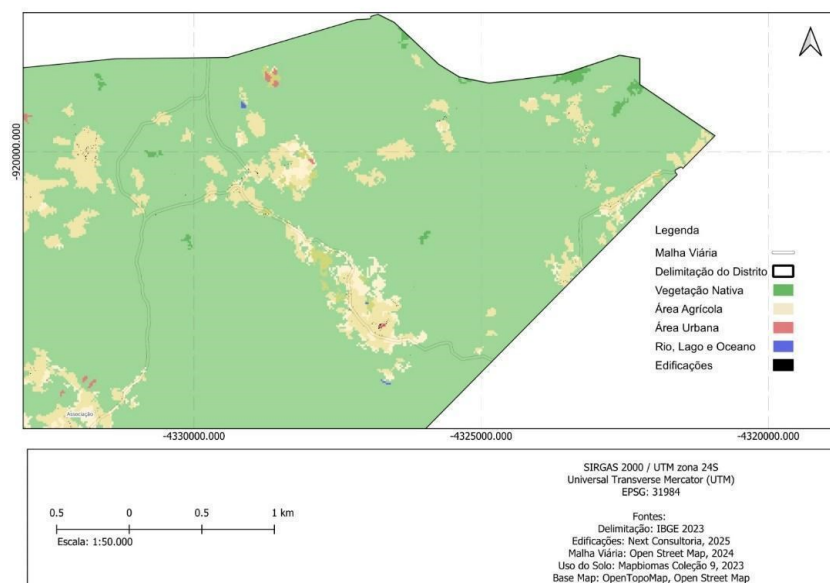
edificações, pontos institucionais e comerciais, área de vegetação nativa e área agrícola. Por outro lado, as áreas agrícolas e de vegetação nativa identificam práticas da comunidade, como criação de animais e plantações, além da preservação do meio ambiente. Elementos de infraestrutura como escolas, igrejas e comércio indicam espaços de interação social e elementos do dia-a-dia do povo da comunidade quilombola. É possível notar uma integração harmoniosa entre o construído e a natureza, aspecto que interfere na apreensão sensível de paisagem e na memória do lugar.

Mapa 13 – Distribuição de áreas no perímetro territorial do quilombo (mapa inteiro)



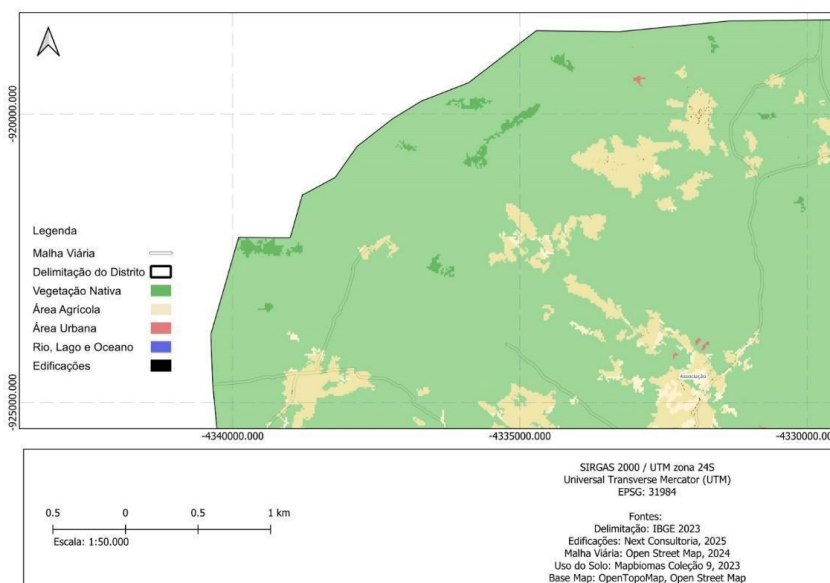
Fonte: Next Soluções e Consultoria (2024)

Mapa 13 – Distribuição de áreas no perímetro territorial do quilombo- Parte 1



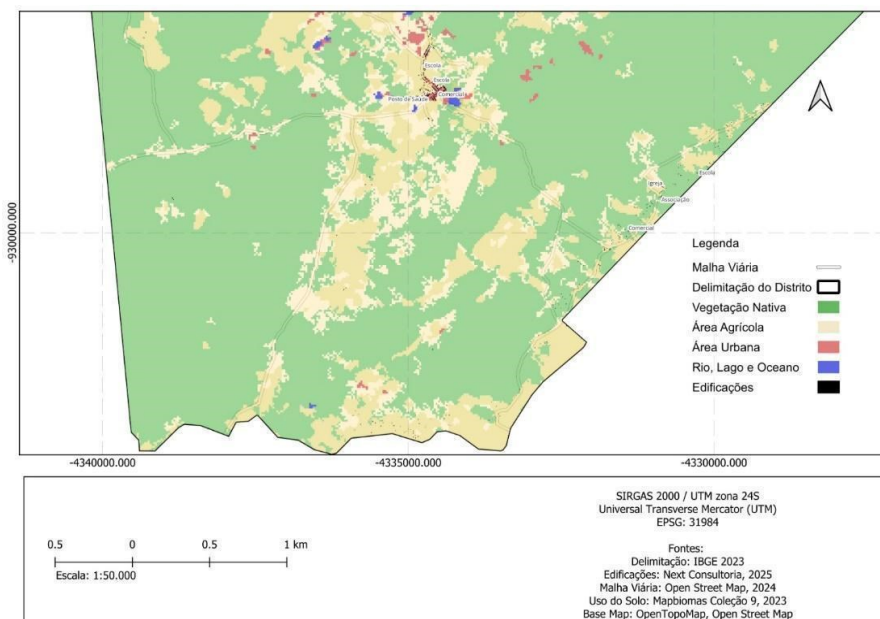
Fonte: Next Soluções e Consultoria (2024)

Mapa 13 – Distribuição de áreas no perímetro territorial do quilombo- Parte 2



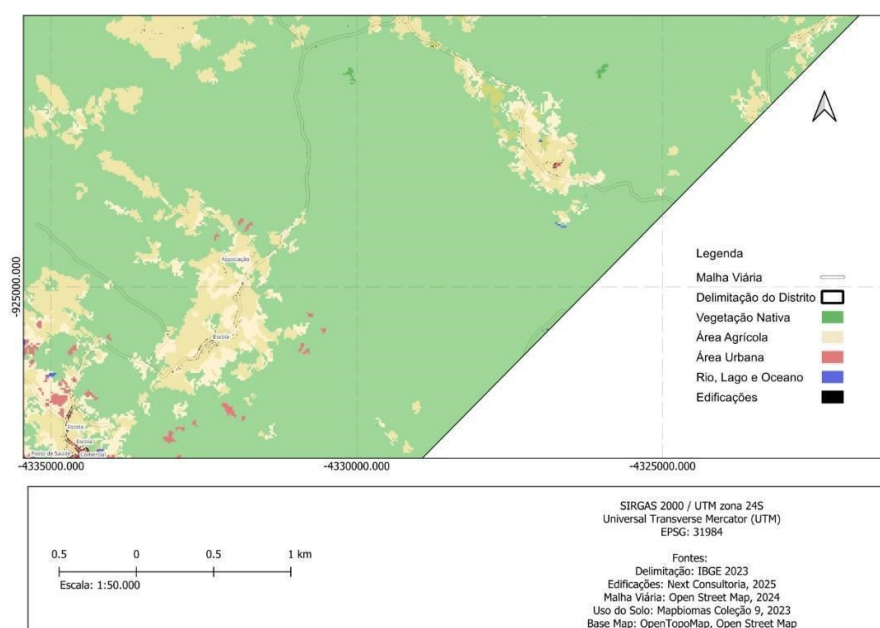
Fonte: Next Soluções e Consultoria (2024)

Mapa 13 – Distribuição de áreas no perímetro territorial do quilombo- Parte 3



Fonte: Next Soluções e Consultoria (2024)

Mapa 13 – Distribuição de áreas no perímetro territorial do quilombo- Parte 4

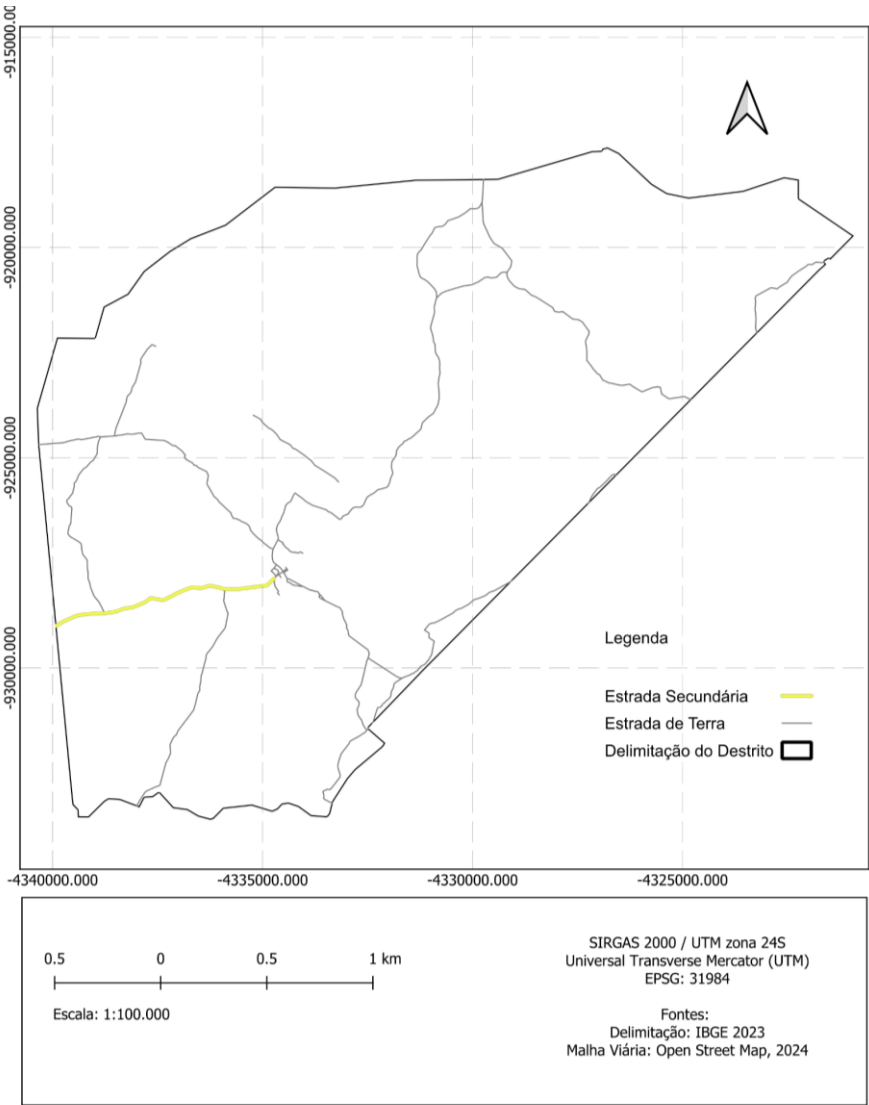


Fonte: Next Soluções e Consultoria (2024)

O mapa de traçado viário do território (mapa 14) representa a dinâmica da malha viária na comunidade. As estradas secundárias são vias de maior circulação conectando pontos estratégicos da comunidade. As estradas de terra são vias não pavimentadas muito comuns no quilombo. As estradas particulares são vias de acesso restrito. O mapa 14 representa como a

população se desloca pelo território. A predominância de estradas de terra pode refletir a conservação do meio ambiente natural.

Mapa 14 – Traçado viário da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas



Fonte: Next Soluções e Consultoria (2024)

4.3. Tecendo territorialidades: culturas material e imaterial de concepção das crioulas

O artesanato é uma das atividades econômicas do quilombo. Os objetos são elaborados em barro, fibra de caroá e palha de catolé, curiosamente materiais usados por povos indígenas Cariri e Pankararu para confecção de seus objetos sagrados. Segundo Carvalho (2016, p. 9), os artefatos produzidos são potes, pratos, bolsas, vassouras, bonecas, roupas bordadas, entre outros. Os produtos artesanais são vendidos em feiras, lojas e sob encomenda.

Figura 36 - Peça bordada



Fonte: <https://oxerecife.com.br/conceicao-das-crioulas-ancora-no-poco-das-artes-com-confeccoes-que-contam-a-sua-historia/>, acesso: 16 Jan 2025.

Figura 37 - Tigela de barro



Fonte: https://crab.sebrae.com.br/estado_posts/arte-nos-quilombos/, acesso: 3 Jan 2025.

Figura 38 - Bolsas



Fonte: Página do Instagram de Valdeci Oliveira¹²

As bonecas produzidas em fibra de caroá contam a história de onze mulheres exemplos de liderança feminina na comunidade. O trançado consiste no entrelaçamento da fibra dando origem às peças artesanais (Silva, 2022, p. 195 e 196). Essas bonecas, verdadeiros objetos de arte, dizem muito sobre a representatividade feminina no quilombo, além de articularem, simbólica e materialmente, as tessituras entre natureza, corpo e territorialidade.

Esse aspecto da relação entre bonecas-corpo-território se alinha à leitura da artista Mônica Miranda, que realizou uma instalação fotográfica, em 2018, chamada de *Babel Tower* (Torre de Babel). Essa obra mostra a *Tour de PÉchangeur*, uma torre na República Democrática do Congo, um monumento dedicado a Patrice Lumumba, que lutou pela independência do país até seu assassinato. Na instalação, Miranda introduz a mulher negra como protagonista do agenciamento estético. A artista conceitua o corpo feminino como “corpo-monumento” (Santos e Miranda, 2024, p. 52-54). As bonecas de caroá e sua confecção podem ser vistas como uma graduação visual de um corpo-monumento em performance, pois representam mulheres que fazem parte da história da comunidade e da construção de territorialidades em Conceição das Crioulas.

12

Disponível

em:

<https://www.instagram.com/p/CXGpRKOOOIm/?img_index=3&igsh=MnZzcjNvdWdlcXVi>. Acesso em: 03 jan de 2025.

Figura 39 - Bonecas de Caroá



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

O artesanato da comunidade faz parte da Rede de Artesanato Solidária (ARTESOL), estando ligado a outros grupos de artistas de Pernambuco e do Brasil. Ademais, as peças são levadas para feiras e encontros, vendidos em lojas e pedidos individuais, garantindo a autonomia, renda, emprego, autodeterminação e liberdade para as mulheres quilombolas (Silva, 2022, p. 173).

Figura 40 - Peça expostas em feira



Fonte: Instagram Artesanato Conceição das Crioulas¹³

O quilombo igualmente se expressa em manifestações culturais e religiosas como, por exemplo, a festa de Nossa Senhora de Assunção¹⁴, que acontece no dia 15 de agosto com várias

¹³ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CjYtR5ePqpj/?igsh=amx5eWo0NGs2dnN4>>. Acesso em 03 jan. 2025.

¹⁴ Após a chegada das primeiras seis mulheres, um homem trouxe ao local a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Diante disso, elas fizeram uma promessa à santa: se conseguissem as terras que almejavam, construiriam uma capela em sua homenagem. A promessa foi cumprida, e a data passou a ser celebrada pela comunidade. Com a chegada dos fazendeiros, outra santa também passou a ser festejada, Nossa Senhora da Assunção, para evitar coincidências com festividades de outras cidades da região que os fazendeiros desejavam frequentar. No entanto, a comunidade quilombola manteve a celebração da origem da povoação no dia de Nossa Senhora da Conceição, em 8 de dezembro (Silva, 2022, p.134).

apresentações como banda de pífanos, a dança tradicional chamada trancelim, atrações locais, forró, coco de roda, brincadeira de roda e comidas típicas (Carvalho, 2006, p. 9; Projeto Nova Cartografia Social, 2007). Nessas ocasiões festivas, os corpos performam o movimento da cultura e da arte no território do quilombo.

Figura 41 - Mulheres dançando o trancelim em frente a Igreja de Nossa Senhora da Conceição



Fonte: Instagram Conceição das Crioulas¹⁵

Outra dimensão cultural do quilombo são os momentos religiosos, tais como novenas, missas e procissões, além das festas de São João e a festa dos concluintes, evento relativo aos estudantes que concluíram um período significativo de sua formação acadêmica. O lugar também é caracterizado pela presença de benzedeiras, parteiras e uso de plantas medicinais para a cura. De fato, como vimos anteriormente, os quilombos são territórios transculturais, amalgamando saberes de origens diversas, dos povos indígenas, europeus e dos diferentes territórios da África.

Figura 42 - Benzedeira



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

¹⁵ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CT0ZZwFrNl2/?igsh=dHZvZDVtamp4dzM5>> Acesso em 03 jan. 2025.

Em Conceição das Crioulas se realiza a festa do bumba-meu-boi em um sítio chamado Pau Branco, bem como a dança de São Gonçalo, muito comum nos sertões. O território também possui terreiros que misturam a umbanda, o catolicismo, o candomblé, crenças indígenas e o toré (Carvalho, 2006, p. 9; Fialho, 2007, p. 8; Reis, 2022, p. 216). Outra celebração é a de aniversariantes do mês, na qual as mulheres se reúnem para comemorar o aniversário dos que completam ano em determinado mês. Essa ocasião estreita os laços afetivos comunitários, além de debaterem sobre temas que interferem nas mulheres da comunidade (Silva, 2022, p. 73).

5 PERTENCIMENTO E LUGAR: RELAÇÃO ENTRE A COMUNIDADE, O TERRITÓRIO, A PAISAGEM

A relação entre comunidade, território e paisagem é construída a partir das vivências cotidianas na comunidade, onde as mulheres desempenham o papel central no processo de construção e manutenção da construção do território de Conceição das Crioulas.

As mulheres estão presentes desde o início na construção territorial e urbana da comunidade quilombola. Foi graças ao trabalho delas que as terras foram adquiridas. Com base nas observações diretas e nas entrevistas que serão apresentadas a seguir, é fácil afirmar que as mulheres são as protagonistas do território e da territorialidade de Conceição. Elas tomam a frente várias lutas por direitos e bem-estar dos/das quilombolas. As mulheres são vistas como guardiãs, defensoras, protetoras e cuidadoras da sociedade local. De acordo com dados obtidos na Unidade de Saúde da família Margarida Domingas da Silva, em 651 residências cadastradas, há um total de 783 mulheres com idade acima dos 18 anos. Conceição das Crioulas, assim, se configura como sociedade matriarcal.

As respostas às entrevistas sugerem que as mulheres são protagonistas na construção da comunidade e em ações para o desenvolvimento do quilombo. As mulheres consideradas lideranças do quilombo são agentes de transformação territorial, urbana e paisagística.

Algumas informações levantadas informam sobre o papel feminino na construção da Vila União, na recuperação da barragem e em ações florestais (como o recaatingamento). Isso demonstra que mulheres agem de forma coletiva, visando o bem-estar do quilombo. Elas também transmitem a memória, saberes e conhecimentos em oficinas diversas, palestras e formações, garantindo a permanência do sentido de pertencimento e identidade negra.

Tendo em vista o exposto, as mulheres não apenas fundaram o território quilombola, elas continuam sendo as protagonistas na promoção da permanência da diversidade humana nos territórios dos sertões. Com ações que vão além da luta por direitos, elas organizam, protegem e fortalecem a comunidade. É a força feminina que movimenta o quilombo de Conceição das Crioulas.

A partir da compreensão do protagonismo feminino no território, este capítulo apresentará uma análise detalhada das entrevistas e dos desenhos elaborados pelas mulheres de Conceição das Crioulas. A investigação será dividida em duas seções principais: a primeira será a análise das entrevistas, explorando aspectos como territorialidade, significado de paisagem, pertencimento e o papel das lideranças femininas. A segunda será a análise dos desenhos, considerando elementos como paisagem, cotidiano, ancestralidade e coletividade.

5.1. Entrevistas

Foram realizadas duas entrevistas: uma destinada às lideranças femininas locais e outra destinada às mulheres em geral. O perfil das entrevistadas se encontra no Apêndice A (quadro 1). Após a aplicação das entrevistas, foi realizada a transcrição dos áudios e a análise do conteúdo, respeitando a confidencialidade e anonimato de cada entrevistada; por isso, optou-se por diferenciar cada ação por meio das letras iniciais dos nomes. O roteiro das perguntas utilizadas está no Apêndice B (quadros 2 e 3). Cada questão (Q0n) cabe uma resposta (R). As entrevistas foram aplicadas a 10 mulheres, sendo quatro delas identificadas como liderança. Para a análise das entrevistas foram elaborados quadros e gráficos presentes no apêndice C.

Quadro 2- Perfil das entrevistadas

CARACTERIZAÇÃO DAS ENTREVISTADAS			
ENTREVISTADA	DATA DA ENTREVISTA	IDADE	Função na comunidade
MAM	16/12/2024	53	LIDERANÇA (TRABALHA NA BIBLIOTECA)
MM	16/12/2024	48	DONA DE CASA
FV	16/12/2024	-	LIDERANÇA (COMISSÃO DE EDUCAÇÃO E ESPORTE)
MLS	16/12/2024	57	LIDERANÇA (REALIZA FORMAÇÕES E OFICINAS)
ACMS	16/12/2024	29	AGENTE DE SUSTENTABILIDADE
TM	16/12/2024	28	PROFESSORA
J	16/12/2024	36	PROFESSORA
EM	16/12/2024	50	SECRETÁRIA ESCOLAR
MMO	16/12/2024	47	PROFESSORA
FMO	16/12/2024	-	LIDERANÇA (FAZ PARTE DO COLETIVO DE COMUNICAÇÃO E É LÍDER DE JUVENTUDE)

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

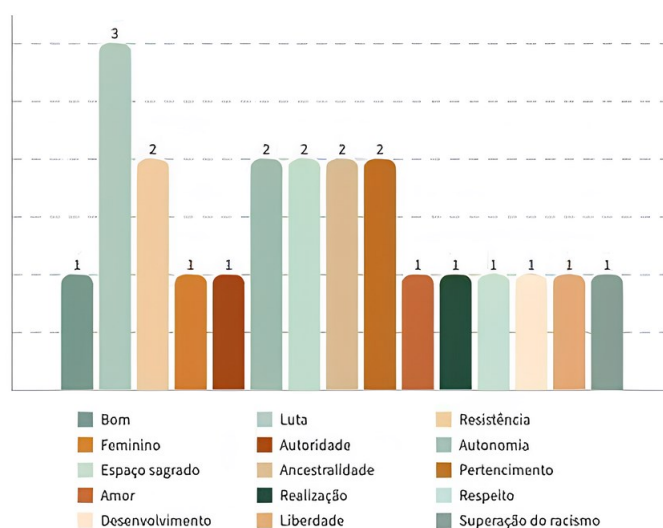
5.1.1. Análise das entrevistas

5.1.1.1. Territorialidade das mulheres de Conceição das Crioulas

A partir das respostas das entrevistadas, fica evidente que o quilombo é, acima de tudo, um território solidário de resistência e liberdade. Ao serem questionadas sobre “O que significa quilombo para você?”, as mulheres ressaltam a ancestralidade da comunidade que se mostra, visual e materialmente, por meio de práticas culturais e sociais, mas também em lutas por direitos requeridos principalmente por elas.

As entrevistadas conferem diversos significados ao quilombo. **ACMS** enfatiza que quilombo é, especialmente, um lugar de resistência feminina. Essa afirmação destaca a importância da atuação do gênero na manutenção do território e na construção de territorialidades. Por outro lado, **JVO** descreve o espaço como sagrado, demonstrando uma ligação espiritual das mulheres com a terra. A entrevistada **E** se refere ao quilombo de forma afetiva. Nota-se uma forte identidade e pertencimento na descrição das mulheres sobre o território.

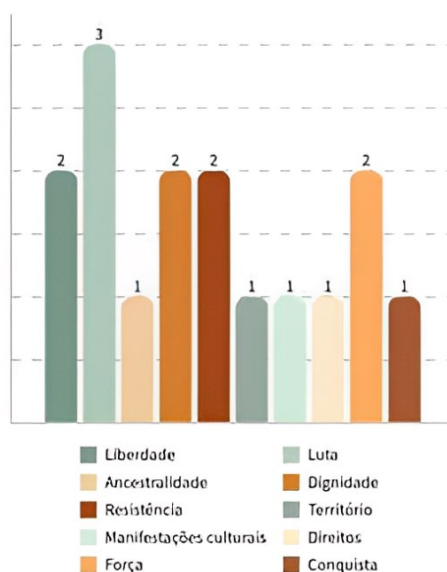
Gráfico 1 - O que significa quilombo para você?- mulheres em geral



Fonte: Autoria própria (2024)

Ademais, as respostas à pergunta “O que significa pertencer ao quilombo?” evidenciam que pertencer ao quilombo não se resume à moradia no território. Para **FV**, “para mim pertencer é além do estar, além do morar, é ser quilombola, entender que aqui é um quilombo, que aqui é um território quilombola.” Essa fala reforça que a vivência cotidiana constrói a identidade quilombola.

Gráfico 2 - O que significa Quilombo para você?- Lideranças



Fonte: Autoria própria (2024)

A resistência foi outro aspecto relevante presente na dimensão do pertencimento. Pertencer ao quilombo é estar sempre resistindo e lutando por direitos, é dar continuidade à história e à ancestralidade. As mulheres exprimem orgulho em pertencer ao quilombo de Conceição das Crioulas, pois ali vivenciam um lugar de liberdade e identidade. **JVO** expressa seu elo com o território ao relatar que é quilombola, mas nasceu e morou alguns anos em Salgueiro, depois passou alguns meses em Petrolina, até ir morar no quilombo. Em nenhum outro lugar ela sentiu a sensação de pertencimento que em Conceição, por o quilombo ser um lugar onde sua identidade é constantemente reafirmada.

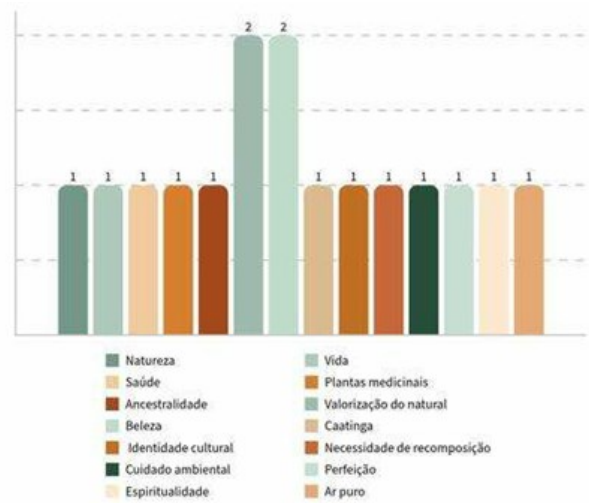
5.1.1.2. Significado de paisagem

A apreensão sensível de paisagem de Conceição das Crioulas desvela significados históricos, culturais e afetivos que fazem parte do dia a dia das mulheres. Ao serem questionadas sobre “Como você percebe a paisagem à sua volta?”, elas frisam os marcos históricos da comunidade, como a Pedra do Matame, Buraco dos Ossos, Pedra Preta e Serra das Princesas. Esses locais vão além de espaços físicos, são lugares de memória, ancestralidade e identidade. Além do aspecto histórico, é possível perceber um sentimento de harmonia em relação à paisagem do quilombo. Algumas entrevistadas mencionam as árvores, o verde, o canto dos pássaros, algo que na cidade é pouco relatado pelos transeuntes, sendo experienciados em praças e parques quando em descanso. Outro ponto relevante da paisagem é o uso de plantas

medicinais, algo tradicional na comunidade que remete à valorização do saber ancestral de manuseio das ervas para fins práticos.

Contudo, nem todas as entrevistadas percebem a paisagem da mesma forma. Enquanto algumas mulheres citam a riqueza e beleza da natureza, outras, como **MM**, apreendem o quilombo como algo abandonado devido às casas estarem sempre fechadas e não possuir muita movimentação. Isso demonstra que a leitura de paisagem é condicionada às vivências e experiências de cada moradora.

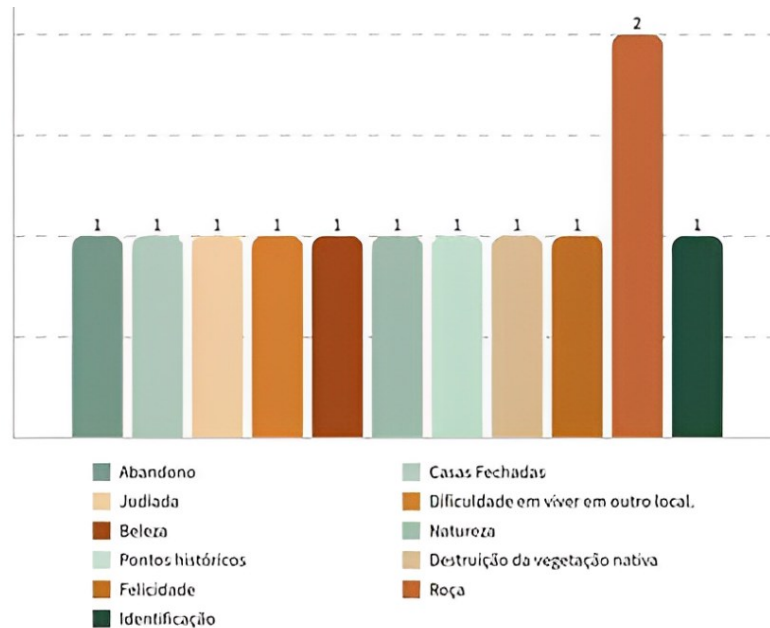
Gráfico 3 - Como você percebe a paisagem à sua volta?- Lideranças



Fonte: Autoria própria (2024)

Desde a infância, as mulheres do quilombo aprendem a valorizar e preservar a natureza. Ao mesmo tempo, enquanto alguns acabam destruindo o maio ambiente no intuito de geração de renda, para produção de carvão e lenha, ação que levou a entrevistada **ACMS** relatar que o território está mal cuidado, mas já ocorre um projeto de recaatingamento para restaurar o bioma.

Gráfico 4- Como você percebe a paisagem a sua volta?- mulheres em geral



Fonte: Autoria própria (2024)

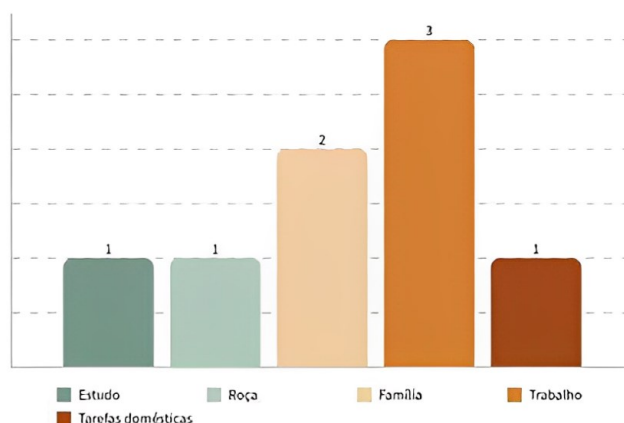
As entrevistas evidenciam que a paisagem é uma construção subjetiva que depende de vivências individuais. Definição que se afasta, de alguma maneira, do conceito de paisagem popularizado por Carl Sauer nos anos 1920. Para esse geógrafo da Escola de Berkeley, a paisagem é exterioridade, produto da cultura (ação humana) sobre o ambiente (Sauer, 2004, p. 301). As mulheres são agentes transformadores da paisagem, seja no papel de preservação ou do uso de recursos naturais de forma sustentável. A paisagem de Conceição é lugar de memória, ancestralidade, socialização e trabalho.

5.1.1.3. Pertencimento e lugar

A relação das mulheres de Conceição das Crioulas com o território é construída através de vivências do cotidiano. Ao serem questionadas sobre “Como você se relaciona com o espaço? Qual sua rotina? Que caminhos você percorre?” são reveladas atividades diárias que as mulheres performam no quilombo.

As mulheres desenvolvem diversas atividades em seu dia a dia. O trabalho na roça se sobressai, sendo parte da rotina de muitas mulheres. Ademais, elas trabalham em escolas, biblioteca e projetos de sustentabilidade, concomitantemente cuidam da casa e de seus filhos. Como exemplo disso, **ACMS** estuda em Salgueiro, é agente de sustentabilidade no quilombo onde é executado o projeto de recaatingamento que ocorre na roça. Além disso, também é mãe.

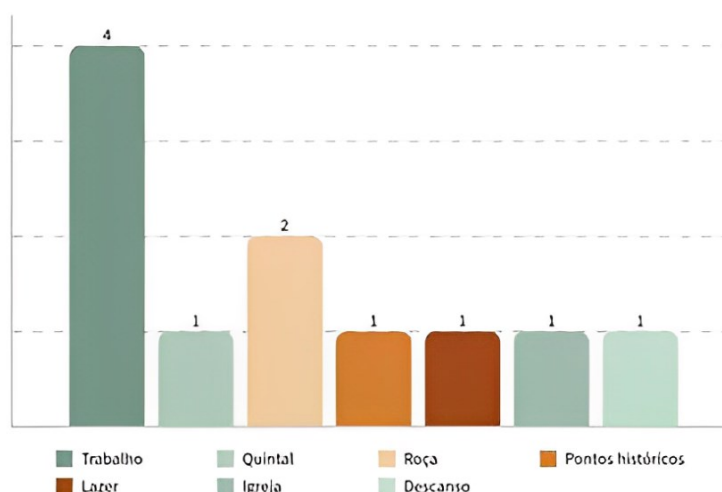
Gráfico 5 - Como você se relaciona com o espaço? Qual sua rotina? Que caminhos você percorre?- mulheres em geral



Fonte: Autoria própria (2024)

O cotidiano das mulheres é permeado pela coletividade. As interações sociais ocorrem nos mais diversos contextos espaciais, como em calçadas ou nas reuniões mensais da associação. Por ser tudo próximo, geralmente as mulheres se deslocam dentro do quilombo caminhando, o que facilita a interação social e o sentido de vizinhança. No entanto, mesmo com coletividade no quilombo, **MAM**, uma liderança local, relata que devido a suas atribuições, ficou perigoso andar sozinha no quilombo, preferindo adotar estratégias de segurança para andar na comunidade, como estar sempre em grupo.

Gráfico 6 - Como você se relaciona com o espaço? Qual sua rotina? Que caminhos você percorre?- Lideranças



Fonte: Autoria própria (2024)

Soma-se a isso o fato de que a comunidade quilombola é um território de lazer e espiritualidade. **FMO**, por exemplo, menciona que gosta de sair com as amigas para tomar açaí e ir à igreja evangélica. Outra atividade das mulheres é levar visitantes e pesquisadores aos

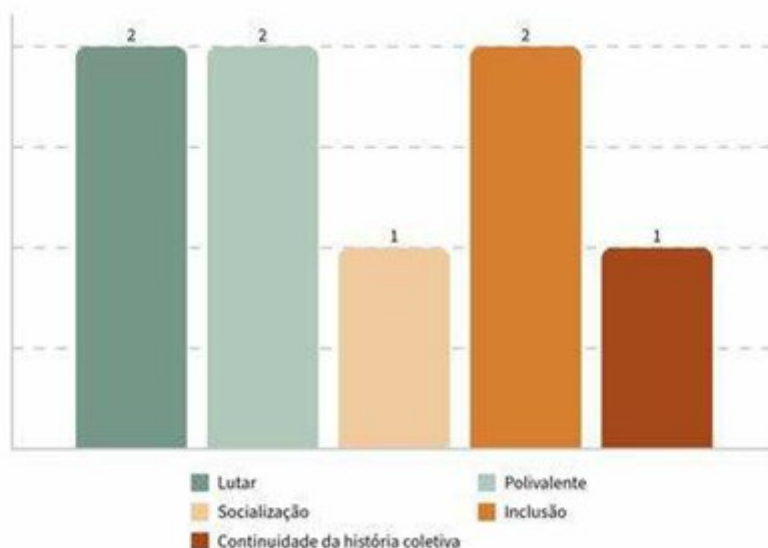
lugares de memória, como Pedra do Matame e Pedra da Mão. Essa atividade contribui para a transmissão da história e cultura quilombola.

5.1.1.4. Lideranças femininas da comunidade

As lideranças femininas são as responsáveis pela manutenção do território e pela busca de direitos à pessoa quilombola. Ao responderem as perguntas “Qual o papel das lideranças femininas dentro do quilombo?”, “Qual o impacto que sua posição de liderança causa na comunidade?” e “Quais dificuldades você encontrou para chegar nessa posição?”, as entrevistadas deixam claro que a atuação das lideranças vai além das associações formais, é algo espontâneo e transmitido entre gerações.

Ser liderança não é algo ensinado, **FV** comenta que o protagonismo feminino é nato, ser liderança no quilombo é algo espontâneo e genuíno. Surge a partir das necessidades da comunidade. Aquelas que sentem a vocação assumem esse papel. As entrevistas revelam que as mulheres são polivalentes e desempenham vários papéis ao mesmo tempo. O papel das lideranças femininas no quilombo é de lutar para que os/as quilombolas tenham vida digna, permaneçam no seu território, tenham acesso à saúde, educação, mas sempre considerando a cultura e os saberes ancestrais herdados.

Gráfico 7 - Qual o papel das lideranças femininas dentro do quilombo?- Lideranças

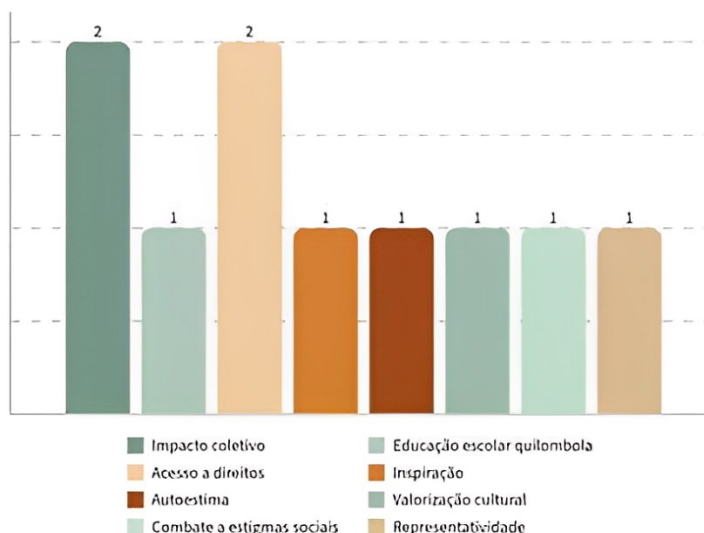


Fonte: Autoria própria (2024)

O efeito positivo da liderança feminina verifica-se nas mais diversas áreas. **MAM** relata que 100% dos profissionais da educação da comunidade são quilombolas. Esse aspecto é reflexo da garantia dos direitos humanos respeitando a ancestralidade e sua memória. Assim

como **MLS** reconhece seu agenciamento ao inspirar e incentivar meninas da comunidade a usarem o cabelo da forma que quiserem, sem se importar pelos padrões de beleza socialmente impostos como válidos.

Gráfico 8 - Qual impacto que sua posição de liderança causa na comunidade?- Lideranças



Fonte: Autoria própria (2024)

A transmissão da liderança entre gerações ocorre principalmente pela oralidade. O quilombo é um território de tradição matriarcal. Nele, as mulheres aprendem desde cedo a se engajarem nas lutas sociais a partir de exemplos próximos. Entretanto, o machismo/patriarcado ainda está presente e é um desafio. As entrevistadas demonstram que nem sempre as lideranças são aceitas plenamente no exercício de suas atividades. Infelizmente, existe o desrespeito e o silenciamento da voz feminina.

Outro desafio encontrado é o de conciliar a vida pessoal com a militância. Estar à frente, exige muita dedicação, o que dificulta a realização de atividades dessas mulheres em casa e com sua família. Mesmo com as dificuldades, as mulheres dão continuidade ao seu papel central no quilombo que ocorre desde seu surgimento.

As mulheres realizam várias funções. **MAM**, por exemplo, trabalha na biblioteca e realiza formações, palestras e oficinas com o intuito de promover a valorização da natureza e o papel dos quilombos na preservação da natureza. Já **FV** comenta sua contribuição na promoção do esporte na comunidade, incentivando práticas que fortalecem a saúde e a socialização. **MLS** vê a realização de formações como uma maneira de perpetuar sua memória. Ela assim faz em palestras e oficinas de artesanato. Também cede sua roça para professores, estudantes e pesquisadores conhecerem e aprofundarem seus estudos sobre o protagonismo quilombola na

construção do território brasileiro. **FMO**, por sua vez, faz parte do coletivo de comunicação da comunidade, o *Crioulas Video*. Também está na comissão da juventude promovendo reuniões para estimular os jovens na luta pelos direitos dos quilombolas.

5.1.2. Análise dos desenhos

5.1.2.1. Paisagem, território e cotidiano

A partir dos desenhos, percebe-se a forte conexão que as mulheres de Conceição têm com a natureza, evidenciada pela de açudes, serras, árvores e pedras. Além disso, nota-se a inclusão de objetos do cotidiano como casas, espaços comunitários e caminhos que elas percorrem diariamente. Essas representações permitem compreender a relação do gênero feminino com a paisagem, a configuração do território e o pertencimento das mulheres ao quilombo.

O desenho de **MAM**, por exemplo, possui o que Lynch (1960) denomina “caminhos” ou “vias”. Nele, observa-se um açude representado pela água e a Serra das Crioulas seria um limite. As casas podem ser entendidas como distritos ou bairros e os juazeiros funcionam como marcos visuais.

Figura 43 - Desenho MAM

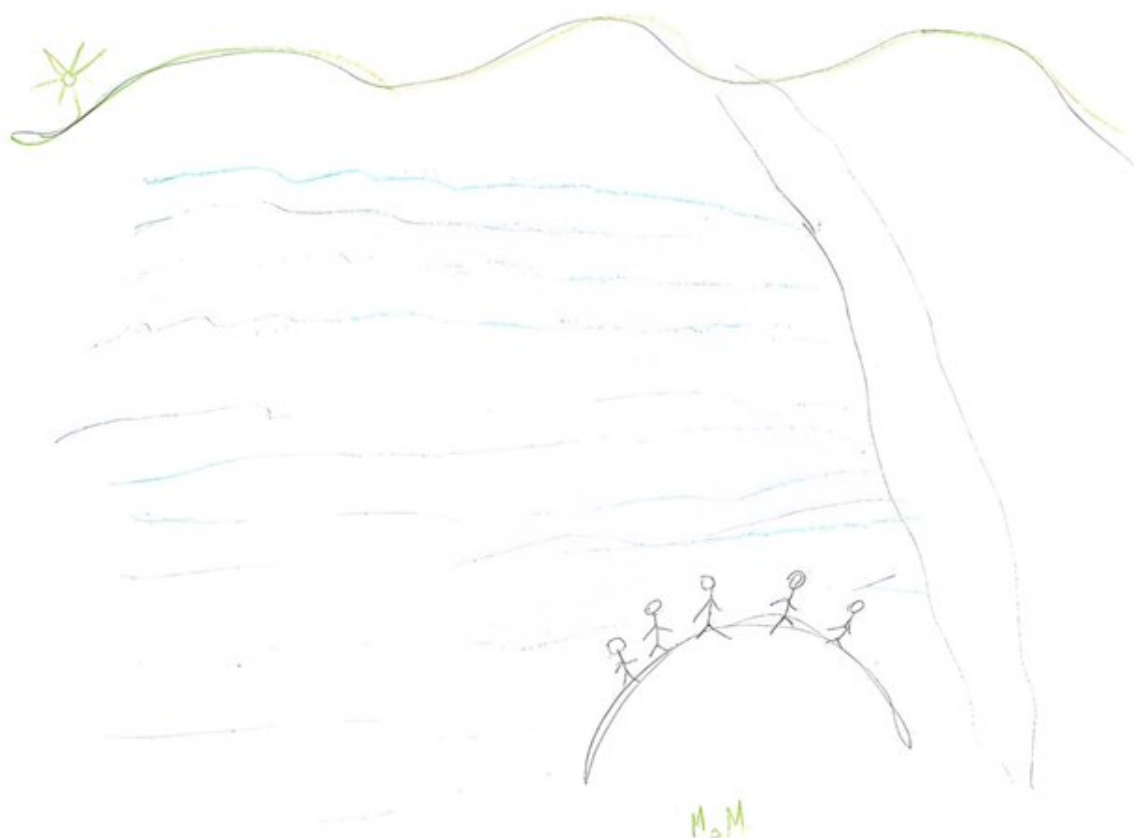


Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Além disso, o desenho evidencia não apenas a conexão com a natureza, mas também a vida comunitária. Sabe-se que a Casa Comunitária Francisca Ferreira que é onde as mulheres promovem reuniões. Seguindo a mesma lógica, o desenho de **MM** expõe vias, sendo que a barragem desenhada funciona como um limite, enquanto a pedra representada pode ser

entendida como um distrito. Os marcos são as serras e a pedra, além disso a pedra atua como como nó ou cruzamento. Assim, fica evidente o significado da natureza e seu simbolismo para as mulheres, dada a recorrência de elementos como pedra, barragem e serras na representação das paisagens individuais.

Figura 44 - Desenho MM



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

O desenho de **FV** possui um caráter abstrato. Durante sua elaboração, a entrevistada explicou que ele retratava quatro serras presentes no local que podem ser vistas ao subir no topo da Pedra do Matame. Nesse caso, as serras aparecem como marcos naturais, reforçando a conexão com a natureza e a dinâmica territorial. Outro desenho que ainda expressa a relação com a natureza é o de **ACMS**. A imagem retrata um açude definido como caminho. Nele, os marcos visuais são as árvores e as serras; porém, a serra também funciona como limite, assim como a transição do açude para a terra.



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figura 46 - Desenho ACMS



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Por fim, no desenho de **TM** observa-se um caminho que conecta o ambiente externo com o interno, que é a casa. As árvores desenhadas revelam-se como limites que delimitam o território residencial. O principal marco da representação é a própria casa, identificada pela entrevistada como local onde sua família mora. Esse detalhe evidencia o apego ao território, lançando luz na afetividade que as moradoras possuem com seu lugar de habitação.

Figura 47 - Desenho TM



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

5.1.2.2. Ancestralidade e pertencimento

Além da relação com a natureza, a configuração territorial e o cotidiano, os desenhos das entrevistadas revelam a ancestralidade e o simbolismo do lugar. Nesse sentido, o desenho de **JVO** enfatiza a Pedra da Mão, um lugar de memória especificado anteriormente e que intensifica os vínculos com a ancestralidade e com o pertencimento à paisagem.

Seguindo essa mesma perspectiva, **MLS** produziu um desenho abstrato. Ela informou que os traços representavam os percursos e trajetórias dentro do quilombo, remetendo à ancestralidade. Finalmente, o desenho de **E**, embora simples e abstrato, carrega um grande significado afetivo. A entrevistada mencionou que o quilombo é espaço de amor, demonstrando a dimensão subjetiva como construtora de paisagens e territorialidades.

Figura 48 - Desenho JVO



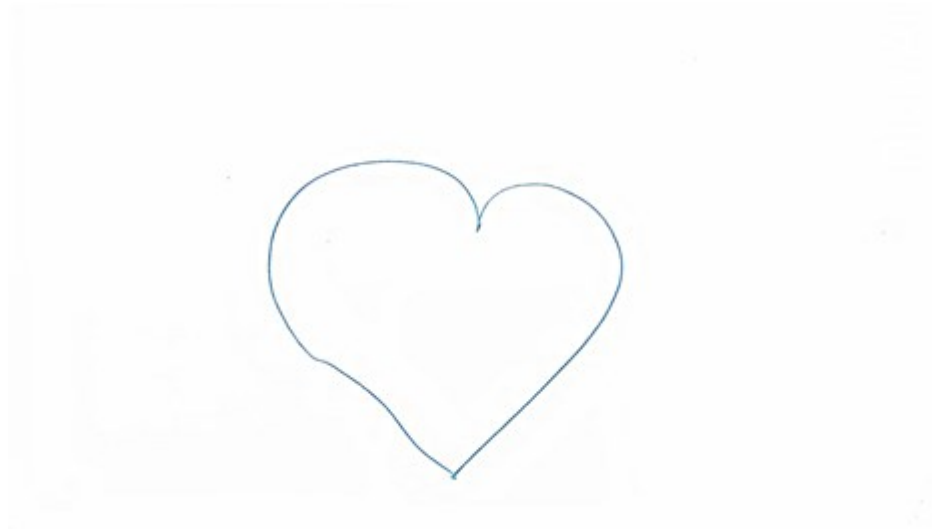
Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figura 49 - Desenho MLS



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figura 50 - Desenho E



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

5.1.2.3. Coletividade e territórios de interação Comunitária

Além do elo íntimo com a natureza e a ancestralidade, os desenhos expressam a importância da coletividade e dos territórios de sociabilidade na vida das mulheres quilombolas. As representações visuais retratam lugares onde as mulheres se encontram, revelando como o território é experienciado de forma coletiva produzindo territorialidades.

Na imagem feita por **MAM**, a coletividade aparece por meio de uma ciranda, símbolo de interação comunitária e de performance do corpo-monumento com o território. Seguindo essa mesma perspectiva, **MM** retrata a barragem como lugar coletivo, associado a reuniões em grupo. O desenho **MMO** também reforça a solidariedade coletiva, expondo casas, caminhos e roçado como marcos visuais e objetos antrópicos que formulam a territorialidade quilombola.

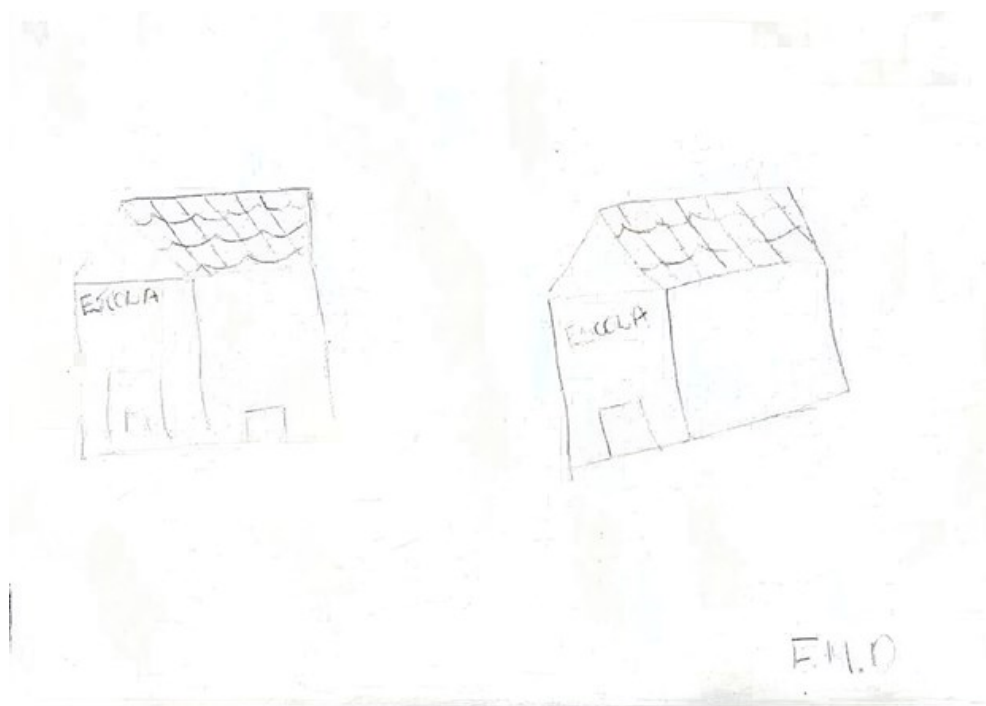
Figura 51 - Desenho MMO



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Por seu turno, **FMO** representa as escolas, fato que sublinha a ligação da entrevistada com o lugar de trabalho e o peso simbólico das instituições de ensino para a comunidade. A escola, nesse contexto, vai além de seu caráter institucional, é *locus* de resistência, luta, pertencimento e identidade, tendo em vista que, por muito tempo, as/os quilombolas só podiam estudar até a quarta série do ensino fundamental, conforme as informações obtidas em pesquisa de campo.

Figura 52 - Desenho FMO



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Os desenhos analisados iluminam o território, a paisagem, a memória e a territorialidade de Conceição das Crioulas. O quilombo é mais do que um espaço físico, é lugar criativo, da afirmação de identidade e vínculos com a natureza, ancestralidade e coletividade. A relação das mulheres com a paisagem, seus trajetos e suas territorialidades fundamenta o pertencimento, exprimindo que o quilombo é território de afeto e construção coletiva.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta monografia de conclusão de curso foi analisar a construção do território, territorialidades e percepção de paisagem das mulheres de Conceição das Crioulas em perspectiva decolonial e interseccional. Ao entrelaçar gênero, sociedade, arquitetura, memória, território e paisagem, o estudo verificou o protagonismo feminino no agenciamento histórico, material e social do quilombo. A pesquisa contribui academicamente para o avanço de estudos decoloniais/contracoloniais e interseccionais, oferecendo uma análise da territorialidade feminina quilombola. Ao investigar a relação das mulheres com a construção do território e representação da paisagem, a finalidade foi ecoar as vozes femininas negras que historicamente eclipsadas nos estudos da Arquitetura e do Urbanismo.

A justificativa do trabalho é primar pelo protagonismo das mulheres da comunidade. É possível constatar que a pesquisa cumpriu as metas estabelecidas ao entender a forma que as mulheres de Conceição das Crioulas constroem seu território. Os argumentos lançaram luz no significativo papel das mulheres na apreensão e experiência do quilombo. Ainda evidenciaram como o protagonismo feminino influenciou a conformação dos territórios e paisagens, além de divulgar a cultura material e imaterial do lugar.

Metodologicamente, o estudo empregou uma abordagem quantitativa e qualitativa. A pesquisa bibliográfica e documental possibilitou a construção do referencial teórico sobre a história territorial de Conceição das Crioulas em lentes decolônias, interseccionais e o conceito de território. O levantamento de campo incluiu observações diretas e entrevistas semiestruturadas com as mulheres da comunidade, o que permitiu captar a percepção delas sobre a paisagem e a territorialidade. Esse exercício se revelou frutífero, pois buscou-se definir a paisagem e o território a partir da leitura das moradoras. Além disso, as mulheres realizaram mapas afetivos para compreender a relação das mulheres com a paisagem. As análises foram feitas a partir de quadros comparativos e gráficos a fim de compreender os temas centrais investigados no trabalho.

Verificou-se o papel essencial que as mulheres desempenham na organização da comunidade, na preservação da memória e da cultura locais. Constata-se que Conceição das Crioulas vai além da fisicalidade, é lugar ancestral, de resistência e pertencimento femininos.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, P. G. de; ESPINDOLA, G. M. de; SOUSA, M. S. R. de; ASSIS, R. J. S. de. O território como episteme de resistência à colonialidade. **PerCursos**, Florianópolis, v. 24, e0205, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/22862#:~:text=Esse%20estudo%20objetiva%20analisar%20o,e%20entrevistas%20como%20bases%20metodo%20C3%B3gicas>>. Acesso em: 19 out. 2024.
- ALMEIDA, E. A. de; SILVA, J. F. da. A. Y. Como Território Epistêmico: Pensamento Decolonial Como Perspectiva Teórica. **Interritórios - Revista de Educação**. Universidade Federal de Pernambuco Caruaru, Brasil. V.1. N.1. p. 42-64. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/interritorios/article/download/5009/4293>. Acesso em 20 out. 2024.
- AMARAL, J. P. P. do. Da colonialidade do patrimônio ao patrimônio decolonial. Orientador: Prof.^a Dra. Carla Arouca Belas. 2015. 158 f. Dissertação (Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural) - **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1JUFcule7zYNE_ayOwpBshjP9HCddudTB/view?usp=drivesdk. Acesso em: 28 ago. 2024.
- AQCC. Disponível em: <<https://ccrioulas.org/>>. Acesso em 15 dez. 2024.
- ARRAES, Damião Esdras Araujo. Curral de reses, curral de almas: urbanização do sertão nordestino entre os séculos XVII e XIX. **Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo**, São Paulo, 2012.
- Arquivo Nacional. Disponível em <https://sian.an.gov.br/sianex/Consulta/login.asp>. Acesso em 9 dez. 2024.
- SANTA, Joana. Artesanato do Maranhão. Disponível em: <https://artesanatodomaranhao.art.br/cidades/povoados/18110/santa-joana>. Acesso em: 04 fev. 2025.
- ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS (AQCC). Quilombolas de Conceição das Crioulas – Salgueiro, Pernambuco. **Brasília, DF: Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil, 2007**. (Fascículo 6). ISBN 85-86037-20-6.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, maio-ago. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhw/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 17 mar. 2025.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: . Acesso em: 29 jan. 2025.
- BRASIL. 2003. **Decreto Federal Nº 4.887 de 20/11/2003**. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm>. Acesso em: 15 dez. 2024.
- BRASIL. **Decreto nº 5.753, de 12 de abril de 2006**. Promulga a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, adotada pela UNESCO em Paris, em 17 de outubro de 2003. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 13 abr. 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5753.htm. Acesso em: 28 jan. 2025.
- BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz; NOBRE, Bruno Halyson Lemos; FERREIRA, Thais Leite Moraes; ARAÚJO, Lívio Marcio Albuquerque de; FEITOSA, Maria Zelfa de Souza; MARTINS, Ana Kristia da Silva; ALENCAR, Helenira Fonseca de; FARIAS, Nazka Fernandes. **Affective maps: validating a dialogue between qualitative and quantitative methods**. In: MIRA, Ricardo García; DUMITRU, Adina. (Eds.). Urban sustainability: innovate spaces, vulnerabilities and opportunities. Coruña: Deputación da Coruña, 2014. p. 131-147. Disponível em: <<http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/20210>>. Acesso em 28 ago. 2024.
- BONNEMAISON, Joel. La géographie culturelle. **Paris: C.T.H.S.** 2000
- CARVALHO M. L. de A. (2016). Quilombo de Conceição das Crioulas. **Belo Horizonte: FAFICH. (Terras de Quilombos)**. Baseado no relatório de identificação da comunidade negra de Conceição das Crioulas – Salgueiro/PE, realizado pela antropóloga Vânia Fialho em 1998.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. A inconstância da alma selvagem e outros ensaios. **São Paulo: Companhia das Letras**, 2020

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Anísio Garcez Homem. Florianópolis: **Livraria Livros & Livros**, 2010.

COLLINS, Patricia e BILGE, Sirma. Interseccionalidade. 1ª edição. Boitempo, 16 mar. 2021. “Coloniality is Far from Over, and So Must Be Decoloniality”. **Afterall journal**, Londres, n.43, primavera -verão 2017, pp.38-45. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/full/10.1086/692552>.

DA SILVA, G.; LOPES, C. S. Topofilia e Topofobia: Um Estudo da Percepção Ambiental de Alunos do Ensino Médio em Paçandu - PR. In: **CADERNOS, P. D. E. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE**. CEP, v. 84, 1-24, 2014. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uem_geo_artigo_gerson_da_silva.pdf. Acesso em 11 de jun. de 2022.

DE CASTRO, E. V. Os Pronomes Cosmológicos E O Perspectivismo Ameríndio. **MANA**, p. 115–144, 1996. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mana/a/F5BtW5NF3KVT4NRnfM93pSs/?lang=pt>>. Acesso em: 9 dez. 2024.

ENNES, E. As Guerras nos Palmares. **Biblioteca Pedagógica Brasileira**, v.127, série 5ª, 1938. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufjf.br/handle/doc/209>.

FARIA, Ana Tereza Dutra Pena de. Comunidade quilombola Lagoas. **Belo Horizonte: FAFICH**, 2016. 16 p. (Terras de Quilombos).

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Tradução de Renato da Silveira. **Salvador: EDUFBA**, 2008.

FANON, Frantz Omar. Racismo e cultura. **Brasil: Editora Terra sem Amos**, 2021

FREITAS, Helora Pereira Gabriel. A atuação da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ) em defesa dos direitos dos povos quilombolas em tempos de COVID-19. Orientadora: Prof. Dra. Fernanda da Silva Lima. 111 f. Dissertação (Mestre em direito) - **Universidade do Extremo Sul Catarinense**, Criciúma, 2023. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/handle/1/10080>>. Acesso em: 04 jan. 2025.

FURTADO, Junia Ferreira. Mocambos e quilombos: mappa da conquista do mestre de campo regente [chefe de legião] Ignacio Correya Pamplona. In: FURTADO, Junia Ferreira; DORÉ, André (org.). **História do Brasil em 25 mapas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

GAIOSO, Arydimar Vasconcelos; TROVÃO JÚNIOR, Carlos Henrique Moreira. **Quilombo Santa Joana**. Belo Horizonte: FAFICH, 2016. 16 p. (Terras de Quilombos).

GONZALES, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasil**. Rio de Janeiro, 92/93 69-82, jan-jun 1988. Disponível em: <https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-categoria-polc3adtico-cultural-de-amefricanidade-lelia-gonzales1.pdf>. Acesso em 31 jul. 2024.

HASBAERT, Rogério. **Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na “América Latina”**. Buenos Aires, **Buenos Aires: CLACSO**, 2021.

HOOKS, Bell. **Pertencimento: uma cultura do lugar**. São Paulo: Editora Elefante, 2022. **IMPRESSIONES REBELDES. Quilombo do Buraco do Tatu**. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/impressoesrebelde/revolta/quilombo-do-buraco-do-tatu/>. Acesso em: 16 jan. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. Salgueiro. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/salgueiro.html>. Acesso em: 27 ago. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2022/Quilombolas_Primeiros_resultados_do_universo/Apendices_da_publicacao_2a_apuracao_20231222/Apendice_publicacao_2_TQ_20231222.ods. Acesso em: 27 ago. 2024.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Portaria nº 375, de 19 de setembro de 2018**. Institui a Política de Patrimônio Cultural Material do IPHAN e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 26 set. 2018. Disponível em: <https://sei.iphan.gov.br/sei/>. Acesso em: 28 jan. 2025.

IVO, A. B. L.; VELAME, F. M. **Arquiteturas dos quilombos da Bahia**: Território, natureza, tempo, cultura, etnicidade. Salvador: EDUFAB, 2023.

KAYAPÓ, Aline Ngrenhatabare Kaxiriana Lopes; LIMA-PAYAYÁ, Jamille da Silva; SCHUBERT-TUPINAMBÁ, Arlete M. Pinheiro (org.). **Memória e ancestralidade**. Ponta Grossa: UEPG/PROEX, 2023. E-book, PDF. ISBN 978-65-86967-72-2.

LARA, F. L. (2023). Uma perspectiva decolonial para superar insuficiências. **VÍRUS**, n. 26, 4-11. Disponível em: <http://vnomads.eastus.cloudapp.azure.com/ojs/index.php/virus/article/view/892>. Acesso em 28 ago. 2024.

LYNCH, Kevin. A Imagem da Cidade. **São Paulo: Martins Fontes**, 1960.

MIGNOLO, Walter. Desafios Decoloniais hoje. **Epistemologia do Sul**, Foz do Iguaçu/PR, 1(1), PP. 12-32, 2017. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/download/772/645>. Acesso em 7 fev. 2024.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência Epistêmica: A Opção Decolonial E O Significado De Identidade Em Política. **Revista Gragoatá**, Duke University, ano 22, p. 11-41, 1 jan. 2007. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1Qlr5vj2kCWtCeHfBX473-mzAyoWmNHS/view?usp=drivesdk>. Acesso em: 28 ago. 2024.

MIGNOLO, Walter D. O lado mais escuro da modernidade. **RBCS, Duke University**, v. 32, n. 94, p. 1-18, 1 jun. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 ago. 2024.

MOURA, Clóvis. Quilombos: resistência ao escravismo. 3. ed. **São Paulo: Editora Ática**, 1987.

MUNANGA, Kabengele. Aportes e contribuições bantu na resistência contra a escravidão e na cultura brasileira. In: SILVA, Vagner Gonçalves da Silva [et al.] (organizadores). **Através das águas: os bantu na formação do Brasil**. São Paulo: Hucitec; FE-USP, 2023.

NASCIMENTO, M. Por uma pedagogia crioula: memória, identidade e resistência no Quilombo de Conceição das Crioulas - PE. Tese (mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais - MESPT) - **Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília**. Brasília, p. 199. 2017.

LINS, Letícia. Conceição Das Crioulas Ancoram No Poço Das Artes Com Confeções Que Contam A Sua História. **OxeRecife**, 28 jan. 2025. Disponível em: <https://oxerecife.com.br/conceicao-das-crioulas-ancora-no-poco-das-artes-com-confeccoes-que-contam-a-sua-historia/>. Acesso em: 03 jan. 2025.

PERAN, Martí. Notas sobre as cidades latino-americanas. **Piseagrama**, Belo Horizonte, n. 2, p. 60-61, abr. 2011.

PEREIRA, Tatiane; SANTOS, Bruno. Percepção dos moradores sobre a paisagem urbana do Bairro Cristo Rei em Congonhas/MG. **Pista: Periódico Interdisciplinar**. Belo Horizonte, v.5, n.1, p. 164-181, fev./jun. 2023. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/pista/article/view/30913>>. Acesso em 7 fev. 2024.

PORTELA, Caio Barbosa. A perspectiva decolonial no pensamento social brasileiro: pode a subalterna falar?. **45º Encontro Anual da Anpocs**. GT 30 - Pensamento Social no Brasil. P. 1-23. Disponível em: <<https://www.anpocs2021.sinteseeventos.com.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhemFtcyl7czozNToiYT0xOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSZVZPljtzOjQ6IjYwOTUiO30iO3M6MT0iaCI7czozMjoiMjQwNDIzMDVjMDEyNmY0YzhkMDhlYjkwNDBkMGY1MzMjO30%3D>>. Acesso em 10 jan 2025.

PORTAL PROJETO GEOAFRO. Disponível em: <https://www.portalprojetogeoafro.com/projeto-geoafro/>. Acesso em: 3 jan. 2025.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. **Epistemologias do Sul**. p. 73-117. Janeiro, 2009. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://ayalaboratorio.files.wordpress.com/2017/09/quijano-anibal-colonialidade-do-poder-e-classificac3a7c3a3o->

social.pdf&ved=2ahUKEwiesLSqtPeEAXW_rZUCHRv5DYYQFnoECBwQAQ&usg=AOvVaw1ltZrTequ0l9tKTIW_EprC. Acesso em 15 mar. 2024.

AQCC. Quilombolas de Conceição das Crioulas. **Projeto Nova Cartografia Social**. Fascículo 6. Disponível em <<https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/03d00257.pdf>>. Acesso em 15 mar. 2024.

REIS, Ane Beatriz Dos Santos. Imagens Que Contam Histórias: O Feminino na Comunidade Quilombola De Conceição Das Crioulas. Orientador: Prof^ª Dr^a Maria das Vitórias Negreiros do Amara. 2022. 242 f. Dissertação (Mestra em artes visuais) - **Universidade Federal de Pernambuco e da Universidade Federal da Paraíba/PPGAV, Recife**, 2022. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1QGGuA-r5rFBsDzUIhCTNoSedHSVE_ZdE/view?usp=drivesdk. Acesso em: 28 ago. 2024.

REZENDE, Raquel. O artesanato que conta as histórias do Quilombo Conceição das Crioulas. **Artesol**. Disponível em: <<https://www.artesol.org.br/conteudos/visualizar/O-artesanato-que-Conta-as-historias-do-Quilombo-Conceicao-das-Crioulas>>. Acesso em 7 fev. 2024.

RODRIGUES, Nina. Os africanos no Brasil. Rio de Janeiro: **Centro Edelstein de Pesquisas Sociais**, 2010.

SANTOS, Antônio Bispo. Somos da terra. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, n. 12, p. 44-51, ago. 2018.

SANTOS, Boaventura Sousa. Descolonizar. **Autêntica editora**, 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. O fim do império cognitivo: as afirmações das epistemologias do sul. **Belo Horizonte: Autêntica**, 2022.

SANTOS, M. **A natureza do espaço** – Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Luísa; MIRANDA, Mónica de. Visões do futuro. Aprender a desaprender: diálogos para a descolonização da arquitetura. **Porto: Dafne Editora**, 2024. p.49-66.

SAUER, Carl. A morfologia da paisagem. In: **Paisagem, tempo e cultura**. CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). 2. ed. Rio de Janeiro: UERJ, 2004

SCHUBERT, Arlete M. Pinheiro; KAYAPO, Aline Ngrenhtabare Lopes; ULRICH, Claudete Beise. Mulheres indígenas - indígenas Mulheres: corpos-territórios-devastados-interditados. **Revista do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo**, n. 7, p. 68-79.

SILVA, Adalmir; OLIVEIRA, Edivânia. Conceição Das Crioulas: Território e Identidade no processo decolonial. **Revista Ensino Interdisciplinar**, v. 3, nº. 08, p. 169-183, Maio, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.apps.uern.br/index.php/RECEI/article/view/976>>. Acesso em 15 mar. 2024.

SILVA, Givânia Maria Da. O Quilombo De Conceição Das Crioulas: uma terra de mulheres – luta e resistência quilombola. Orientador: Prof. Dr. Joaze Bernardino-Costa. 2022. 385 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - **Universidade de Brasília, Brasília**, 2022. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1TSdX9xggLCerdqwFqpoPUYal_bypJVl4/view?usp=drivesdk. Acesso em: 28 ago. 2024.

TOUAM BONA, Dénètem. Arte da fuga. **Piseagrama**, Belo Horizonte, n. 15, p. 18-27, dez. 2021.

VEIGA, Edison. Zumbi dos Palmares:: o maior líder quilombola brasileiro. In: Zumbi dos Palmares: : o maior líder quilombola brasileiro. **DW**, 20 nov. 2024. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/quem-foi-zumbi-dos-palmares-o-maior-l%C3%ADder-quilombola-brasileiro/a-70820888#:~:text=Zumbi%20dos%20Palmares%20foi%20l%C3%ADder,na%20morte%20de%20Ganga%20Zumba>. Acesso em: 13 dez. 2024.

VEIGA, Renato. Comunidade Quilombola Timbaúba. **Coleção Terra de Quilombos**, 2016. Disponível em: <<https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governanca-fundiaria/timbauba.pdf>>. Acesso em 11 jan. 2025.

WILSON, Mabel O. Notes on the Virginia Capitol: nation, race, and slavery in Jefferson's America. In: CHENG, Irene et al. **Race and modern architecture: a critical history from the Enlightenment to the present**. Pittsburgh: University Pittsburgh Press, 2020.

XAVIER, Fabiana Guimarães. Políticas públicas para cultura negra: a Fundação Cultural Palmares. 2018. 168 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – **Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos**, Salvador, 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Quadro 3- Entrevistas as lideranças femininas

QUESTÃO 01 (Q01): O que significa quilombo para você?
QUESTÃO 02 (Q02): O que significa pertencer ao quilombo?
QUESTÃO 03 (Q03): Como você percebe a paisagem à sua volta?
QUESTÃO 04 (Q04): Como você se relaciona com o espaço? Qual sua rotina? Que caminhos você percorre?
QUESTÃO 05 (Q05): Qual o papel das mulheres dentro do quilombo?
QUESTÃO 06 (Q06): Qual o papel das lideranças femininas dentro do quilombo?
QUESTÃO 07 (Q07): Qual o impacto que sua posição de liderança causa na comunidade?
QUESTÃO 08 (Q08): Quais dificuldades você encontrou para chegar nessa posição?
QUESTÃO 09 (Q09): Quais dificuldades você encontra ao exercer o papel de líder?
QUESTÃO 10 (Q10): Que maneiras você busca para superar as dificuldades encontradas?
QUESTÃO 11 (Q11): Quais iniciativas você desenvolve?
QUESTÃO 12 (Q12): O que vem a sua mente quando você ouve a palavra Conceição das Crioulas? Você poderia desenhar?

Quadro 4- Entrevistas as mulheres

QUESTÃO 01 (Q01): O que significa quilombo para você?
QUESTÃO 02 (Q02): O que significa pertencer ao quilombo?
QUESTÃO 03 (Q03): Como você percebe a paisagem a sua volta?
QUESTÃO 04 (Q04): Como você se relaciona com o espaço? Qual sua rotina? Que caminhos você percorre?
QUESTÃO 05 (Q05): Qual o papel das mulheres dentro do quilombo?
QUESTÃO 06 (Q06): O que vem a sua mente quando você ouve a palavra Conceição das Crioulas? Você poderia desenhar?

APÊNDICE B- TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA QUADRO 02 MAM

Q01 - R: “Ah... Quilombo, eu aprendi com meu povo que quilombo significa espaço de liberdade, espaço de luta, espaço de viver e viver bem, espaço de cultivar, de reverenciar nossos antepassados, nossas antepassadas, mas quilombo também é espaço de luta, terra de luta porque a gente vive em confronto o tempo todo né. Então para a gente, para as gerações atuais e as gerações futuras viverem com dignidade em nossos territórios a gente precisa viver lutando constantemente, porque a gente vive numa sociedade que não aceita, o capitalismo, os capitalistas não aceitam que a gente enquanto povo negro, enquanto comunidade marginalizada, a gente saia da posição de serviçal para ter é emancipação política, financeira né, então é também lugar de luta”.

Q02 - R: “Pra mim, pertencer ao quilombo significa viver a liberdade, viver com as pessoas mais velhas. Significa aprender todo dia, a cada momento, a todo instante, que a gente conversa principalmente com as pessoas de mais idade do território, a gente aprende mais sobre o nosso passado, sobre a nossa história, sobre a luta do nosso povo, e a gente aprende a se pertencer cada vez mais, a gente aprende a se gostar cada vez mais, e quando a gente aprende a se gostar, a ter um auto amor, a ter uma auto aceitação da gente, da nossa identidade, a gente também passa a buscar a efetivação dos direitos. Parece que quando eu fortaleço a minha identidade dentro do território, dentro do quilombo, parece que mexe com a minha autoestima, aí a gente

passa a não aceitar mais a opressão, a gente vive né, negação de direitos e tudo mais, mas a gente não aceita, tá constantemente buscando meios para superar os efeitos da negação de direitos, tanto do Estado quanto da sociedade”.

Q03 - R: “Aí, eu gosto de fazer comparativo né, na nossa fala anterior, eu tava falando da diferença do que é morar em São Paulo, numa periferia, onde você não encontra uma árvore, você não encontra um rio, não encontra um córrego, um caldeirão, que é um reservatório natural, aí você volta para a sua comunidade, para a sua terra natal, aí você vai conviver com a sua realidade né, eu chego na Pedra do Matame, que é um lugar muito interessante que tem aqui, que começa a olhar o entorno né, e eu observo, no período de chuva, eu observo tudo verde, verdinho, uma paisagem maravilhosa que gera vida, que desperta interesse e vontade de viver cada vez mais, onde você escuta o canto dos pássaros né, o gritar dos animais, o que você não escuta na cidade né. Então, para mim, a paisagem no quilombo, no nosso né, porque dos outros eu não sei, mas eu fui a um quilombo no Amazonas e eu pude perceber que mesmo no Amazonas, a paisagem, o verde ainda impera, as árvores, o floresta ainda impera, então, viver a paisagem de um quilombo, é uma paisagem que gera vida, que gera saúde, isso para mim, principalmente, que eu tive a oportunidade de ver essa outra realidade né, nós somos um povo que vivemos a base de plantas medicinais, da minha geração para trás, a gente não tinha equipe médica de saúde, não tinha saúde pública na comunidade, então, quem cuidava do nosso povo eram as parteiras, as benzedadeiras, as mezinheiras, que faz remédios né, com as plantas naturais, e vó dizia bem assim para mim, minha filha, quando você vai tirar uma planta para fazer um chá, você não pode tirar da estrada, de perto da estrada, você tem que se adentrar ao mato, você tem que ir para dentro do mato, bem para longe, porque perto da estrada, aí ela não sabia falar das energias né, mas ela dizia, passou muita gente de olho ruim, e as pessoas de olho ruim, as plantas sugam a energia negativa das pessoas, então você tem que ir para longe, e só é possível encontrar tudo isso aqui na paisagem, na nossa região, na região de mata, de caatinga, de floresta, na cidade, não é possível, porque já foi destruído pela intervenção humana”.

Q04 - R: “Agora, nessa fase da minha vida, eu não consigo andar muito por conta dos envolvimento, das atribuições que eu adquiri, eu já não posso mais andar sozinha, eu não posso sair daqui, lá para a minha roça que fica a três quilômetros onde eu cresci, eu não posso ir sozinha. A gente tem que ter essas estratégias de segurança, mas aqui a gente se vive circulando pelo roçado, no período de inverno, no período de coleta de umbu, principalmente, a gente gosta muito de ir para o pomar, tirar umbu, tirar fruta de mandacaru, de xique-xique, da favela, favela que é a amendoazinha. Nesse momento eu, por esses dias, eu circulo mais aqui dentro da vila, porque eu faço parte da coordenação, da associação, então a gente tem reunião com muita

frequência, atualmente estou na biblioteca, então eu tenho que, de segunda a sexta-feira, estar na biblioteca, mas a gente também vai para os roçados que ficam mais perto. E aí, o meu amor pelo quintal produtivo, eu acho que tem também a ver com isso, porque se eu acordar às cinco horas da manhã, eu posso cuidar das minhas plantinhas, que eu gosto de planta eu posso cuidar das minhas plantinhas no meu quintal, no entorno da minha casa, e na roça que é um pouco mais distante, aí a gente vai em grupo. Eu, minha mãe, meu irmão, meu pai, aí a gente vai mais no final de semana, porque a gente tem um pouco mais de tempo livre e dá para ir junto”.

Q05 - R: “Guardiã. As mulheres são guardiãs. São defensoras. São protetoras. São cuidadoras. As mulheres desse território, gente do céu, os homens fazem, mas as mulheres estão ali, e aqui se destaca, desde o princípio da história, não é à toa que o nome é Conceição das Crioulas e não dos crioulos”.

Q06 - R: “Lutar em defesa do bem-viver do povo. Essa palavra bem-viver não é nossa não. Eu arrumei, aí escutei por aí, achei bonitinha e fico falando. Mas o papel das lideranças femininas nesse território é lutar em defesa do bem-viver dentro da comunidade. É lutar pela permanência. É lutar pela permanência do nosso povo aqui no território. Mas com dignidade, com acesso à saúde pública, educação, mas desde que considere os saberes do nosso povo”.

Q07 - R: “Pra comunidade? Não é só a minha posição não, Porque a gente não age individualmente, a gente age no coletivo. Mas o impacto está aí, 100% dos profissionais em educação desse território são de Conceição Das Crioulas, a maioria concursados, concursadas. Porque nós somos uma comunidade que até 1995, o nosso grau de escolaridade encerrava na quarta série do ensino fundamental, ou seja, o ensino fundamental 1, os poucos que quisessem, que ousassem continuar estudando teriam que mudar pra cidade, e muitos dos que mudavam pra cidade com o objetivo de estudar, passavam a ignorar a comunidade e quem tivesse por aqui. Então o impacto que eu vejo hoje resultante da luta é: Saúde pública na comunidade, acesso à água com mais facilidade, valorização das nossas potencialidades, uma educação que transita de verdade para uma educação escolar quilombola. E a gente vai continuar lutando incansavelmente para isso, valorização da educação quilombola. Porque uma coisa é educação quilombola, outra coisa é educação escolar quilombola. A educação quilombola a gente aprende no dia a dia quando se encontra com as tias, com as vó, com os vô, a gente vai aprendendo o nosso jeito de ser e de viver como foram nossos antepassados. Educação escolar quilombola. Depende da vontade política dos gestores que muda hora é um, hora é outro, então depende de quem está lá, mas eu vejo, tudo isso que a gente tem na comunidade hoje é resultante da nossa luta, não é minha só não boa parte já não está entre nós mas a gente vai aprendendo”.

Q08 - R: “Mulher, eu não sei se eu já posso me considerar liderança é algo muito pesado, muito forte. É uma responsabilidade muito grande, não sei se eu já estou no jeito de me posicionar dessa forma. Mas... Eu entro para a luta social a partir das dificuldades que eu enfrento internamente na minha vida na minha vida quase que privada. Então eu saio da esfera doméstica buscando a alternativa para a vida a partir da luta comunitária. Então foi muito difícil, porque eu vivia em um relacionamento abusivo e eu estava buscando saída, para continuar viva apesar daquele relacionamento. Então foi difícil porque aí a gente passa a sofrer mais violência porque está saindo do contexto doméstico e indo para um contexto mais público. E por ser mulher mesmo estando em comunidade quilombola, a gente também enfrenta dificuldade da sociedade, não é assim... Eu vou e aceito por todo mundo. É um processo e é um processo que a gente tem que se trabalhar internamente primeiro. Porque eu estou largando a minha casa, estou largando a minha família, estou largando a minha filha, estou largando os meus afazeres domésticos para cuidar de algo mais amplo. Então eu trago uma luta interna comigo mesma, porque todas nós temos a síndrome da doméstica, da do lar. Então a gente passa a travar essa a guerra interna, depois a gente vai enfrentar a sociedade, a comunidade, que ainda existe uma boa parte do tempo que o lugar da mulher é dentro de casa cuidando de filho e marido. E mesmo à frente da luta, a gente ainda percebe muitas dificuldades, muitos enfrentamentos que a gente tem que fazer, a gente sofre muita situação de desrespeito, muitas vezes um posicionamento que eu coloco, que não é considerado, o masculino vem e faz o mesmo posicionamento, aí já é considerado. Então, assim, são muitos desafios que a gente enfrenta. Não é para enfrentar a luta que é pá! a lei é destaque, é não, é porque nós somos teimosas”.

Q09 - R: “Até hoje tem um desafio que a gente enfrenta, nós que somos da roça, e que a gente sai do contexto da roça, da casa, do só nosso e vai no social, é a sobrecarga, a gente acaba se sobrecarregando, o que a gente tinha para fazer antes continua tendo, continua fazendo antes, mas aí a gente faz o que já fazia e assume uma carga do social. E quem me ensinou a dizer isso foi Lélia González, as leituras que faço de Lélia González, que a gente vive umas situações que a gente não entende, depois a gente está estudando, vê como isso se assemelha. A luta social, se a gente não tiver cuidado, ela também é cruel, que a gente passa a defender, a lutar pelo todo, e a gente acaba esquecendo que tem um corpo, que tem uma mente, e que a gente precisa cuidar desse corpo e dessa mente para estar bem, para continuar cuidando do coletivo. Às vezes a gente esquece, a gente não tem tempo, a gente não se dá esse tempo”.

Q10 - R: “Eu tenho repensado muito o meu posicionamento. Um deles é entender que a luta não é minha não. E a gente se adona, sabe? É como se a gente se adonasse da luta coletiva, “se eu não defender essa comunidade, se eu não defender essa comunidade, esse povo vai sofrer,

vai passar por dificuldade”. O que eu tenho feito ultimamente é pensar, olha, até eu conseguir ir, eu vou, aonde não for possível, eu não vou. Porque a comunidade não é minha, o território não é meu, a luta não tem que ser minha, a luta tem que ser nossa. Então a gente tem que lutar para engajar mais pessoas e não é fácil, porque é tudo no voluntariado. Então, para você abraçar uma causa social, você vai largar uma série de outras coisas ou então se sobrecarregar. E nem todo mundo está disposto, mas a gente tem que lutar todo dia para trazer mais pessoas, para compartilhar essa carga que, na verdade, a gente já compartilha, porque eu lembro que era um grupo bem pequenininho, umas 4 ou 5 pessoas, hoje, se você somar as comissões, nossa associação é dividida em comissões, não é só coordenação. Coordenação não dá conta de tudo. Nós somos 7 comissões, juventude, mulheres, patrimônio, meio ambiente, comunicação, saúde. Eu esqueci alguma. Cada uma dessas comissões tem um ponto de atribuição. Então, por isso, quando você vai analisar, quando você tiver a oportunidade de analisar a conceição, você vai ver o estouro de coisas que a gente faz., o tanto que a gente conquista, mas é porque somos muitas. Então, eu tenho feito isso. Até onde eu tenho tentado, tenho tentado. Até onde eu conseguir, eu vou, onde não for possível, eu não vou, porque eu vou morrer, quando eu morrer, a vida vai continuar. Comigo ou sem-migo, vai continuar. Então, eu quero estar viva, eu quero viver pelo menos mais de 100 anos. E para viver mais de 100 anos, eu vou ter que aprender a desgrudar de algumas coisas. Entender que eu tenho que estar bem, eu tenho que me cuidar, para eu ter condição de contribuir, eu tenho que contribuir, não tenho que ser dona da luta, né? Então, eu acho que um dos caminhos é esse, para me superar”.

Q11 - R: “Hoje eu estou nesse espaço, que é a biblioteca, mas na associação, a gente faz a luta por melhoria na saúde, na educação, na agricultura, na questão do meio ambiente. Não sei se estou respondendo certo, né? A luta pela valorização do ambiente saudável, né? O sustentável dos elementos. Aí eu gosto de fazer formação. Adoro fazer formação, palestra, oficina, sabe? Para fazer as pessoas entender a importância do ser, né? Do que nós somos, a importância do ambiente, do lugar onde a gente vive. Aí a gente busca parceria, né? Nós hoje temos parceria com a Fundação Araripe, que falei para vocês, que é relacionada ao plantio de plantas nativas. Nós temos parceria com o Espaço Feminista, que é uma organização que está situada em Recife, que mobiliza recurso internacional através de uma organização chamada PRODA. Nós temos parceria com o Movimento Sindical, Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais. Nós estamos articulados com a Comissão Estadual de Quilombos, com a Coordenação Nacional de Quilombos. Nós fazemos parte dos diversos conselhos de saúde, de educação, conselho de igualdade racial. Onde tem lugar de se posicionar, de se colocar, nós estamos por ali.

Ultimamente eu que estou querendo ficar um pouco mais no meu cantinho, assim, mais recuada. Mas a gente tem se obrigado a ocupar esses espaços”.

Q12 - R:

Figura 43 - Desenho MAM



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

ENTREVISTA QUADRO 03 MM

Q01 - R: “Eu acho bom”.

Q02 - R: “Acho que uma pessoa é reconhecida, né?”.

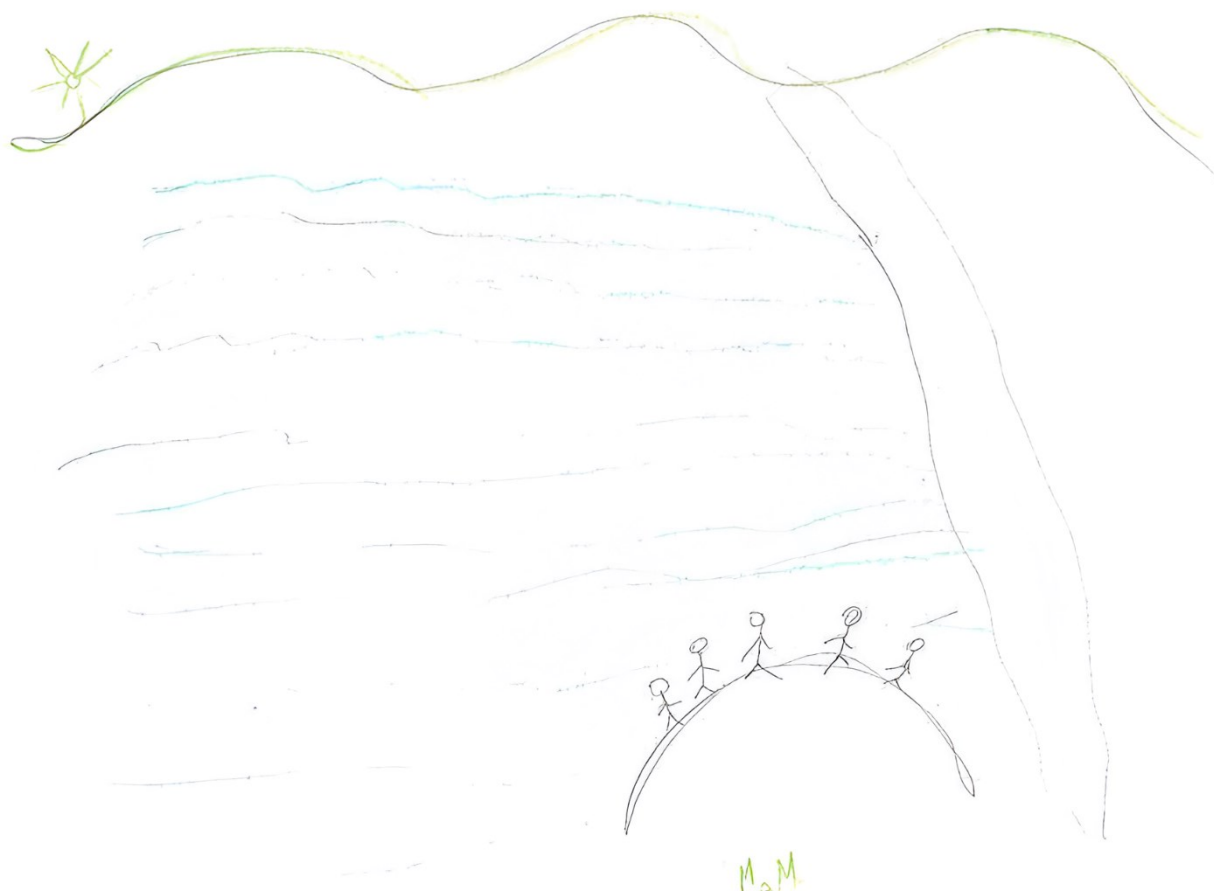
Q03 - R: “Tipo uma coisa assim abandonada. Nossa casa aqui é quase tudo fechada, é poucas são abertas”.

Q04 - R: “Só daqui, para calçada da minha tia e minha irmã no bequinho e as reuniões no fim do mês”.

Q05 - R: “Corre atrás de coisas para o lugar”.

Q06 - R:

Figura 44 - Desenho MM



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

ENTREVISTA QUADRO 02 FV

Q01 - R: “O quilombo para mim é como está na minha dissertação, espaço de liberdade.

O quilombo para mim é o primeiro espaço de liberdade, o chão do território onde eu fiz, onde a gente tem as nossas manifestações culturais, significa luta, porque para hoje a gente está nesse espaço outras pessoas lutaram para conseguir esse território, então é uma liberdade que a gente ainda está na conquista, na luta todo dia, para que a gente possa ter um melhor lugar, para que a gente tenha direito a viver e viver com dignidade, viver com liberdade, viver com tudo aquilo que a gente pensa que a gente tem direito”.

Q02 - R: “Então, quando você pergunta, pertencer ao quilombo me remete a pertencimento, porque nem sempre está, é ser ou pertencer. Então, eu posso morar no quilombo, mas não ter o pertencimento de quilombola, não me considerar e autodeclarar e me identificar enquanto quilombola. Mas no meu caso, que tenho esse pertencimento, para mim pertencer é além do estar, além do morar, é ser quilombola, entender que aqui é um quilombo, que aqui é um território quilombola. E eu me autodeclaro enquanto quilombola, então pertencer ao quilombo tem a ver com isso. Tem a ver com a luta, tem a ver com a resistência, tem a ver com a nossa

ancestralidade de pessoas que descendem de África, porque fomos trazidas e trazidas de nosso não eu, obviamente, mas meus ancestrais. Então, pertencer, também conhecer essa história, conhecer a nossa história, conhecer a nossa verdadeira história, a história do povo negro, que é de um povo que foi trazido forçadamente para ser escravizado. E aí eu já digo uma coisa que faz muita diferença para a gente, que costumam nos chamar de descendentes de escravos e a gente não aceita ser chamado assim. Porque quando fomos trazidos de África ninguém era escravo, pelo contrário, nós éramos e somos descendentes de reis e rainhas que foram tirados dos seus tronos para serem trazidos para o Brasil forçadamente escravizados. Então a gente não descende escravos, a gente descende pessoas que foram escravizadas, escravizado é uma condição, ninguém nasce assim”.

Q03 - R: “Para mim é a coisa mais linda. Para mim é, se você me perguntar não vou dizer, para mim acho tudo lindo as pedras, plantas nativas, a caatinga. Então a vegetação para mim é a vegetação mais linda porque é a que eu conheço, é a que tenho aqui e a gente é ensinado desde pequeno a valorizar o que é nosso, a valorizar o que é do lugar, a valorizar o que a gente tem. Então cada quem que diga que a sua é a mais linda, mas eu vou dizer que a nossa é a mais linda, então eu vejo dessa forma”.

Q04 - R: “Então, depende do dia, do horário, do local, das atividades. Minha rotina é um pouco assim, meio puxada. Mas no geral minha rotina é em casa, sou muito caseira, mas trabalho na escola que é pertinho da minha casa, cinco minutos, três minutos caminhando. Minha rotina interna é quando vem pessoas assim de fora que querem conhecer os pontos históricos do quilombo, a gente vai nesses pontos históricos, vai na Roça de Lourdinha, que é uma das partes do território que a gente conseguiu de volta, vai na Pedra da Mão, vai no Caldeirão dos Ossos, vai na Pedra do Matame, vai no açude, tudo isso nas partes que a gente faz parte do nosso dia a dia também”.

Q05 - R: “E mulher tem papel? Quando você pergunta assim, o que primeiro vem na minha mente foi isso. E aí eu digo muito nessa lógica de que a gente foi o tempo todo de que mulher tem papel, se mulher tem papel, mulher tem lugar. E aqui o lugar das mulheres é em todo canto, é em todo lugar. Então, por isso que eu comecei fazendo outra pergunta. Aqui mulher não tem papel, todos os papéis cabem a nós mulheres, aqui mulher não tem lugar, todos os lugares são nossos e mulheres. E complementando isso que eu lhe digo, aqui vocês têm uma comunidade matriarcal onde desde a história de início o protagonismo é das mulheres. Elas foram as mulheres, seis mulheres crioulas que por meio da plantação, da fiação e da venda do algodão, compraram esse território que hoje é a Conceição das Crioulas. Aquela capela que tem ali, a igreja, que tem logo ali, é mais ou menos no mesmo local onde essas seis negras fizeram uma

promessa para a Nossa Senhora da Conceição, que se elas conseguissem comprar o território, elas construiriam a capela. Então a capela é ali, a igreja. Então desde o início da história, as mulheres têm esse protagonismo e eu costumo dizer que esse protagonismo é uma coisa nata. Quem me botou na luta? Quem me faz hoje ser liderança de Conceição das Crioulas? A gente não é ensinado, a gente é levado a estar. E isso para mim acontece de forma natural. Acontece naturalmente a gente vendo as outras mulheres, a gente vendo a vida comunal, como a gente percebe, já tá dentro. Então aqui em Conceição, não existe esse negócio de papel de mulher, de lugar com mulher até numa coisa que é predominantemente masculina, nós mulheres estamos bem à frente dos homens, que é a questão do futebol e do futsal. Hoje a gente, mais tarde, estou organizando recepção para as mulheres das mulheres da Conceição das Crioulas, que participaram da primeira Copa Estadual e consequentemente Nacional, mas consequentemente porque se classificaram

e foram as campeãs do Estadual aqui em Pernambuco e aí se classificaram para a Nacional, que aconteceu no Rio de Janeiro. Então, tem masculinos que se classificou? Não. Até no que é predominantemente masculino, a gente está na frente. E isso se reflete em todos os outros espaços ditos de poder. Por exemplo, a luta pelo território, nas nossas cinco escolas quilombolas, a presença masculina a gente tem dois, três homens que a maioria é sempre mulher, então é assim, Conceição das Crioulas é dessa forma”.

Q06 - R: “Todos. A gente faz de tudo, como eu já falei. A resposta é total interligada”.

Q07 - R: “Então, talvez isso a gente não perceba, não saiba, não tenha como medir, e também, talvez, não cai para mim dizer, mas é meio que aquela coisa. Talvez, se você perguntasse a outra pessoa, seria melhor dessa pessoa dizer. O que a gente faz, a gente está sempre na ativa, a gente está sempre na luta, contribuindo nas várias demandas que a comunidade tem. Então, eu procuro sempre estar à disposição de todas as lutas que a gente trava diariamente para contribuir. Então, eu penso que se a gente veio a esse mundo, no sentido de ajudar a melhorar a vida da gente e de outras pessoas, ajudar a melhorar a vida da comunidade, do espaço onde a gente vive, não tem muito sentido a nossa passagem aqui na terra. Então, estou tentando fazer a minha parte, nesse sentido”.

Q08- R: “Não, porque, como eu disse, isso acontece naturalmente. Talvez eu cite uma a de conciliar a vida pessoal com a militância.

Q09- R: “A mesma resposta anterior”.

Q10- R: “No quilombo todo mundo cuida de todo mundo. Tem a avó que ajuda, tem as tias que ajudam, tem as primas que ajudam, tem todo mundo que ajuda. Então eu estudo no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. E eu lembro que na primeira vez que eu tive que ir, né? Eu resolvi que

ia. Então eu recebi a mensagem de tudo quanto era jeito, no sentido de dizer Fabiana, eu posso ficar com teus filhos na semana. Eu posso fazer isso para ter filhos.

No sentido de que eu não desistisse, que eu fosse. Mas que eu não me preocupasse tanto com a situação deles que iam ficar no quilombo. Então aqui é muito isso, né? Eu, a semana passada eu viajei. Tenho uma menina que de manhã deixava-me acordar um tarde.

E a tarde ia para a escola e a noite a menina ficava com eles, né? Então assim, a gente sempre encontra, dentro do próprio quilombo, as soluções para que a gente possa fazer essa conciliação”.

Q11- R: “Acho que a principal iniciativa está sempre no esporte. É contribuído, né? Eu sou professora de quilombola. Então as coisas estão ligadas mais na área da educação, a gente desenvolve atividades de formações específicas. Eu dentro da AQCC. Estou ligada também à comissão de educação, onde a gente faz os jornais. Na questão do esporte, eu não posso mais jogar bola, por isso que eu não estou olhando para você, porque eu só olho reto. Eu tenho a cirurgia na cervical, e o meu pescoço tem ferros que ligam a metade do pescoço à metade da cabeça, então ele não dobra, ele não faz o movimento de olhar, então eu só olho para você e você me virar toda, E aí eu não posso mais jogar bola, mas sempre que eu posso estar contribuindo, eu contribuo da forma que dá, então eu gosto muito dessa área de esporte. Eu lamento muito não poder mais jogar, mas agradeço mais do que lamento. Eu agradeço a Deus por ter me dado a oportunidade de me deixar viva, depois de ter quebrado o pescoço. E eu acho que a principal iniciativa é a gente estar sempre à disposição de ajudar no que precisar”.

Q12- R:

Figura 45 - Desenho FV



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

ENTREVISTA QUADRO 02 MLS

Q01- R: “Para mim significa um lugar de força”.

Q02- R: “Significa raízes. Significa luta, né? Pertencimento”.

Q03- R: “Eu percebo uma paisagem bonita e necessária de mais aprofundamento, de mais recomposição de plantas, de coisas que estão faltando na terra”.

Q04- R: “A minha caminhada, o meu lugar é a roça. Gosto muito da roça. Sou agricultora desde os sete anos, acho que a gente vai começando e já vai logo trabalhando. Mas a fins de questões jurídicas, a gente disse que é de 16 anos, né? Mas logo novinha, pequena, a gente sempre já foi para a roça, né? Trabalhar na roça. As pessoas me encontram mais na roça. Daqui de casa para a roça”.

Q05- R: “A gente tem muitas coisas que significam papéis. E a gente, de tanta necessidade, a gente até temos grupos que é direcionados, um grupo que discute o papel da escola, do movimento de mulheres trabalhadoras rurais, as idosas, né? E questão das mulheres mesmo”.

Q06- R: “O papel das lideranças é socializar. Socializar com as pessoas mais pobres, com as mulheres, porque a ideia é que a nossa história não tenha fragmentos”.

Q07- R: “Eu já tenho visto na comunidade que eu sou uma pessoa que quando jovem eu sofri muito pela questão do meu cabelo. A sociedade dizia que se eu quisesse ser uma menina bonita, eu teria que alisar meus cabelos. E aí quando decidi ter a minha autoestima, já vi muitas meninas na comunidade dizerem que se espelham em mim, por conta que hoje eu já tenho pessoas que

usam o cabelo bem grandão, bem altão, usam o cabelo da forma que quer, sem ser, por conta que a sociedade dite. Ainda que alise o cabelo num momento, mas não é pra ficar permanente ou pra ser bonita. Então eu acho muito bom”.

Q08- R: “É complexo essa daí porque liderança alguém não diz, olha, você vai ser a liderança daqui, né? Mas a gente vai construindo, vai tendo a defesa pelas coisas da nossa comunidade e daqui a pouco não é você que diz, eu sou uma liderança, mas alguém diz, eu quero falar com uma pessoa da comunidade, uma liderança, aí alguém vai e indica”.

Q09- R: “Eu acho que eu não senti não. Não, porque sempre a gente aqui em todas as coisas assim em relação a fazer uma visita pelas localidades que nós temos, quem pode ir lá fazer essa visita nesse espaço? Ah Lurdinha, Lurdinha vai, Lurdinha gosta disso, da roça, Lurdinha gosta disso. Então assim, eu acho que é uma coisa que as pessoas verem, que não é eu que digo, eu sou uma liderança nessa área, mas as pessoas indicam”.

Q10- R: “É uma das coisas que a gente, por exemplo, eu me disponho a liderar, sei uma pessoa que tem uma liderança na comunidade, mas tem coisas que por parte da, eu me envolvo também pela questão política partidária, aí eu percebo uma dificuldade nessa área. De muitas pessoas da comunidade nessa posição ainda não percebem a necessidade de alguém na câmara de vereador ou outra coisa assim. Então nessa área a gente ainda é muito fraco”.

Q11- R: “Eu já me dispus a fazer formação, porque a formação ela é uma das coisas que ela não tem data. Eu vou fazer uma formação porque eu preciso que amanhã as pessoas estejam compreendendo, porque elas podem compreender até o momento que eu esteja falando, ou quem sabe quando já tiver até ido, tiver até morrido, mas alguém vai lembrar daquela formação que foi dada, e quem sabe até as pessoas perceberem essa posição. Eu faço oficinas de artesanato, faço oficinas, faço palestras também, que as pessoas da escola me chamam para fazer palestras na escola. Cedo meu espaço na roça para as professoras irem lá, tanto com seus estudantes como grupos que estudam, e os pesquisadores também vão me ajudar muito na localidade”.

Q12- R:

Figura 46 - Desenho MLS



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

ENTREVISTA QUADRO 03 ACMS

Q01- R: “Lugar de luta e resistência, feminina, principalmente”.

Q02- R: “Orgulho e resistência feminina”.

Q03- R: “Então, no momento até estamos no projeto que tá ligado até isso mesmo, que é o recaatingamento nosso território. Então, no momento está bem judiado, mas estamos recaatingando, restaurando o nosso território. Tá judiado, porém a gente tá correndo atrás disso e estamos resgatando”.

Q04- R: “Então, no quilombo eu sou agente de sustentabilidade. Tô nesse trabalho de recaatingamento da nossa comunidade. Então eu estou numa posição no qual eu tenho uma missão não só de sustentar o nosso ambiente, a mata, mas também a história da nossa comunidade. Então eu me encontro nesse meio, né, com essa missão de sustentar o ambiente, a mata e também a história da comunidade. Eu estudo em Salgueiro, faço curso, então eu vou a Salgueiro, vou pra Roça, onde a gente faz esse trabalho de trabalho com mudas, que é da caatinga, da comunidade da região. Cuido dos meus filhos, eu tenho três filhos. Então minha rotina é essa, vou a Salgueiro, estudo, volto, vou pra Roça, vou pra casa. Tem uns dias, tem, digamos, são horas que são feitas lá, então, digamos, vou três vezes na semana”.

Q05- R: “O papel das mulheres aqui em Conceição, desde o início da história, no meu ponto de vista, foi de construir a comunidade. É uma comunidade que as mulheres são protagonistas e elas vêm com essa força desde o início. Então o papel da mulher aqui em Conceição, o papel de luta, o papel de protagonista, o papel de resistência, então o papel delas aqui é de tentar transformar a comunidade e buscando oportunidades também para as pessoas que estão aqui, então, para todas as mulheres aqui”.

Q06- R:

Figura 47 - Desenho ACMS



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

ENTREVISTA QUADRO 03 TM

Q01- R: “Luta, resistência, autoridade, autonomia de ir e vir”.

Q02- R: “Pertencer significa dizer que a história continua, mesmo com tantos desafios, com tantas idas e vindas, mas sempre ao chegar no quilombo a gente pertence e a gente continua a nossa história”.

Q03- R: “Um mundo muito difícil, acredito que viver fora daqui é difícil”.

Q04- R: “É uma rotina muito puxada, mas muito produtiva. Eu acompanho minhas filhas na creche, depois trabalho, porque meu trabalho é de 7:30 as 17:00 horas, e depois do trabalho eu dedico o horário da noite mais à minha família, minha mãe e meus irmãos estão com eles, é

estar com eles, e no fim de semana também é dedicado a eles. Aqui é tudo perto, por isso que pelo fato de ser próximo a gente convive mais”.

Q05- R: “O papel das mulheres, acredito que é de cuidar de cada pessoa que a gente ama, é dizer que a mulher sempre tem seus objetivos, tem seu caminho a trilhar, mas sempre sem diferença, e sim com o intuito de estar sempre fortalecendo”.

Q06- R:

Figura 48 - Desenho TM



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

ENTREVISTA QUADRO 03 JVO

Q01- R: “Para mim, eu acho que é um espaço sagrado mesmo, né? Um espaço sagrado que aí a gente tem nossa ancestralidade firmada, né? Porque a gente até costumava dizer quando a gente fazia alguns trabalhos de concessão pública dentro da comunidade que o espaço de Conceição é sagrado porque poderia ter qualquer outro espaço, né? Diferente do MST, que, ah, eu quero uma terra, né? MST sempre busca isso, as políticas públicas. Mas já as quilombolas não é qualquer terra. É aquela terra, né? É aquela terra onde viveram nossos antepassados, que lutaram para estarem aqui nesse espaço, né? E um espaço onde conseguiu desenvolver a comunidade. Eu acredito que seja uma comunidade bem desenvolvida, a nossa comunidade, né? A partir dela a gente pode ter a nossa geração de renda, que a gente consegue criar muito sustento daqui. Algumas pessoas, através do artesanato, da agricultura e da subsistência, também utilizam esse espaço, né?”.

Q02- R: “Deixa eu organizar minhas ideias. Eu acho que pertencer a esse espaço, a essa comunidade, eu acho que é um sentimento de orgulho. Porque a partir daí que a gente tem essa reafirmação da nossa identidade, né? Eu sou daqui da comunidade, né? Minha família toda está aqui nessa região, mas a gente... Eu não nasci aqui, né? Por alguns anos eu morei na cidade. E eu acho que quando eu estava na cidade eu acho que eu me sentia um pouco estranha. Nasci em Salgueiro, a gente passou dez anos em Salgueiro. E quando minha avó até... Quando minha mãe dizia que ia vir pra cá, né? A minha avó dizia não, não as meninas se acostuma lá não, não se acostuma não. Ficar dizendo coisa. E minha mãe passou por situação difícil, teve que levar a gente pra Petrolina. A gente morou seis meses em Petrolina. Lá foi pior ainda, né? Ai mainha falou, vou voltar pra minha comunidade. Minha avó sempre dizia, não se acostuma lá não, não se acostuma lá não, né? E hoje eu agradeço a Deus e a minha mãe por ela até trazendo a gente de volta pra cá. Eu gostava muito de vir pra cá, mas a questão de se identificar, a gente se valorizar pelo que a gente é, né? Nossa identidade, nossa cultura. Não tinha. Nossa cidade não tem, né? E por isso que eu digo, eu agradeço a minha mãe por a minha mãe ter trazido a gente pra cá. Porque foi a partir daqui que a gente ficou de sentir essa presença da nossa ancestralidade. E hoje eu posso dizer aos meus filhos, e eles já se reconhecem, se valorizam, se identificam com a comunidade, né? E valoriza cada espaço que tem aqui, né? Eu acho que é isso, esse pertencimento. Sabe que eu sou descendência de um povo que teve sua identidade, sua cultura valorizada e reafirmada, e reafirma até hoje”.

Q03- R: “Eu acho lindo. Eu acho lindo, lindo nosso espaço, né? Nossos locais de referência natural que a gente tem aqui, né? A Pedra preta, a Pedra da mão, né? Saber que a gente, dentro dessa comunidade, a gente tem grandes riquezas no que diz respeito a essa questão, né? A questão de fósseis, de pinturas rupestres, né? Mirantes, né? A gente só se entristece por conta que muitos de nós não têm a consciência, né? E acabam destruindo, né? Estão destruindo infelizmente a nossa vegetação, né? Tentando... Achando que é uma forma de gerar renda, mas que é a curto prazo. E que infelizmente a natureza, pra poder se recuperar, vai demorar um pouquinho mais, né? Porque muitos estão tirando pra carvão, pra lenha, pra essas coisas, esse tipo, né? Mas, assim, a riqueza da nossa comunidade é calculável, né? Fazer um percurso aqui pelo buraco dos ossos pra chegar na pedra preta é muito lindo. Lindo, lindo mesmo, né? A gente consegue ver o território, as serras, as serras que eu acho lindas, é linda, né? Outros espaços que a gente tem, a Serra das Princesas, que são marcos do nosso território, né? Porque além da paisagem em si, são paisagens que marcam o território, o quilombo da comunidade, né? É lindo demais, eu acho”.

Q04- R:

Q05- R: “Eu acredito que, assim, a comunidade, ela... Tem isso, mas é mais assim, elas são bem unidas. E muitas das coisas, eu acho que acontecem quando e por conta que as mulheres são uma iniciativa, não é? Não que os homens não façam, mas a gente vai analisar aqui alguns fatos importantes que aconteceram na nossa comunidade, que foi as mulheres que puxaram, não é? Se não fosse a iniciativa. Se não fosse a iniciativa das mulheres, não sei como seria feito. Pode até ter feito, mas... Ou mais tarde, ou de outra forma. Mas a gente vê que o papel da mulher é essa de tomar iniciativa, não é? Tipo, a construção da Vila União, né? Foi as mulheres tomar iniciativa. A gente teve agora um mutirão para recuperar a barragem. Todo mundo olhava para a barragem, essa barragem tem que ajeitar, muita gente ia lá, tem que ajeitar, tem que ajeitar. Mas... Aí a coordenadora da equipe social tomou a frente e foi. Mas acho que o papel da mulher é tomar essa iniciativa, não é? Aqui dentro da comunidade, não é? E, assim, minha mãe que é a mãe da liderança daqui da comunidade, ela costuma dizer que não faz as coisas, eu não faço nada, eu não faço nada, eu não faço nada.

Não faz as coisas, eu não faço nada, eu não faço nada, não ajudo em nada. Por conta que ela sofreu um acidente e no momento ela está cadeirante, né? Ela costuma ter essa fala de mãe que é a que mais faz. Porque se não for mãe tomando a iniciativa, a gente não faz. A gente tem uma parte do território que foi conquistada e está cedida para a nossa família, que é para a agricultura e tudo mais. Se não for mãe para todo ano dizer que nós vamos botar uma roça, essa roça não sai, né? E é porque eu tenho o meu marido, minha irmã tem o marido dela, minha mãe tem o marido dela, mas se for depender desses homens e de nós, nós não queríamos comer um caroço de feijão da roça. A gente só come o caroço de feijão e passa o ano todo comendo esses caroços de feijão, porque é amanhã que toma a iniciativa mesmo, né? Então eu acho que esse papel de tomar a iniciativa tem muito a ver com a mulher, com a comunidade e a educação também. A gente vai analisar as lutas pela educação aqui. É puxado pelas mulheres, né?”.

Q05- R:

Figura 49 - Desenho JVO



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

ENTREVISTA QUADRO 03 E

Q01- R: “O quilombo de Conceição pra mim é... Na verdade é tudo, assim porque eu costumo dizer que... Eu não nasci quilombola, eu me tornei quilombola. Porque assim, eu nasci e me criei aqui só que antigamente eu não tinha a percepção de pertencimento, né? Do nosso quilombo Era tudo muito solta, onde vinha professores de fora, brancos ensinarem a gente, e que na segunda-feira não tinha aula porque não chegavam, toda aquela situação. E aí, eu estudei aqui até a quarta série, fiquei repetindo uns três anos, depois fui estudar em Salgueiro até o nono ano, no caso no tempo era até a oitava série, né? E aí fui estudar lá, mas eu sempre... Tanto era que eu estudava lá de segunda a sexta e eu sabia que tinha que vir pra cá, tinha que vir pra cá porque eu sempre tive um amor muito grande por esse lugar, e aí, quando... em 2000 e... Em noventa e nove eu me formei, na verdade em noventa e oito, em noventa e nove eu comecei a trabalhar aqui ficou me dando a lecionar aqui, e aí a partir daí eu fui valorizar o meu quilombo de fato, que é um quilombo, que é a nossa terra, o nosso pertencimento, é a nossa gente e aí eu fui valorizando cada vez mais o espaço que eu estou o espaço que eu estou, as pessoas que eu convivo. A gente foi de fato seguindo aquele pertencimento, aquele amor, aquele carinho que

a gente sentia, mas era pouco, mas aí a gente foi fortificando essa relação tanto com o ambiente, quanto com as pessoas cada vez mais conhecendo a nossa história, a nossa ancestralidade, e a partir daí foi crescendo. Então é algo muito grande pra mim, a minha vida na verdade, eu não penso... aí eu comecei a trabalhar em noventa e nove, eu casei aqui e aí fui trabalhando com contrato. Quando foi em 2008, eu passei no Concurso do Estado, e aí foi a melhor coisa da minha vida, porque era um sonho. Era um sonho porque eu tinha muita vontade de passar no concurso, também por a estabilidade, mas também pra me sentir... Pra sentir que eu não precisava sair daqui, entendeu? Porque com a minha estabilidade aí eu tive uma certeza que eu podia me construir aqui no meu lugar, me casar, ter meus filhos, eu podia ficar aqui porque aqui eu tinha como sobreviver, entendeu? Então é algo muito grande, acho que é indescritível”.

Q02- R: “Então é dentro tudo que eu falei, né? Pertencer ao quilombo é isso, é nossas raízes. É você olhar pra um aluno e você... Você vê numa escola dessa, nossa escola é uma escola que a gente recebe o branco, o negro, o índio, o assentado. A gente recebe tudo com o mesmo carinho, com o mesmo amor, sendo que também, além da gente ter, da gente receber, a gente também vê em cada o carinha daquela, um parentesco, um parentesco mesmo, porque quando você vai pra sua ancestralidade você vê, ah, era parente do meu pai, da minha mãe, do avô da minha mãe, e também você vê o carinho deles com a gente. Graças a Deus a gente consegue despertar esse sentimento gostoso de carinho, de afeto, não é aquela coisa técnica de professor aluno de secretária aluno, não, aquela coisa gostosa, o aluno chega até você e aí consegue conversar com você, consegue falar do seu problema. Se o aluno tá com eu, eu costumo ficar aqui...eu sempre gosto de dizer que, assim, eu me identifiquei muito como secretária porque, assim, sala de aula, eu me, eu estava ali na minha sala, sabe, e aqui na secretaria, eu vejo a escola como um todo, e eu acredito que eu posso ajudar até mais, porque eu fico observando, se eu ver um aluno sentado ali, é alguma coisa que tá errada com ele. E aí a gente fica feliz, porque a gente chega até ele e ele consegue conversar com a gente, a gente consegue entender ele, e até procurar resolver aquele problema que ele tá com ele, psicológico, às vezes na secretaria, e conversa com você e chora, tá com uma dor e aí desabafa com você porque ele não quis dizer pro professor que tá em sala de aula, não quis dizer pro colega e simplesmente se afastou, saiu da sala, e aí a gente consegue chegar até as coisinhas pequenininhas, entendeu? Então é muito bom e eu comecei em 98, no ano que eu me formei, Salgueiro, porque quando a gente faz magistério a gente estagia na sala, né? E aí eu sempre gostei muito dessa área de educação, quando eu comecei a trabalhar lá, eu não cheguei nem a estagiar, no primeiro dia eu me dediquei tanto na sala de aula que a professora ficou maravilhada com a dedicação, porque eu sempre digo que tudo que a gente vai fazer a gente tem que dar o melhor independente do que seja, né? Você tem que dar

o seu melhor ali naquele momento, porque é seu nome que vai ficar ali, eu sempre levo isso comigo. E aí essa professora já me convidou a tirar a licença dela, perguntou se eu tinha coragem, eu disse que tenho, tenho sim. E aí eu pude conhecer essa realidade, na cidade de Salgueiro, e pude conhecer a minha realidade assim, e é muito diferente porque assim eu fiquei na turma e dei de conta lá, mas aqui é melhor porque aquele monte de criança numa sala a gente não conhece, não sabe de onde ele veio, se é parente de quem, a gente não sabe, mas aqui a gente sabe, a gente consegue olhar para a Maria e saber que Maria é filha de fulaninho, saber que Maria é filha de fulano, Porque eu sei que eu conheço o que é sua mãe, eu conheço o teu pai e é aquela coisa. Então esse sentimento da questão do quilombo, é esse sentimento da gente realmente se sentir parte, porque era uma coisa que por exemplo eu não me sentia em salgueiro parte né, eu estava ali como profissional, estava dando o meu melhor obviamente, mas aqui a gente se sente parte, porque você fica feliz quando você consegue ajudar, quando tem um menino ali que você vai lá e você consegue chegar até ele, que você sabe o número do pai, você consegue ligar, “o que está acontecendo com o fulaninho?”, e aí você consegue ter um diálogo gostoso, “Ah, tu é filha de dona Mocinha, né? Ah é tu, que coisa boa, ave mulher como eu fiquei feliz”. Então essas coisinhas assim que faz com que o trabalho da gente seja cada vez melhor, o carinho da gente para com eles e deles receberem e também dar o retorno, muito bom”.

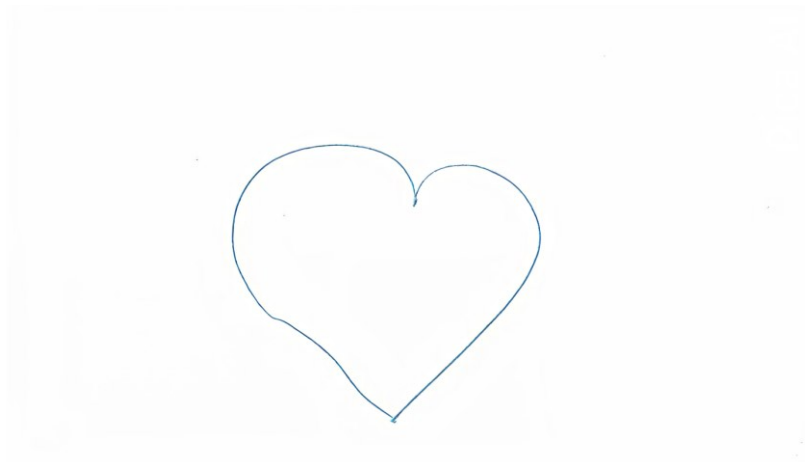
Q03- R: “A questão da paisagem eu gosto, sempre a gente mora num espaço sertão, muito seco, né? Mas a questão da paisagem em si é como no todo eu gosto, eu gosto dela porque a gente fica feliz quando a gente vê, tem toda essa seca de tudo mas aí quando chove a gente fica feliz, que vê ficando verdinho, vê o espaço onde a gente vê a alegria dos agricultores correndo para a roça para plantar, né? Para plantar, aí quando chega lá na roça tem toda aquela produção, agora mesmo deu uma chuvinha aí o povo corre tudo pra roça, “vamos ajeitar, tem toda aquela organização. Eu gosto da questão dos umbuzeiros, que é bastante forte a questão dos umbuzeiros aqui, quando vai começando a chover eles vão ficando florados, eu gosto desse espaço, eu estou muito feliz, é uma coisa que está me deixando muito feliz aqui em Conceição, porque você sabe quando a gente gosta de uma coisa, de um espaço a gente quer ver crescer, né? Quer ver ficar bonito, melhorar, é algo que está me deixando muito feliz essa questão aí das famílias estarem ganhando o direito de fazer sua casa, tantas pessoas vão dizer assim, vai morar com a mãe, arrumar a mulher, vai morar com a mãe porque não tem condição, então é algo que a gente sabe que vai ser bom para ele e vai ser bom para o lugar, porque o lugar vai ficar mais bonito, vai crescer, vai ficar com a paisagem mais bonita, não é?”.

Q04- R: “Na verdade, eu sempre costumo dizer, eu sempre costumo dizer que eu vou em casa e só dormir, de segunda a sexta. Porque eu tenho minha rotina, né? Quando amanhece, eu cuido das minhas coisas lá, e aí eu sempre digo em casa, quando eu saio eu demoro a sair, mas quando eu saio também não tem hora para voltar não, se for para voltar dez horas da noite, está tudo certo. Mas aí eu venho, estou lá, percorro o tráfego, venho a pé, às vezes vem de moto, de bicicleta. Agora está uma bênção porque tem que ter um calçamento até chegar aqui, e aí chega aqui por aqui, fico até a hora que dá uma amenizada nos serviços. Minha filha, eu nunca consegui tirar o mês de férias, tu acredita? Esse ano eu bati o recorde, tirei duas semanas, tirei duas semanas, na terceira eu já voltei, porque eu sempre tenho muito serviço, mas é porque eu gosto”.

Q05- R: “Ah, as mulheres aqui... O que falar das mulheres? A gente tem crescido bastante, por exemplo, nessa escola aqui a gente tem a diretora, eu sou a secretária, e de seis professores, um é homem, cinco são mulheres, aí temos duas meninas na limpeza, temos duas na cozinha. Resumindo, a gente tem quatro funcionários homens, tem um digitador, dois porteiros e um professor, os demais são todas mulheres. E na comunidade elas são muito empoderadas. Elas fazem bastante, é mulher muito criativa, mulheres daqui de Conceição é um orgulho. Agora mesmo a gente tem um time que desabou para Rio de Janeiro, joga, joga é jogando mesmo. Porque tem hora que a gente tem que saber, tem hora que é para ganhar e tem hora que é para perder, tem que ter a sabedoria, mas não ganharam porque não era para ganhar, mas as meninas são uma bênção. A gente tem o pessoal do artesanato, a gente também tem as escolas que as mulheres tomaram de conta, uma bênção, graças a Deus. A maioria é concursada, aqui na creche também tem um bocado, e a maioria é mulher. Agricultoras, elas estão assim, graças a Deus elas têm crescido bastante”.

Q06- R:

Figura 52 - Desenho E



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

ENTREVISTA QUADRO 03 MMO

Q01- R: “Acho que é um espaço de onde a gente pode lutar, perceber a questão das relações familiares, do respeito, e de como a gente pode se desenvolver, sonhar sem esse impacto tão grande da questão do racismo. Eu pelo menos percebo que a gente tem evoluído, principalmente pela questão da educação, e que a gente, nesse processo, consegue se desenvolver, desenvolver a comunidade sem essa questão de racismo que a gente passa fora daqui. Então eu acho que esse espaço aqui é um espaço que a gente é mais livre pra viver”.

Q02- R: “Acho que primeiro é uma questão de privilégio, porque a gente tem uma descendência de gente muito forte, de luta, de resistência. Que pra gente tem uma quantidade enorme de conhecimento e que lutou pra que essas gerações, pra que a gente existisse. A história da gente é marcada por luta de mulheres muito fortes, principalmente”.

Q03- R: “Embora eu seja professora, eu convivo aqui nesse espaço urbano do quilombo mas também tenho minha descendência na área indígena, então eu estou sempre nesse vai e vem, entre o quilombo e a parte indígena. E também aproveito o espaço de roça, também gosto muito de estar no roça, inclusive eu fiz muito quando eu era criança e ainda eu procuro tempo pra mim, que acho que é um pouquinho tanto a casa da minha mãe, da minha família, que é na área indígena, como o espaço da minha roça é um espaço de renovação, eu penso. Então eu envolvo muito os meus filhos, eu tenho três filhos eu levo eles pra roça tem uns que eles nem querem, mas eles vão quando querem voltar, e também a minha neta, que já foi pra esse espaço. A gente se identifica com esse espaço de roça e também o espaço da minha infância”.

Q04- R:

Q05- R: “Acho que tem um papel importante na questão da organização das lutas, principalmente na questão da educação”.

Q06- R:

Figura 51 - Desenho MMO



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

ENTREVISTA QUADRO 02 FMO

Q01- R: “Quilombo pra mim significa um povo forte, povo de resistência, que lutam pra conquistar as suas comunidades”.

Q02- R: “Significa pra mim a resistência”.

Q03- R: “Sobre a paisagem eu acho lindo, perfeito, né? Porque a gente vê a grandiosidade que Deus faz, né? E perceber essa natureza, esse ar que a gente respira sem tanta poluição, eu acho lindo”.

Q04- R: “Então, a minha rotina semanalmente, né? Eu trabalho, venho pro trabalho. Eu saio às vezes pra divertir um pouco com as amigas na comunidade mesmo. Tem um açaí ali, não sei se você percebeu. Aí eu gosto muito de ficar lá. Também vou pra igreja, que eu sou evangélica.

Ficar ali, embaixo do açaí, é tudo pertinho. Vou pra igreja, deixa eu ver... Gosto muito de dormir também depois que eu chego do trabalho”.

Q05- R: “Elas têm um papel muito importante na questão da luta, por o direito da comunidade, tanto na educação, direito às terras também. E elas exercem muito bem esse papel, né? Porque a gente pode ver desde a história, desde o surgimento de Conceição. Porque a história, ela tá ligada às mulheres, né? E foi as mulheres que tomaram a iniciativa de plantar algodão, vender e comprar as terras de Conceição”.

Q06- R: “É de garantir mesmo os direitos”.

Q07- R: “Deixa eu ver se eu já consigo identificar isso. Já. Quando eu vou representar a comunidade em alguma coisa, eu fico impactada. Porque é uma responsabilidade. É muito grande representar a comunidade. Eu que sou jovem, né? É uma responsabilidade”.

Q08- R: “Foi de estar nos espaços, né? Sim, foi de estar nos espaços. Não é só dizer vou entrar. Não é só entrar. Tem que ter personalidade, se vamos supor, como é que eu posso dizer? Dificuldade é estar à frente”.

Q09- R: “Não sinto tanta, não. Já estou me acostumando. Porque sempre eu estou com as mulheres na luta. Sinto tanto, não”.

Q10- R: “Me inspirar nas mulheres que já estão à frente há mais tempo”.

Q11- R: “Recente, não tão recente, eu faço parte do Crioulas Vídeo, que é um coletivo de comunicação. Então eu estou sempre à frente do coletivo de comunicação. E também no grupo da Comissão de Juventude, que aí eu também sou líder de juventude, que aí a gente se reúne, faz reuniões, encontros pra criar iniciativas pra comunidade e também pra juventude pra poder estar engajando mais jovens na luta”.

Q12- R:

Figura 54 - Desenho FMO



Fonte: Arquivo pessoal (2024)

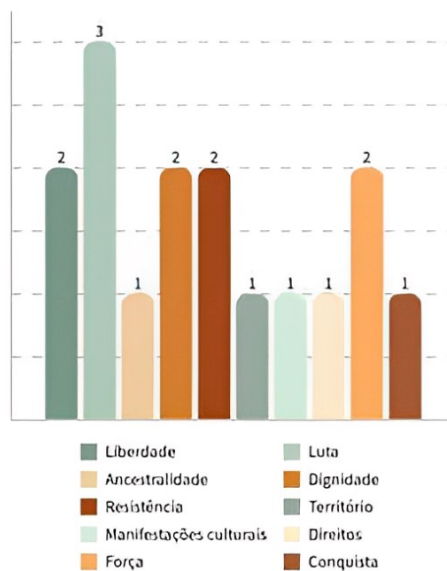
APÊNDICE C

Quadro 5 - Comparativo respostas Q01- Lideranças

Entrevistada	Palavras-chave
MAM	Liberdade, luta, ancestralidade, dignidade, resistência.
FV	Liberdade, luta, território, manifestações culturais, dignidade, direitos.
MLS	Força
FMO	Força, resistência, luta, conquista.

Fonte: Autoria própria (2024)

Gráfico 1 - O que significa Quilombo para você?- Lideranças



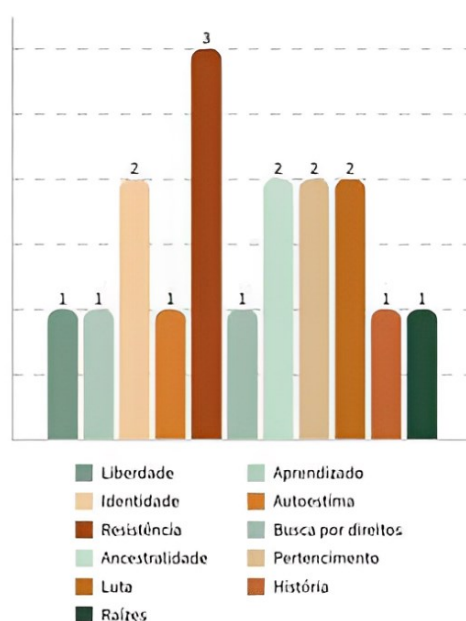
Fonte: Autoria própria (2024)

Quadro 6 - Comparativo respostas Q02- Lideranças

Entrevistada	Palavras-chave
MAM	Liberdade, aprendizado, identidade, autoestima, resistência, busca por direitos, ancestralidade.
FV	Pertencimento, ancestralidade, luta, resistência, história, identidade quilombola.
MLS	Raizes, luta, pertencimento.
FMO	Resistência.

Fonte: Autoria própria (2024)

Gráfico 9 - O que significa pertencer ao quilombo?- Lideranças



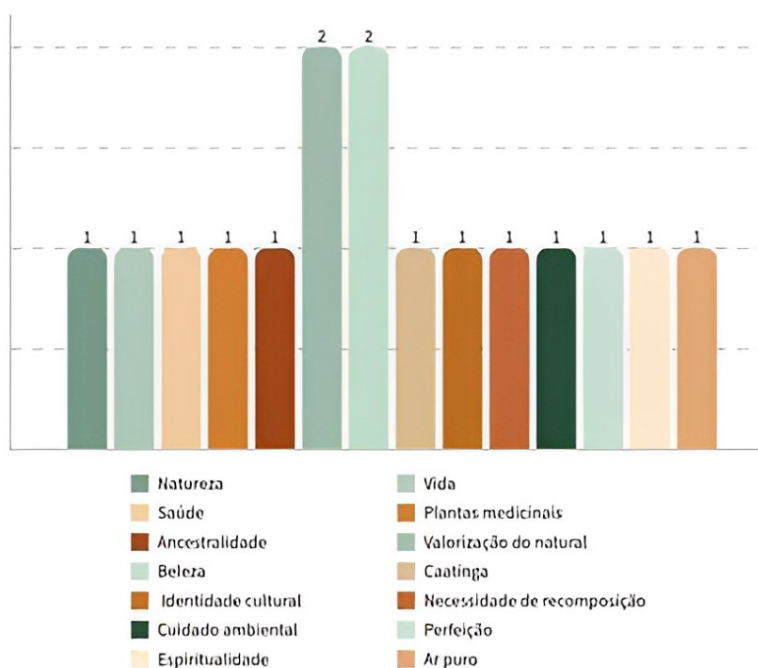
Fonte: Autoria própria (2024)

Quadro 7 - Comparativo respostas Q03- Lideranças

Entrevistada	Palavras-chave
MAM	Natureza, vida, saúde, plantas medicinais, ancestralidade, valorização do natural.
FV	Beleza, valorização da vegetação local, caatinga, identidade cultural.
MLS	Beleza, necessidade de recomposição, cuidado ambiental.
FMO	Beleza, perfeição, espiritualidade, conexão com Deus, ar puro.

Fonte: Autoria própria (2024)

Gráfico 10 - Como você percebe a paisagem à sua volta?- Lideranças



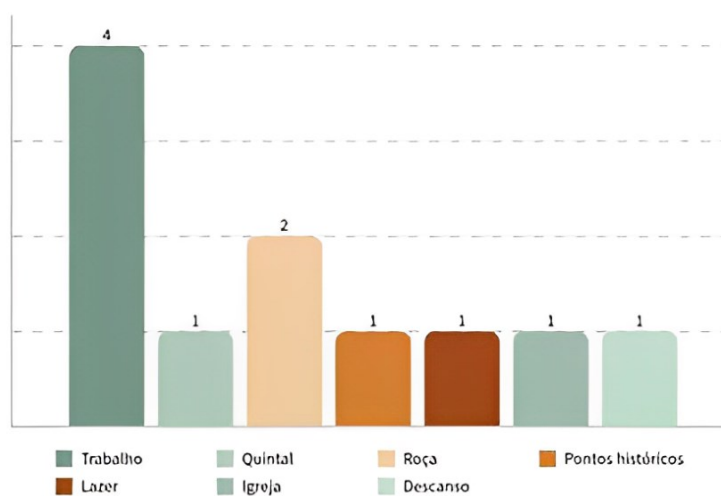
Fonte: Autoria própria (2024)

Quadro 8 - Comparativo respostas Q04- Lideranças

Entrevistada	Palavras-chave
MAM	Trabalho, quintal e roça.
FV	Trabalho e pontos históricos.
MLS	Trabalho e roça.
FMO	Trabalho, lazer, igreja e descanso.

Fonte: Autoria própria (2024)

Gráfico 6 - Como você se relaciona com o espaço? Qual sua rotina? Que caminhos você percorre?- Lideranças



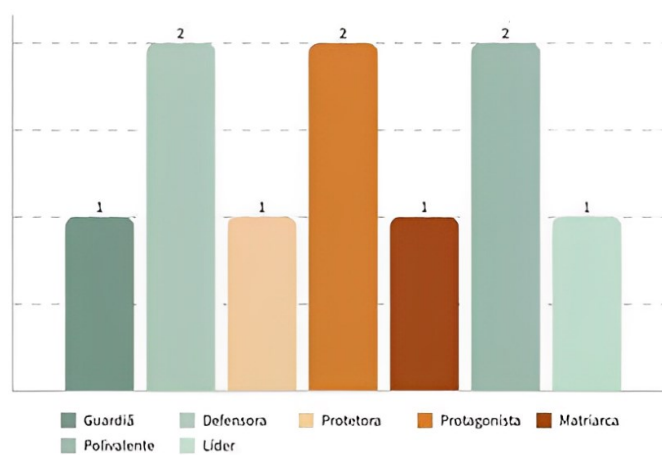
Fonte: Autoria própria (2024)

Quadro 9 - Comparativo respostas Q05- Lideranças

Entrevistada	Palavras-chave
MAM	Guardiãs, defensoras, protetoras, cuidadoras, protagonistas.
FV	Matriarca, protagonista, polivalente, líder.
MLS	Polivalente.
FMO	Defensora, protagonista.

Fonte: Autoria própria (2024)

Gráfico 11 - Qual o papel das mulheres dentro do quilombo?- Lideranças



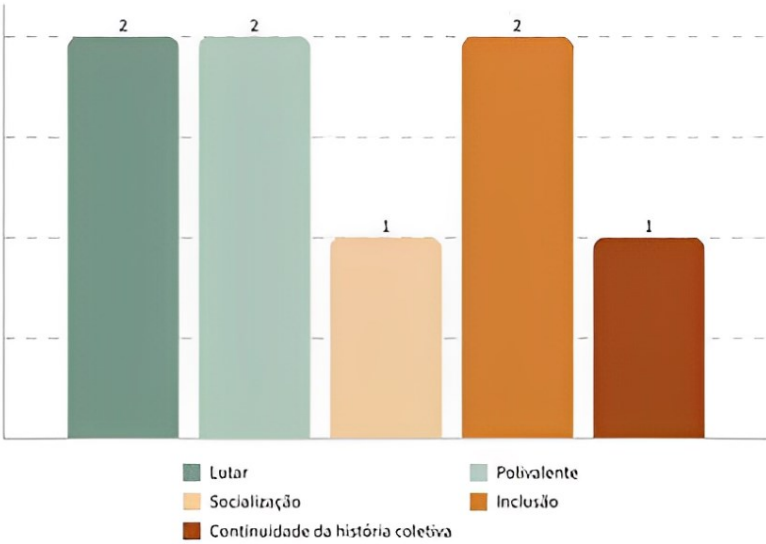
Fonte: Autoria própria (2024)

Quadro 10 - Comparativo respostas Q06- Lideranças

Entrevistada	Palavras-chave
MAM	Lutar.
FV	Polivalente.
MLS	Socialização, inclusão, continuidade da história coletiva.
FMO	Lutar.

Fonte: Autoria própria (2024)

Gráfico 7- Qual o papel das lideranças femininas dentro do quilombo?- Lideranças



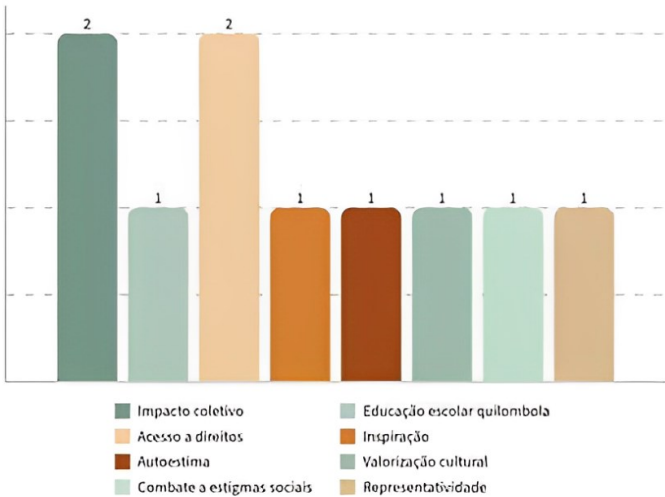
Fonte: Autoria própria (2024)

Quadro 11 - Comparativo respostas Q07- Lideranças

Entrevistada	Palavras-chave
MAM	Impacto coletivo, educação escolar quilombola, acesso a direitos.
FV	Acesso a direitos.
MLS	Inspiração, autoestima, valorização cultural, combate a estigmas sociais.
FMO	Representatividade e impacto coletivo.

Fonte: Autoria própria (2024)

Gráfico 8- Qual impacto que sua posição de liderança causa na comunidade?- Lideranças



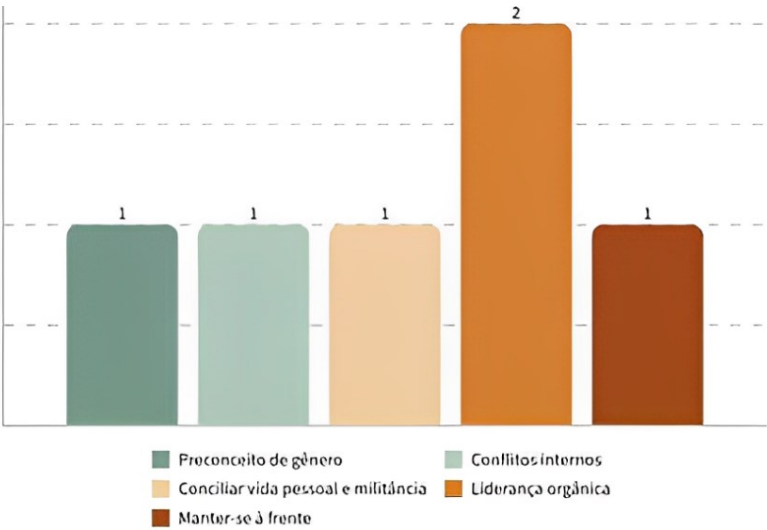
Fonte: Autoria própria (2024)

Quadro 12 - Comparativo respostas Q08- Lideranças

Entrevistada	Palavras-chave
MAM	Preconceito de gênero e conflitos internos
FV	Conciliar vida pessoal e militância, Liderança orgânica
MLS	Liderança orgânica.
FMO	Manter-se à frente.

Fonte: Autoria própria (2024)

Gráfico 12 - Quais dificuldades você encontrou para chegar nessa posição?- Lideranças



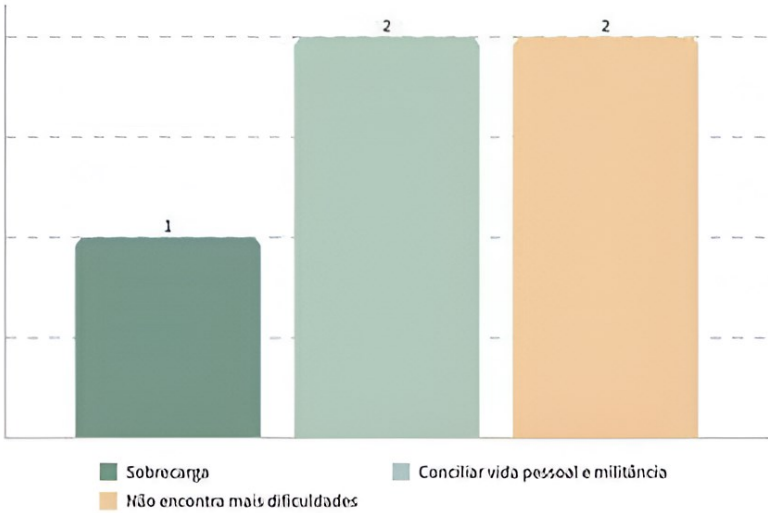
Fonte: Autoria própria (2024)

Quadro 13 - Comparativo respostas Q09- Lideranças

Entrevistada	Palavras-chave
MAM	Sobrecarga de conciliar vida pessoal e militância
FV	Conciliar vida pessoal e militância.
MLS	Não encontra mais dificuldades.
FMO	Não encontra mais dificuldades.

Fonte: Autoria própria (2024)

Gráfico 13 - Quais dificuldades você encontra ao exercer o papel de líder?- Lideranças



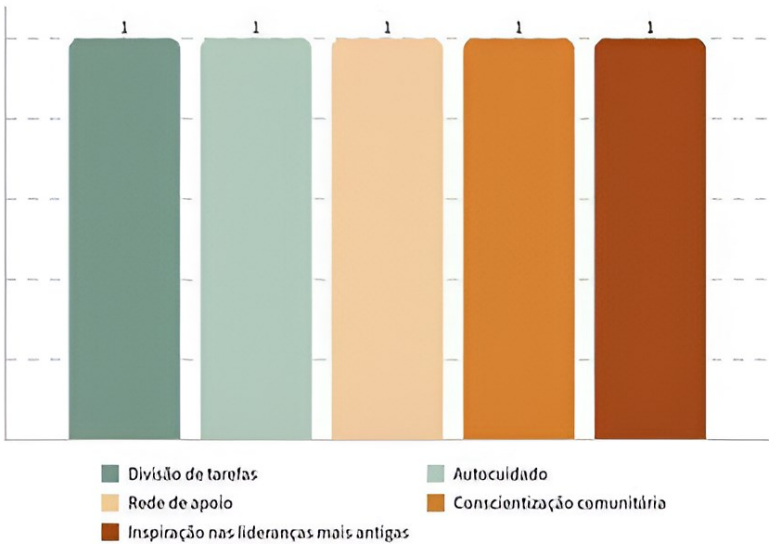
Fonte: Autoria própria (2024)

Quadro 14 - Comparativo respostas Q10- Lideranças

Entrevistada	Palavras-chave
MAM	Divisão de tarefas, autocuidado.
FV	Rede de apoio.
MLS	Conscientização comunitária.
FMO	Inspiração em lideranças experientes.

Fonte: Autoria própria (2024)

Gráfico 14 - Que maneiras você busca para superar as dificuldades encontradas?- Lideranças



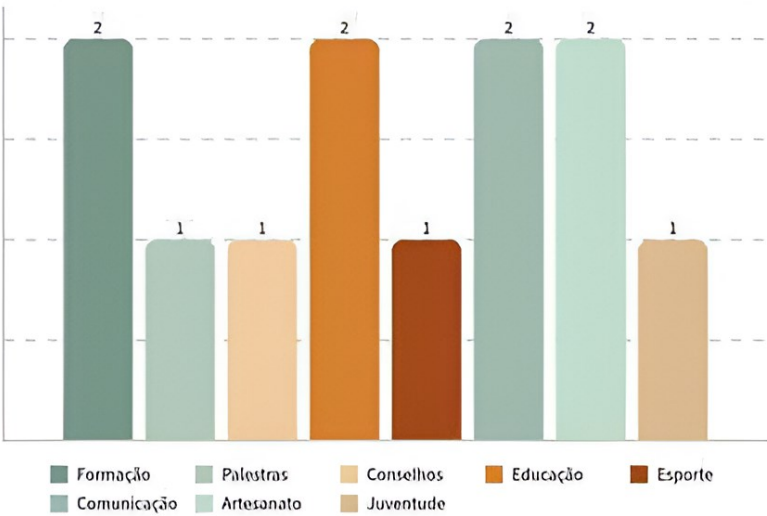
Fonte: Autoria própria (2024)

Quadro 15 - Comparativo respostas Q11- Lideranças

Entrevistada	Palavras-chave
MAM	Formação, palestras, parcerias, conselhos.
FV	Educação, esporte, comunicação.
MLS	Educação, artesanato, formação.
FMO	Comunicação, juventude.

Fonte: Autoria própria (2024)

Gráfico 15 - Quais iniciativas você desenvolve?- Lideranças



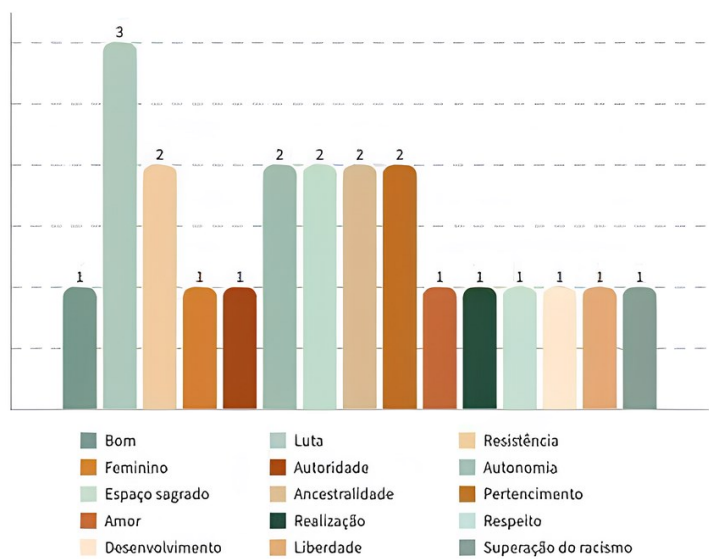
Fonte: Autoria própria (2024)

Quadro 16- Comparativo respostas Q01- mulheres em geral

Entrevistada	Palavras-chave
MM	Bom.
ACMS	Luta, resistência, feminino.
TM	Luta, resistência, autoridade, autonomia.
J	Espaço sagrado, ancestralidade, pertencimento.
E	Pertencimento, amor, ancestralidade, realização.
MMO	Luta, respeito, desenvolvimento, liberdade, superação do racismo.

Fonte: Autoria própria (2024)

Gráfico 1 - O que significa quilombo para você?- mulheres em geral



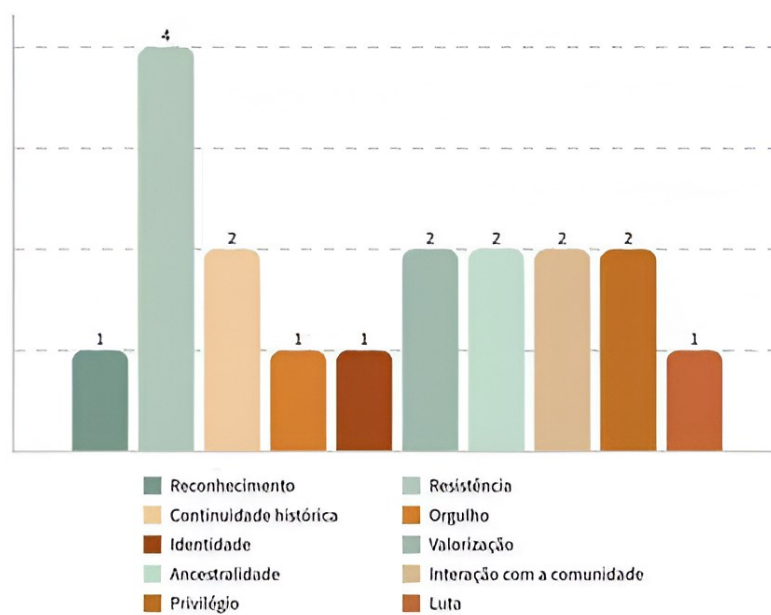
Fonte: Autoria própria (2024)

Quadro 17 - Comparativo respostas Q02- mulheres em geral

Entrevistada	Palavras-chave
MM	Reconhecimento
ACMS	Resistência.
TM	Continuidade histórica.
J	Orgulho, continuidade histórica, identidade, valorização, ancestralidade.
E	Interação com a comunidade.
MMO	Privilegio, luta e resistência.

Fonte: Autoria própria (2024)

Gráfico 16 - O que significa pertencer ao quilombo?- mulheres em geral



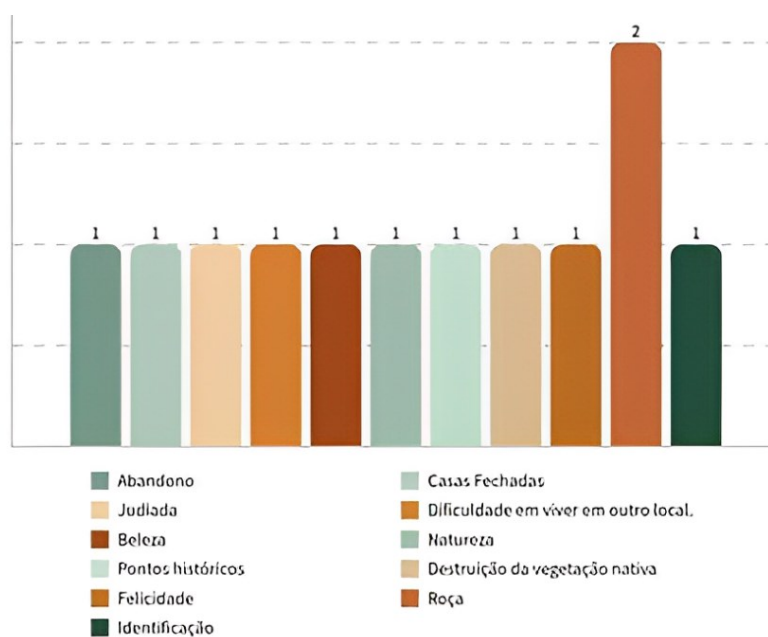
Fonte: Autoria própria (2024)

Quadro 18 - Comparativo respostas Q03- mulheres em geral

Entrevistada	Palavras-chave
MM	Abandono, casas fechadas.
ACMS	Judiada.
TM	Difícil viver fora daqui.
J	Beleza, natureza, pontos históricos, destruição da vegetação nativa.
E	Felicidade, roça.
MMO	Roça, identificação.

Fonte: Autoria própria (2024)

Gráfico 4- Como você percebe a paisagem a sua volta?- mulheres em geral



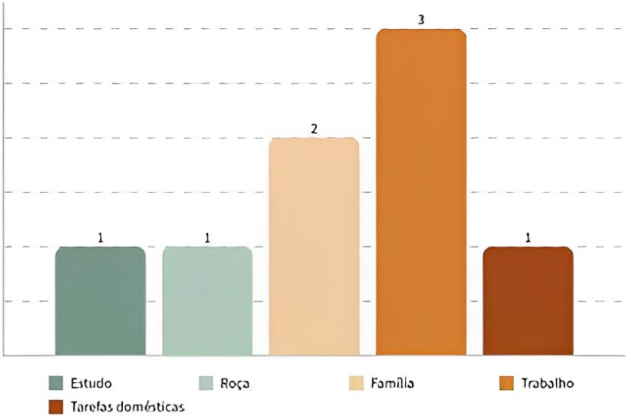
Fonte: Autoria própria (2024)

Quadro 19 - Comparativo respostas Q04- mulheres em geral

Entrevistada	Palavras-chave
MM	Família, reuniões.
ACMS	Estudo, roça, família, trabalho.
TM	Família, trabalho.
J	
E	Tarefas domésticas, trabalho.
MMO	

Fonte: Autoria própria (2024)

Gráfico 5 - Como você se relaciona com o espaço? Qual sua rotina? Que caminhos você percorre?- mulheres em geral



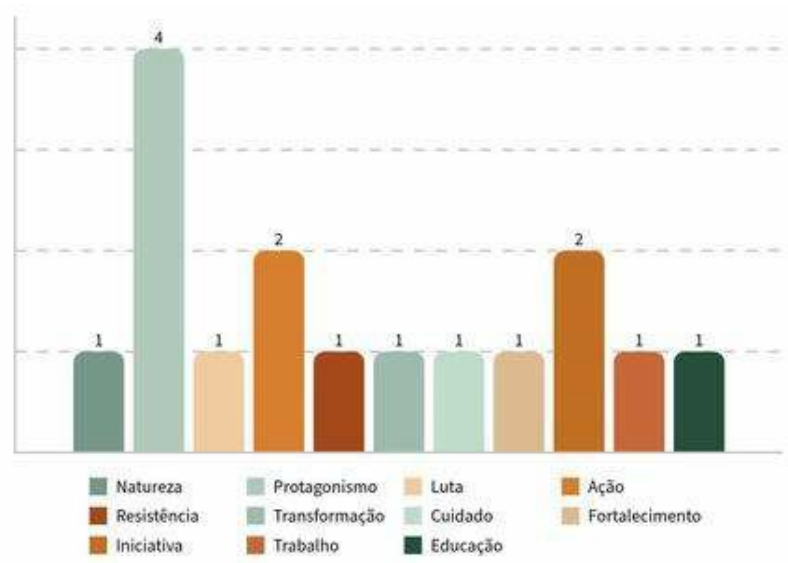
Fonte: Autoria própria (2024)

Quadro 19 - Comparativo respostas Q05- mulheres em geral

Entrevistada	Palavras-chave
MM	Protagonismo, luta, ação.
ACMS	Protagonismo, resistência, transformação.
TM	Cuidado, fortalecimento.
J	Protagonismo, ação, iniciativa.
E	Protagonismo, trabalho.
MMO	Iniciativa, educação.

Fonte: Autoria própria (2024)

Gráfico 16- Qual o papel das mulheres dentro do quilombo?- mulheres em geral



Fonte: Autoria própria (2024)

ANEXO A: Autorização de uso do mapa Thiago José Lima Rosa

DECLARAÇÃO DE CESSÃO DE DIREITOS DE USO

Eu, [REDACTED], portador do título de Engenheiro Ambiental e Sanitarista, CREA nº [REDACTED] e-mail [REDACTED], declaro por meio desta que cedo os direitos de uso do mapa elaborado por mim, intitulado "Mapa de Localização do Distrito de Conceição das Crioulas, Salgueiro - Pernambuco", à discente **Maria Vitória Freire de Souza Bezerra**, regularmente matriculada no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

A presente cessão de direitos é feita exclusivamente para fins acadêmicos, destinando-se à utilização no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da referida discente, intitulado "MEU QUILOMBO: Territorialidade feminina em Conceição das Crioulas/PE em perspectiva decolonial". Ressalta-se que a cessão de direitos não abrange o uso comercial do material, tampouco a transferência a terceiros sem prévia autorização por escrito do autor.

Declaro ainda que a autoria do mapa deve ser devidamente mencionada em qualquer utilização no âmbito do TCC, respeitando os direitos autorais e éticos.

Por ser expressão da verdade, firmo a presente declaração.

Salgueiro/PE, 01 de Abril de 2025.

[REDACTED]
Engenheiro Ambiental e Sanitarista
CREA: [REDACTED]
2025.04.01 13:14:55-03'00'

[REDACTED]
Engenheiro Ambiental e Sanitarista, CREA-PE nº [REDACTED]
E-mail: [REDACTED]

ANEXO B: Autorização de uso dos mapas Next Soluções e Consultoria



TERMO DE CONSENTIMENTO DE USO DE MAPAS

Salgueiro, Pernambuco, 16 de Janeiro de 2025

Página | 1

CEDENTE:

NEXT SOLUÇÕES E CONSULTORIA LTDA, inscrita no CNPJ sob o nº [REDACTED], com sede em [REDACTED] representada neste ato por [REDACTED] brasileira, solteira, Advogada, com OAB/PE [REDACTED], portador(a) do CPF nº [REDACTED] RG nº [REDACTED].

CESSIONÁRIA:

[REDACTED], brasileira, solteira, estudante, inscrita no CPF sob o nº [REDACTED] RG nº [REDACTED] residente e domiciliado(a) em [REDACTED].

OBJETO DO TERMO:

Este termo regula as condições de autorização concedida pela Cedente à Cessionária para o uso de mapas elaborados pela Cedente, descritos e identificados abaixo:

- Mapa 3 – Recursos Naturais;
- Mapa 4 – Cheios e Vazios;
- Mapa 5 – Distribuição de áreas no perímetro territorial do quilombo;
- Mapa 6 – Traçado viário da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas.

FINALIDADE DO USO:

Os mapas, objeto deste Termo, poderão ser utilizados exclusivamente para fins acadêmicos no âmbito do curso de Arquitetura e Urbanismo, conforme especificado pela Cessionária. É estritamente proibida qualquer utilização para fins comerciais, publicitários ou de divulgação em plataformas públicas e/ou privadas sem a prévia e expressa autorização por escrito da Cedente.

DIREITOS E OBRIGAÇÕES DAS PARTES:

➤ Da cedente:

- a. Garantir a autenticidade, qualidade e integridade do material cedido à Cessionária.
- b. Autorizar o uso dos mapas exclusivamente para os fins estipulados neste Termo.

Página | 2

➤ Da cessionária:

- a. Utilizar os mapas exclusivamente para a finalidade descrita no presente Termo, respeitando os direitos autorais da Cedente.
- b. Citar adequadamente as fontes e a autoria dos mapas em qualquer trabalho, apresentação ou documento em que forem utilizados, utilizando o crédito:

"Mapas cedidos por Next Soluções e Consultoria LTDA, 2024."

- c. Não alterar, reproduzir, redistribuir ou compartilhar os mapas, no todo ou em parte, sem autorização formal da Cedente.
- d. Garantir que os mapas não serão usados de forma a causar danos à reputação ou aos interesses da Cedente.

RESCISÃO:

O presente Termo poderá ser rescindido a qualquer momento pela Cedente, mediante comunicação formal à Cessionária, em caso de descumprimento de qualquer das obrigações previstas neste instrumento.

DISPOSIÇÕES FINAIS:

As partes declaram ter plena ciência e concordância com os termos aqui estabelecidos.

Este Termo é pessoal e intransferível, não podendo a Cessionária ceder a terceiros os direitos de uso concedidos.

Eventuais dúvidas ou controvérsias oriundas deste Termo deverão ser solucionadas amigavelmente entre as partes. Caso não seja possível, elegem o foro da comarca de Salgueiro-PE como competente para dirimir questões, renunciando a qualquer outro, por mais privilegiado que seja.

NEXT
CONSULTORIA E SOLUÇÕES LTDA

Next C

NEXT SOLUÇÕES E CONSULTORIA

Maria B

Página | 3

NEXT
CONSULTORIA E SOLUÇÕES LTDA